

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO “CARLOS ALBERTO REYES
MALDONADO”**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA**

ROSIANE RIBAS DE SOUZA ELER

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE SINAIS DA LIBRAS, ASL E DA LÍNGUA DE
SINAIS DOS INDÍGENAS SURDOS PAITER SURUÍ**

CÁCERES-MT

2023

ROSIANE RIBAS DE SOUZA ELER

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE SINAIS DA LIBRAS, ASL E DA LÍNGUA DE
SINAIS DOS INDÍGENAS SURDOS PAITER SURUÍ**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

CÁCERES-MT

2023

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

- E37e ELER, Rosiane Ribas de Souza.
Estudo Comparativo entre Sinais da Libras, Asl e da Língua de Sinais dos Indígenas Surdos Paiter Suruí / Rosiane Ribas de Souza Eler - Cáceres, 2023.
182 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (não)
- Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.
Orientador: Wellington Pedrosa Quintino
1. Línguas de Sinais Paiter Suruí. 2. Análise Comparativa. 3. Libras. 4. Língua de Sinais Locais. 5. Língua de Sinais Nacionais. I. Rosiane Ribas de Souza Eler. II. Estudo Comparativo entre Sinais da Libras, Asl e da Língua de Sinais dos Indígenas Surdos Paiter Suruí: .
CDU 81'374.4

ROSIANE RIBAS DE SOUZA ELER

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE SINAIS DA LIBRAS, ASL E DA LÍNGUA DE
SINAIS DOS INDÍGENAS SURDOS PAITER SURUÍ**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Orientador(a) – PPGL/UNEMAT

Prof. (a) Dr. Alexandre Melo de Sousa
Avaliador(a) Interno(a) – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Valéria Faria Cardoso
Avaliador(a) Interno(a) – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento.
Avaliador(a) Externo(a) – PPGL/UNB

Profa. Dra. Diná Souza da Silva.
Avaliador(a) Externo(a) –PPGLin/UFSC

APROVADA EM: 08/12/2022.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Cacique Sr. Joaquim Suruí e a Uraan Anderson Suruí por nos proporcionar o livre acesso a comunidade indígena. À comunidade surda e aos indígenas surdos, razão pela qual tenho caminhado pela pesquisa, por ser fonte de inspiração e busca de novos saberes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que através da minha fé posso sentir sua presença em todos os momentos difíceis me dando força para vencer cada desafio, criador de todas as coisas que por sua graça infinita nos permite o fôlego de vida diário.

Aos meus pais, João Carlos e Guiomar, que me oportunizaram a vida, que sempre me incentivaram a estudar, que vibram, oram e torcem por mim em todos os meus projetos e pelo apoio e amor incondicional.

Agradeço a minha avó Isabel, que sempre me aconselhou a correr atrás dos meus sonhos, e que hoje se orgulha pela sua primeira neta a chegar a essa etapa da vida acadêmica.

Aos meus irmãos Marcos, Queila e Damares, que são meu porto seguro em todos os momentos, compreendendo as minhas ausências e auxiliando para tornar esse período mais tranquilo.

A minha netinha Ana Vitória, que nos deu o ar da sua presença nesse mundo durante esse tempo nos trazendo muitas felicidades, e os meus sobrinhos que com seus sorrisos fazem meus dias mais leves.

Quero agradecer ao meu marido Theo, que teve paciência e compreensão durante esta trajetória de conviver com minha ausência no ano que cursei as disciplinas.

À minha filha Juliana e meu genro Junior, responsável por eu estar pesquisando a surdez, representando toda a comunidade surda a que tenho dedicado minha vida profissional.

Agradeço ao meu orientador, pelo partilhar da sua formação linguística nas suas orientações e pela sua amizade construída nesse caminhar, muito obrigada.

Aos meus colegas e professores do programa de doutorado que contribuíram para crescimento teórico durante as aulas.

Aos amigos que fiz nessa trajetória, em especial: Gislaine, Márcia, Djenani e Amauri, que tornaram os dias mais leves e descontraídos com suas presenças.

À banca, aos professores Dr. Alexandre Melo de Sousa e Dr. Andrew Nevins que deram preciosas contribuições para minha tese, à professora Dra. Sandra Patrícia Nascimento que contribui para minha formação no início da minha carreira na educação de surdos e agora, me honra nesse momento com seu saber linguísticos para melhoria do meu trabalho.

Aos alunos indígenas surdos da Linha 14 de Cacoal e ao povo Paiter Suruí ao permitir esta pesquisa compartilham seus conhecimentos e cultura.

Aos meus amigos e amigas que me ajudaram a ir em frente, acreditando em mim.

Enfim, a todos que contribuem para constituir o Sujeito que eu sou hoje, meus agradecimentos de coração!

EPÍGRAFE

“Tu porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste.

E que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus.”
(II TIMÓTEO, 3:14-15).

RESUMO

A educação de surdos, na atualidade, tem sido objeto de estudo nas diversas esferas do saber acadêmico, provocando profundas discussões e avanços acerca deste tema. Esta pesquisa está vinculada ao programa de Pós-graduação em Linguística, na linha de pesquisa Estudo de Processos Descritivos, Análise e de Documentação de Línguas Indígenas. Este estudo teve como objetivo analisar, comparativamente, sinais Paiter Suruí registrados nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017), e Eler (2017; 2020) com sinais da ASL (Língua de Sinais Americana) e a Libras. A problemática levantada sobre o tema é: os sinais Paiter Suruí registrados nessas pesquisas apresentam a mesma estrutura de sinais de outras línguas de sinais? A pesquisa se baseia nos estudos linguísticos de Stokoe, a partir dos anos de 1960, que levaram à compreensão e reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais dos surdos. Os estudos comparativos entre essas línguas de sinais estão fundamentados em Brentari (1998; 2010; 2012), Quadros (2019), Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira (2010). Esses estudos fazem referência à fonética e fonologia nas línguas de sinais. Brentari (1998) ao descrever a estrutura fonológica na formação dos sinais, tomando como parâmetro a ASL, dividiu-a em oito tipos de sinais, formando um conjunto básico necessário para descrever a estrutura de qualquer modelo de conjunto fonológico completo para as línguas sinalizadas. Os estudos das articulações manuais e descrição fonológica na estrutura dos sinais será fundamentado em Crasborn (2012). Para fundamentar a discussão sobre a importância do registro de línguas não oficiais, levando em consideração o desenvolvimento de uma língua de grupos de surdos isolados dos grandes centros urbanos, buscamos pesquisas realizadas com grupos de sinalizantes de línguas de sinais locais. O percurso metodológico seguiu os passos da pesquisa, sendo caracterizado em um estudo de caso, com olhar nas metodologias de pesquisas pós-críticas de Meyer e Paraíso (2012) que com um jeito novo e livre de encaminhar suas pesquisas, reconhece uma forma de trilhar novos caminhos que possibilitam a produção de conhecimento a partir das questões que motivaram essa pesquisa. Dentre as oito características citadas por Brentari (1998), seis foram identificadas nos sinais da Língua de Sinais Paiter Suruí, sendo elas: os sinais realizados com uma mão; a segunda, os sinais realizados com as duas mãos; sinais com empréstimos linguísticos; Sinais com afixação de acordo; formação dos compostos e formas classificadoras. As formas de classificadores, embora foram poucas encontradas, isto pode ser pelo fato de termos poucos sinais registrados. A pandemia de Covid 19 impediu as visitas na aldeia e o andamento de um projeto de pesquisa de campo com esse grupo de indígenas surdos. Se estivéssemos presente na pesquisa em campo talvez já tivéssemos resposta para uma questão como esta, da presença de um número maior de classificadores nos discursos desses indígenas. Face ao exposto, almejamos contribuir para o crescimento cultural e linguístico da comunidade surda indígena. Apresentamos contribuições linguísticas para as línguas de sinais locais que estão em fase de reconhecimento do seu *status* linguístico.

Palavras-chave: Línguas de sinais Paiter Suruí; Análise comparativa; Libras. Línguas de sinais locais; Línguas de sinais nacionais.

COMPARATIVE STUDY BETWEEN LIBRAS, ASL AND SIGN LANGUAGE SIGNS OF THE INDIGENOUS DEAF PAITER SURUÍ

ABSTRACT

The education of the deaf nowadays has been the object of study in the various spheres of academic knowledge, provoking deep discussions and advances on this topic. This research is linked to the Postgraduate Program in Linguistics, in the research line Study of Descriptive Processes, Analysis and Documentation of Indigenous Languages. This study aimed at comparatively analyzing Paiter Suruí signs recorded in the surveys of Costa (2017), Gregianini (2017), and Eler (2017; 2020) with signs from ASL (American Sign Language) and Libras. The problem raised on the subject is: Do the Paiter Suruí signs recorded in these studies present the same structure of signs of other sign languages? The research is based on Stokoe's linguistic studies from the 1960's that led to the understanding and recognition of sign languages as natural languages of the deaf. The comparative studies among these sign languages are based on Brentari (1998; 2010; 2012) Quadros (2019), Quadros and Karnopp (2004) and Ferreira (2010). These studies refer to phonetics and phonology in sign languages. Brentari(1998), when describing the phonological structure in the signs formation, taking as a parameter the ASL, divided it into eight types of signs, forming a basic set necessary to describe the structure of any complete phonological set model for the sign-based languages. Studies of manual joints and phonological description in the structure of signs will be based on Crasborn (2012). To support the discussion on the importance of the registration of unofficial languages, taking into account the development of a language of deaf groups isolated from large urban centers, we sought studies carried out with groups of sign language users of local sign languages. The methodological path followed the research steps, being characterized in a case study, a look at the methodologies of post-critical research of Meyer and Paraíso (2012) that with a new and free way to forward their research, it recognizes a way to walk new paths that enable the production of knowledge from the issues that motivated this research. Among the eight characteristics cited by Brentari (1998), six were identified in the signs of the Paiter Suruí Sign Language, which are: signs performed with one hand; the second, signs performed with both hands; signs with linguistic borrowing; signs with agreement affixation, formation of compounds and classifier forms. The classifier forms, though were few found, this may be because we had few signs recorded. The pandemic Covid 19 prevented the visits to the village and the progress of a research project with this group of deaf indigenous people. If we had been present in the field research we might have already had an answer to a question like this, of the presence of a larger number of classifiers in the speeches of these indigenous people. In view of the above, we aim to contribute to the cultural and linguistic growth of the indigenous deaf community. We introduce linguistic contributions to the languages of local signs that are in the phase of recognition of their linguistic status.

Keywords: Paiter Surui Sign Language; Comparative analysis; Libras; Local signs languages; National signs languages.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado;

AM – Amazonas;

ASL – *American Sign Language* / Língua de Sinais Americana;

COOPSUR – Cooperativa Paiter Suruí;

CEEJA – Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos;

FENEIDA – Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos;

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos;

FUNAI – Fundação Nacional do Índio;

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária;

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos;

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais;

LSPS – Língua de Sinais Paiter Suruí;

MEC – Ministério da Educação;

MT – Mato Grosso;

MS – Mato Grosso do Sul;

RO – Rondônia;

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação;

SPS – Sinais Paiter Suruí;

SC – Santa Catarina;

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro ;

UNEMAT – Universidade Estadual do Mato Grosso;

UNIR – Universidade Federal de Rondônia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Localização do Estado de Rondônia e da Terra Indígena Sete de Setembro.....	24
Figura 2 – Mapa de Localização de toda Terra Indígena do Instituto Socioambiental.....	24
Figura 3 – Aldeia Gapgir Paiter Suruí - Via Satélite	29
Figura 4 – Museu Paiter A Soe	30
Figura 5 – Objetos expostos na inauguração do Museu Paiter a Soe	30
Figura 6 – Imagem aproximada da escola, museu e posto de Saúde da Aldeia Gapgir – Via Satélite	31
Figura 7 – Escola Indígena José do Carmo Santana	32
Figura 8 – Posto de Saúde	32
Figura 9 – Mapa das comunidades de línguas locais da entre os povos ameríndios	57
Figura 10 – Sinal de FALAR e FALAR-MUITO (demasiadamente)	77
Figura 11 – Sinal de TRABALHAR e TRABALHAR-MUITO	77
Figura 12 – Quadro de configuração de mãos	85
Figura 13 – Tipos de articulação da mão e dedos	90
Figura 16 – Diferentes tipos de articuladores segundo Quadros (2019)	92
Figura 17 – Sinal de SENTAR e CADEIRA em Libras.....	116
Figura 18 – Quadro de composição do léxico proposto por Brentari e Padden.....	117
Figura 19 – Sinal de READ/READING (ler e leitura) em ASL	122
Figura 20 – Sinal de PENSAR e AUTO e ‘pensar em si mesmo’ em ASL	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Municípios com incidência nesta Terra Indígena	23
Quadro 2 – Informações da Terra Indígena Sete de Setembro.....	27
Quadro 3 – Pesquisas realizadas no Brasil de línguas sinalizadas locais.....	64
Quadro 4 – Quadro de configuração de mão com flexões e extensões dos punhos e dedos da ASL, Libras e LSPS	80
Quadro 5 – Configuração de mãos com posição do punho levemente flexionado se alternando no movimento para dentro e para fora e os dedos estendidos em ASL, Libras e LSPS	81
Quadro 6 – Quadro de configuração de mãos com flexões de punho flexionado e dedos estendidos na ASL, Libras e LSPS	82
Quadro 7 – Segunda parte dos sinais de CANGURU e RATO.....	83
Quadro 8 – Configuração de mão com punhos flexionados, dedos estendidos na ASL, Libras e LSPS	84
Quadro 9 – Configuração de mãos com punhos hiperestendidos e punhos flexionados em ASL e Libras	86
Quadro 10 – Exemplo de evidência fonológica específica	87
Quadro 11 – Exemplo de evidência fonológica específica na Libras e na LSPS	88
Quadro 12 – Sinais de formas monomorfêmicas com movimento local.....	93
Quadro 13– Sinais de formas monomorfêmicas com movimento local e de caminho	97
Quadro 14 – Sinais de formas monomorfêmicas com as duas mãos.....	99
Quadro 15 – Sinais realizados com duas mãos e com movimentos síncronos.....	102
Quadro 16 – Sinais realizados com duas mãos e com movimentos alternados com a mesma configuração.....	109
Quadro 17 – Sinais realizados com as duas mãos sendo uma mão ativa e outra passiva com a mesma forma.....	111
Quadro 18 – Sinais realizados com uma mão ativa e outra passiva com formas diferentes	114
Quadro 19 – Sinais com empréstimos digitalizados e empréstimos linguísticos.....	118
Quadro 20 – Classificadores nas língua de sinais.....	121

Quadro 21 – Sinais com nominais derivados	123
Quadro 22 – Sinais com afixação de acordo.....	125
Quadro 23 – Sinais com na afixação de acordo na direcionalidade de alguns verbos.....	129
Quadro 24 – Sinais simples e composto em Libras.....	131
Quadro 25 – Sinais simples e composto em LSPS.....	133
Quadro 26 – Sinais compostos em relação a Libras e LSPS.....	137
Quadro 27 – Comparação de sinais em Libras e em LSPS.....	141
Quadro 28 – Sinal de TUDO-BEM e JANTAR em Libras.....	143
Quadro 29 – Sinais com palavras derivadas em ASL e Libras.....	144
Quadro 30 – Sinais classificadores.....	147
Quadro 31 – Tabela com os oito tipos de formação de sinais.....	155

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I	23
BREVE HISTÓRICO DO POVO PAITER SURUÍ.....	23
1.1 Um pouco da história dos Paiter Suruí	23
1.2 Os indígenas surdos Paiter Suruí	31
CAPÍTULO II	35
LÍNGUAS DE SINAIS NO MUNDO	35
2.1 Breve histórico do sujeito surdo e desenvolvimento das línguas de sinais no mundo	35
2.2 As línguas de sinais no Brasil	43
2.3 Conceitos utilizados para as línguas naturais	51
2.4 Documentação e descrição das línguas de sinais locais no mundo	53
CAPÍTULO III	67
O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	67
3. 1 Metodologia	67
CAPÍTULO IV	72
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS	72
4.1 Línguas de Sinais – o que são? E seu <i>status</i> linguístico de língua natural	72
4.2 A linguística das línguas de sinais	73
4.3 Comparação de tipos de articulação de mão em ASL, Libras e LSPS	78
CAPÍTULO V: CARACTERÍSTICA BÁSICAS PARA FORMAÇÃO DE SINAIS EM QUALQUER LÍNGUA DE SINAIS	91
5.1 Sinais com formas monomorfêmicas simples com uma mão	91
5.2 Sinais de formas monomorfêmicas com as duas mãos	98
5.3 Sinais com empréstimos digitalizados.....	117
5.4 Sinais com nominais derivados	122
5.5 Sinais com afixação de acordo	124
5.6 Sinais compostos	130
5.7 Sinais com palavras derivadas	142
5.8 Sinais com formas classificadoras	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS	163
ANEXOS	170
COCAR	170

IGREJA	170
MUSEU.....	171
URUCUM	171
COLAR	172
BATATA-DOCE	172
BICICLETA	173
PRATO	173
VENTILADOR	174
LIGAR MOTO (sinal de ‘ligar moto’ em Paiter Suruí).....	174
BARRACÃO	175
CASA	175
MANDIOCA	176
ANEL	176
PULSEIRA	177
PANELA DE BARRO	177
COZINHAR	178
ESSA MOTO MINHA (essa moto é minha)	178
LÁ ÁGUA [aponta para a garrafa] (lá na garrafa tem água)	179
AQUELA GALINHA MINHA (aquela galinha é minha)	179
LÁ DUAS BICICLETAS [aponta para casa dele] (lá em casa tem duas bicicletas)	180
GALINHA	180
MEU/MINHA	181
AQUELA	181
MOTO	182

INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos das línguas de sinais na atualidade têm sido objeto de pesquisa nas diversas esferas do saber acadêmico, causando profundas discussões e avanços acerca deste tema. O resultado tem sido marcado pelas mudanças de paradigmas do método oral, que objetivava fazer com que o surdo falasse, para o bilinguismo, que é a valorização da língua de sinais e o ensino da língua falada na localidade na sua forma escrita. Tal contexto mostra a necessidade de tornar prioritário o uso da língua de sinais como referencial de construção da identidade cultural da comunidade surda.

Um marco referencial foi a legalização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Brasil para o reconhecimento do direito à diferença linguística e cultural da comunidade surda. A Lei Federal de Libras 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005 legitimaram ações para a inclusão dos surdos na sociedade, como forma de respeitar as diferenças e reconhecimento da Libras, dando a ela *status* de língua, assegurando aos surdos brasileiros sua identidade cultural e, com isso, o seu empoderamento.

O estudo analisa um grupo que nas últimas décadas está sendo lembrado no cenário linguístico atual em que os surdos brasileiros estão vivendo, os indígenas surdos. Tem como base uma comunidade de aproximadamente oito surdos, entre jovens, adolescentes e crianças que se comunicam e expressam por meio de sinais indígenas próprios, denominados LSPS (Língua de Sinais Paiter Suruí).

Sobre essas línguas de sinais que surgem em grupos distantes dos grandes centros urbanos, Almeida-Silva e Nevins (2020, p. 1031), afirmam: “[...] surgem em contextos nos quais uma comunidade surda se encontra, por algum motivo, isolada do *input* de outra língua de sinais estável, em um local em que se identifica uma alta incidência de surdez hereditária.”

As causas de surdez nesse grupo de indígenas ainda são desconhecidas, não houve uma pesquisa científica para descobrir o porquê da grande incidência de surdos. O primeiro caso de surdez na aldeia aconteceu no ano de 1989, segundo relato de familiares. Costa (2017), descreve os relatos feitos pelos familiares, quanto aos diagnósticos médicos:

[...] segundo informações médicas, a provável causa da surdez seria a forma dos casamentos praticados pela cultura indígena (do tio com a sobrinha, a filha da irmã), mas o pai disse que na cultura indígena eles não são parentes e que culturalmente não identificaram ainda o motivo da surdez nos filhos. (COSTA, 2017, p. 105).

Assim podemos verificar que algumas hipóteses foram levantadas sobre a causa da alta incidência de surdez nesse grupo de indígenas surdos, mas que ainda não foram confirmadas de forma científica.

A questão que direciona esse tema é: Os sinais Paiter Suruí registrados em pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017 e 2020), apresentam a mesma estrutura dos sinais, levando em consideração os oito critérios de qualquer língua de sinais que passam a ser descritos por Brentari (1998)? Para responder à questão que motivou esta pesquisa, podemos apontar as seguintes hipóteses: o registro de algumas categorias de palavras/sinais registradas nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017 e 2020), de sinais dos indígenas surdos Paiter Suruí contribuirá como material de pesquisa para fazer a comparação desses sinais da LSPS de indígenas surdos Paiter Suruí com o sinais da ASL (Língua de Sinais Americana) e a Libras; se for comprovado que os sinais da LSPS apresentam a mesma estrutura na sua formação, quando comparados com sinais da ASL e da Libras, isso contribuirá para o seu reconhecimento e auxiliará para criar bases que podem levar ao reconhecimento de uma língua natural; e que a referida pesquisa contribuirá para os estudos linguísticos e comparativos de estrutura de sinais para que essa língua seja reconhecida oficialmente.

O objetivo da pesquisa é fazer uma análise comparativa dos sinais da Língua de Sinais Paiter Suruí registrados nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017 e 2020), com sinais de outras línguas se sinais nacionais entre elas a ASL e a Libras.

Como pressupostos para alcançar o objetivo, pretendemos apresentar um breve histórico do povo Paiter Suruí; fazer um levantamento do histórico das línguas de sinais no mundo e o processo de descrição e documentação das línguas de sinais de grupos sociais distantes de grandes centros urbanos ou de línguas não oficiais buscando discutir os processos de desenvolvimento linguístico desses grupos sociais; descrever o reconhecimento dos estudos linguísticos das línguas de sinais dentro da área da linguística, a partir dos estudos de Willian Stokoe como língua natural dos sujeitos surdos; estabelecer um paralelo entre os sinais Paiter Suruí e os sinais da ASL e da Língua de Sinais Brasileira, observando o que há em comum na constituição desses sinais.

A escolha deste tema se definiu pelo trilhar de pesquisadora e professora da Universidade Federal de Rondônia (Unir) da disciplina de Libras. Ao ministrar a disciplina no ano de 2014, no curso de Licenciatura Intercultural para Professores Indígenas, descobri que entre os acadêmicos havia dois que tinham filhos surdos; no decorrer da disciplina, ao debater o tema da inclusão dos surdos nas escolas regulares, esses acadêmicos indígenas trouxeram tal problemática que viviam na aldeia em que residem e informaram que havia oito indígenas

surdos naquela localidade. Marcamos, então, uma visita para conhecer e ao chegar lá vimos a necessidade de fazer um mapeamento dos sinais, pois percebi que os indígenas surdos, pelo fato de se constituir um grupo, tinham sinais próprios.

Iniciei, pois, o mapeamento dos sinais no mestrado, no princípio, era o meu projeto. Mas, quando começamos as visitas, meu orientador percebeu que era um campo muito vasto e inseriu mais duas pesquisadoras para realizar a pesquisa; cada uma atuou em uma área, eu fiquei com ambiente escolar, a Costa (2017), com ambiente familiar e Gregianini (2017), com o ambiente da comunidade.

O início da minha trajetória no trabalho com surdos foi em 2000. Por ter uma filha surda e ser professora na Rede Estadual de Rondônia, fui convidada a participar do projeto “O surdo e o Computador” ofertado para atender a alunos surdos pela Secretaria de Estado de Educação (Seduc).

Particpei desse projeto por cinco anos e, no decorrer desse tempo, a equipe de professores do projeto viu a necessidade de organizar a educação de surdo no município de Ji-Paraná (RO). Elaboramos um projeto no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) para atender os surdos Jovens e Adultos e organizamos os surdos em idade série em duas escolas com salas de recursos compostas por professores bilíngues que faziam o atendimento dos alunos no contraturno.

A partir desses projetos, a comunidade surda de Ji-Paraná foi se organizando pelo fato de os projetos proporcionarem que os surdos estivessem em contato com seus pares linguísticos. Todo o meu envolvimento com a comunidade surda e as lutas por melhores condições de aprendizagem para esses alunos decorreu do fato de, por minha condição de mãe, lutar pela formação acadêmica da minha filha.

Em 2014 concluímos uma turma de ensino médio bilíngue com 14 surdos. Esse projeto foi organizado com dois professores bilíngues e um professor surdo atendendo às disciplinas da área de Humanas e Letras, dois professores que atuaram nas Exatas e em Biologia que tinham suas aulas interpretadas.

O projeto foi um sucesso, os surdos se sentiram verdadeiramente incluídos com as disciplinas sendo ministradas em Libras como língua de instrução e estratégias visuais nas aulas e contar com um professor surdo que era o grande diferencial.

Nesse mesmo ano fiz concurso para a Universidade Federal de Rondônia e iniciei a docência no ensino superior. Dos alunos que participaram do projeto de ensino médio bilíngue, a maioria cursou a universidade. A maioria deles hoje concluíram o ensino superior, alguns cursaram Pedagogia, uma das alunas foi a primeira surda do primeiro curso de Letras Libras a

entrar na Unir em Porto Velho, tivemos outro aluno que cursou Educação Física na Unir também. Outros três estão cursando em faculdades particulares. Uma das alunas surdas está neste ano terminando o Mestrado em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat).

Após entrar na universidade como docente iniciei esse campo de pesquisa com indígenas surdos que têm nos desafiado a buscar, por meio dos estudos linguísticos, respostas para essa área.

Com a pesquisa, esperamos divulgar a importância desses estudos para dar às línguas de sinais que se constroem em grupos sociais com um número reduzido de falantes ou sinalizantes o *status* de língua que elas comprovam ter. O grupo de indígenas surdos a que ela se destina, e que são nossos consultores nativos, vivem na Terra Indígena Sete de Setembro, no município de Cacoal (RO).

Assim, com um olhar de luta e em defesa dos surdos indígenas, o presente estudo pretende contribuir para o reconhecimento de uma língua natural desse grupo de indígenas surdos Paiter Suruí.

A análise aqui empreendida está fundamentada no estudo de caso com aportes na pesquisa qualitativa, trilhando caminhos da metodologia de pesquisa pós-crítica em educação que tem um jeito novo de direcionar suas pesquisas não descartando o que já foi pesquisado anteriormente, mas dando um novo olhar para os dados que nas pesquisas pós críticas de Meyer e Paraíso (2012), são chamados de produção de dados respeitando a identidade cultural do Povo Paiter Suruí.

O projeto inicial era ampliar o registro das categorias de sinais com o grupo de indígenas surdos e, como resultado, criar um glossário com esses sinais. Devido à pandemia de Covid-19, a pesquisa de campo foi suspensa e traçamos novo viés para ela, qual seja, o de comparar os sinais mapeados nas pesquisas de Eler (2017 e 2020), Costa (2017) e Gregianini (2017), com a ASL e a Libras, no âmbito das oito características de tipos de sinais que segundo Brentari (1998) formam um conjunto básico necessário para descrever a estrutura de qualquer língua sinalizada. Portanto, foi utilizado os dados produzidos no mestrado com ampliação das análises para a estrutura dos sinais da Língua de Sinais Paiter Suruí com base nos cânones universais para as línguas sinalizadas fundamentados em Brentari (1998), que trouxe oito características básicas que qualquer língua sinalizada contempla.

Diante do exposto e no intuito de alcançar os objetivos propostos, a presente tese se estrutura da seguinte forma:

No primeiro capítulo abordamos um pouco da história no contexto geral dos indígenas Paiter Suruí de Rondônia: sua localização, demografia, atividades econômicas, organização social nas comunidades indígenas, seu contato com o homem não indígena, bem como alguns de seus costumes que podem auxiliar na relação língua-cultura entre a língua de sinais Paiter Suruí e a cultura Suruí, incluindo os indígenas surdos nesse processo. Essas informações são relevantes para a contextualização do leitor na compreensão sobre o *corpus* analisado.

No segundo capítulo, fizemos o breve histórico do sujeito surdo e o desenvolvimento das línguas de sinais no mundo, bem como os registros já realizados no Brasil. Delimitamos a nomenclatura dos conceitos para as línguas de sinais estudadas. Mostramos as pesquisas já realizadas com grupos de surdos que apresentam uma língua de sinais denominada local ou não oficial e a importância do registro e reconhecimento dessas línguas como genuínas nas suas comunidades de sinalização. Esse levantamento teve o objetivo de mostrar ao leitor que o assunto já está sendo discutido há alguns anos a nível mundial nos estudos científicos.

No terceiro capítulo da tese discorreremos sobre os caminhos metodológicos que fundamentam o estudo. A opção escolhida foi a produção de conhecimento pautada na metodologia de pesquisa pós-crítica através da análise comparativa entre os sinais Paiter Suruí, Libras e ASL seguindo as premissas das pesquisas teóricas de Brentari (1998), sobre a ASL, Quadros (2019), Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira (2010), sobre a Libras.

No capítulo IV, foram abordadas as bases científicas da linguística das línguas de sinais. A partir de 1960, por Willian Stokoe, linguista americano, os estudos linguísticos passaram a reconhecer as línguas de sinais como línguas de modalidade espaço-visual e, logo, apresentavam uma estrutura análoga às línguas orais.

Já no capítulo V, trazemos as análises comparativas das línguas de sinais Libras, ASL e LSPS. As análises comparativas foram baseadas em oito tipos de sinais formando um conjunto básico necessário para descrever a estrutura de qualquer modelo de conjunto fonológico completo para as línguas sinalizadas, conforme descrito por Brentari (1998).

Ressaltamos que a amostra aqui apresentada compreende alguns sinais que podem servir futuramente como base para análises mais detalhadas dessas línguas de sinais locais, que também são conhecidas em outras pesquisas de língua de sinais emergentes.¹

¹ Existem pesquisas que tratam as línguas de sinais utilizadas em comunidades com menor número de falantes ou sinalizantes, e que se diferem da Língua de Sinais oficiais daquela região, de língua de sinais emergente. Por uma questão de afinidade o termo língua de sinais emergentes será ampliado para Línguas Locais, este foi escolhido para ser utilizado neste trabalho, visto que outros autores como Leite e Quadros (2014), Quadros (2019) ampliam o conceito e o denominam assim.

Assim, há necessidade de manter as pesquisas atuantes nessa área de língua de sinais de grupos não oficiais, contribuindo nos processos de afirmação linguística de indivíduos indígenas surdos, bem como, com esses registros, incentivar a ampliação da língua local.

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRICO DO POVO PAITER SURUÍ

Neste capítulo apresentamos a trajetória do Povo Paiter Surui de Rondônia, especificamente no que diz respeito a sua localização geográfica, organização social das aldeias, suas atividades econômicas e sobre os indígenas surdos Paiter Suruí. Para isso, dividimos em duas seções: na primeira “Um pouco da história dos Paiter Suruí”; na segunda, “Os indígenas surdos Paiter Suruí.”

1.1 Um pouco da história dos Paiter Suruí

A Terra Indígena Sete de Setembro dos Paiter Suruí está localizada na divisa dos estados de Mato Grosso e Rondônia; é composta por 26 aldeias distribuídas numa área de 247.870 hectares, localiza-se ao sul do município de Cacoal/RO até o norte do município de Rondolândia/MT. (ISA: 2021).²

A seguir, seguem as informações disponíveis no site: terrasindigenas.org.br.

Quadro 1 – Municípios com incidência nesta Terra Indígena



#	Estados (UF)	Município	Área do município (ha)	Área da TI no município (ha)	Área da TI no município (%)	
1	RO	Cacoal	379.294,80	97.773,33	25,77	25,77
2	RO	Espigão D'Oeste	451.802,60	2.070,74	0,46	0,46
3	MT	Rondolândia	1.267.085,20	148.992,98	11,76	11,76

Exportar para CSV

Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), 2021.³

² Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3858>. Acesso em maio de 2021.

³ Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3858>. Acesso em maio de 2021.

A Terra Indígena Sete de Setembro foi demarcada em 1976, todavia, foi homologada somente em 1983 pelo Decreto Federal nº 88.867/83 pelo presidente João Figueiredo.

Figura 1 – Mapa de Localização do Estado de Rondônia e da Terra Indígena Sete de Setembro.⁴

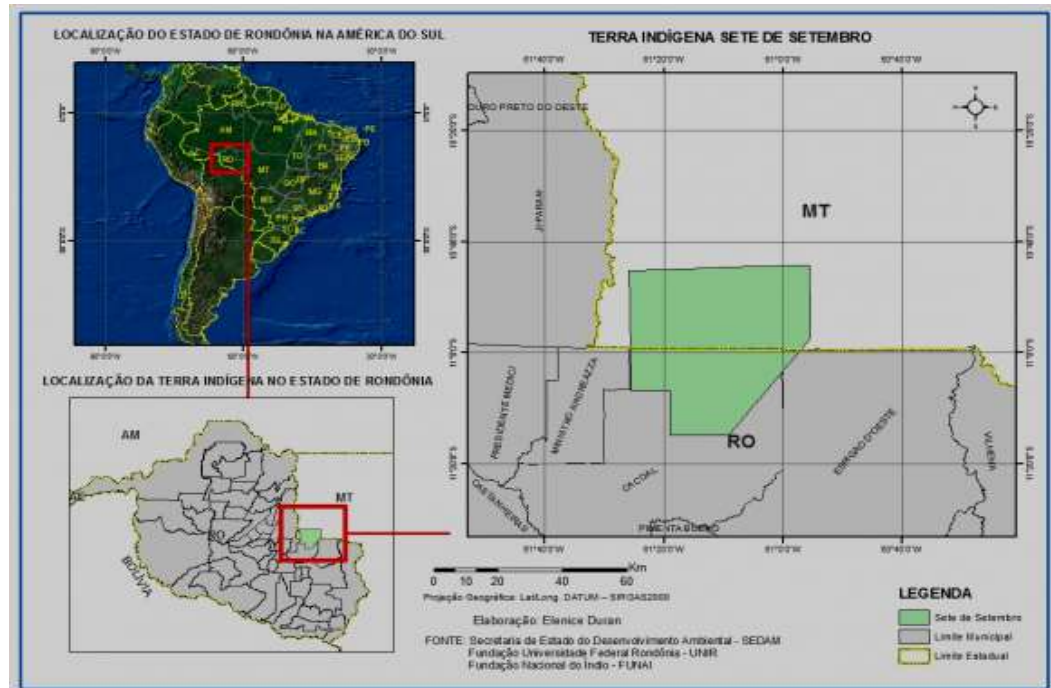


Figura 2 – Mapa de Localização de toda Terra Indígena do Instituto Socioambiental



⁴ Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10218>. Acesso em julho de 2020.

⁵ Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3858> acesso em maio de 2021.

Esses indígenas se autodenominam Paiter, têm como língua materna a língua Paiter Suruí, do tronco Tupi, da família linguística Mondé. Segundo Joaton-Suruí (2018, p. 54), “[...] nos autodenominamos como Povo Paiter, falantes da língua Paiter vinculada ao tronco Tupi Mondé, localizado na Terra Indígena Sete de Setembro”. Ainda sobre os nomes com que eles se autodenominam e a sociedade os denomina, o autor esclarece:

[...] a respeito do povo indígena Paiter Suruí, a escrita do nome a respeito da nossa autodenominação está equivocada. Paiter significa gente, ou, pessoa e o termo ‘Suruí’ foi denominação dada pelos sertanistas Francisco Meirelles e Apoená Meirelles, a quem condizem a emancipação dos povos Paiter no tempo do contato. Dizer que Paiter significa ‘gente de verdade’ está incorreto, pois para ser ‘gente de verdade’ a escrita teria que ser *Paiter Itehr*, que significa ‘gente de verdade’ ou ‘gente verdadeira’. (JOATON-SURUÍ, 2018, p. 52-53).

O povo indígena Paiter Suruí organiza-se social e politicamente em clãs⁶ que são formações de grupos de pessoas da mesma linhagem familiar, sendo dividido nos subgrupos Kaban, Gapgir, Makor e Gamep. Segundo Mendes (2017, p. 27), “[...] a governança política e social desse povo é clânica e organiza-se em metades compostas por grupos exogâmicos patrilineares.”

Os clãs são organizados em bases de sistema de governança política, esta escolhida pelo sistema de parentesco, cuja organização social é patrilinear e preconiza a exogamia clânica, em que os casamentos são permitidos apenas entre clãs diferentes. O homem casa-se com a filha de sua irmã, pois segundo sua concepção cosmogônica, essa não é parente próxima, pois pertence a outro clã, o culmina no casamento entre primos cruzados, e dessa forma mantém-se a exogamia clânica patrilinear. (SILVA *et al.*, 2015, p. 9).

Cada um dos clãs, além dos seus nomes, apresenta um nome relacionado à natureza: Gapgir, marimbondo amarelo; Makor, taquara; e Gamep que significa marimbondo preto, Kaban⁷, que significa mirindiba ou fruta regional. Segundo Leite (2014, p. 68), este advém “[...]”

⁶ “O clã é composto por grupo de pessoas da mesma linhagem de parentesco – no caso do meu povo, uma linhagem que se estabelece pelo pai, ou seja, trata-se de uma organização patrilinear do parentesco” (CHICOEPAB-SURUÍ, 2013, p. 21-22).

⁷ “O clã Kaban possui essa denominação por assemelhar-se com uma fruta regional que tem a cor amarelada com o gosto azedo. E, de acordo com os relatos dos Paiter Suruí, a origem do clã acontece na época em estavam em guerra com os Cinta Larga – em decorrência da colonização da Amazônia - e um Paiter Suruí levou uma mulher Cinta Larga como esposa, dando origem a um dos maiores clãs na atualidade e que corresponde à metade da população” (SILVA *et al.*, 2015, p. 9).

do casamento de um membro do clã Gamep com uma mulher do povo Cinta-Larga, seus vizinhos em tempos imemoriais.”

O contato dos Paiter Suruí com os não indígenas se deu nos finais da década de 60 do século passado, seu território foi cortado pela BR 364, “[...] parte do território foi perdida para os colonos e empresas colonizadoras que chegaram à região.” (SILVA et al, 2015, p. 07).

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) criou aberturas de linhas na região do território Suruí, que são estradas abertas por esses projetos de colonização feitos pelo governo da época, que deram acesso aos colonos ao território indígena. O plano do Governo Federal em 1982, era de assentar 15 mil famílias nessa região.

Entre as décadas de 1970 e 1980, colonos, vindos de outros estados, avançavam sobre o nosso território Paiter Suruí. O Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (INCRA) abriu linhas de acesso para o interior do estado de Rondônia: Linha 15, Linha 14, Linha 13, Linha 12, Linha 11, Linha 10, Linha 9, Linha 8 e Linha 7. (CHICOEPAB-SURUÍ, 2013, p. 25).

São nessas distribuições de linhas que se localizam as aldeias dos Paiter Suruí ao final de cada uma delas. Os colonos foram assentados nessas linhas que posteriormente, nas quais, em 1976, foi feita a demarcação da Terra Indígena que mesmo sendo homologada somente no ano de 1983, já a partir de 1977 os indígenas dela tomaram posse, tendo alguns conflitos com colonos, houve intervenção da Força Nacional para amenizar a situação.

[...] a Força Nacional foi convocada pelo governo federal para vir e tentar minimizar os conflitos em torno das frentes de invasão da Terra Indígena. A Cruz Vermelha também veio ajudar as vítimas dessa guerra civil que se estabeleceu na região. O caso ganhou projeção nacional, devido à sua gravidade. (CHICOEPAB-SURUÍ, 2013, p. 26).

Na época de contato com os não indígenas a população Suruí era de aproximadamente 5 mil pessoas, sendo dizimada após o contato por doenças trazidas pelos não indígenas como tuberculose, sarampo, gripe e pneumonia. (SILVA et al., 2015). Em 1968 a Funai fundou um posto e no ano seguinte, no dia 7 de setembro, houve o primeiro contato dos indígenas com os sertanistas Francisco Meirelles e Apoena Meirelles, segundo Chicoepab-Suruí (2013): “O nome dado à Terra Indígena Sete de Setembro foi proposto pela Funai, homenageando a data do primeiro contato entre os Paiter Suruí e a sociedade nacional, em 1969.” Os indígenas só foram morar nesse posto cerca de três anos depois do contato, ao pedir ajuda devido a uma epidemia de sarampo que deixou cerca de 300 mortos. Aproximadamente um terço da população

continuou a morar fora da demarcação até o ano de 1977, próximo à vila de Espigão do Oeste. Nesse ano mudaram-se para outro posto da Funai, hoje a linha 14. (MINDLIN, 1985).

No início dos anos 80 contava com uma população resumidíssima; já em tempos mais recentes, sua população foi estimada em 1.375 pessoas, segundo dados da (Siasi/Sesai, 2014), disponível em https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui_Paiter acessado em 24 de março de 2021. Portanto, ainda longe da quantidade que eram antes do contato com os não indígenas no fim da década de 60.

No site www.terrasindigenas.org.br também encontramos as informações:

Quadro 2 – Informações da Terra Indígena Sete de Setembro



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA), 2021⁸

Segundo tradições indígenas descritas por Mindlin (1985), as atividades econômicas se organizavam assim: nas tarefas diárias entre os indígenas, antes do contato com os não indígenas, os homens eram responsáveis pelo suprimento de alimentos – de caça e pesca e pela organização e cultivo da terra para o plantio de alimentos –, já as mulheres, por cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e na produção de cestos, cerâmicas.

⁸ Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3858> acesso em 4 de maio de 2021.

Observa-se, portanto, que se assemelha à cultura geral na qual o papel do homem está ligado à força física e o da mulher, aos cuidados do lar.

Com o contato com o não indígena, os costumes foram se modificando: atualmente os indígenas atuam em diversas profissões como enfermeiros, agentes sanitários e de saúde, professores, auxiliando no sustento das famílias, além da caça e pesca, da agricultura e criação de animais. Após a demarcação e posse da reserva, os Paiter Suruí aproveitaram as lavouras de café, cacau e as terras formadas em pastos que tinham sido feitas pelos não indígenas antes da demarcação do território e as utilizam como forma de economia.

Pode-se considerar que a produção na maioria das aldeias acontece conforme Chicoepab-Suruí (2013, p. 40) denominou: produção própria e produção inserida. A produção própria seria “a que veio sendo praticada pela nossa ancestralidade” e, na sua grande maioria, destina-se ao consumo dos grupos familiares como o plantio de cará, mandioca, amendoim, batata-doce, milho, mamão, banana e a castanha-do-brasil, tanto é para consumo próprio como para alternativa de atividade econômica. O artesanato de colares, brincos, cestos e painéis de barro também faz parte das alternativas de atividades econômicas, sendo essas produzidas na maioria por mulheres.

A produção própria apenas como alternativa econômica corresponde à produção artesanal de painéis e outros utensílios de barro, colares, anéis, arcos e flechas. Atualmente, é uma atividade basicamente feminina. Poucos são os homens que ainda fabricam esses produtos, normalmente só os mais velhos. (CHICOEPAB-SURUÍ, 2013, 40-41).

A produção inserida é a que foi introduzida após o contato. Nela está a plantação de frutas como abacaxi, laranja, melancia para consumo próprio e, como alternativa econômica, arroz, feijão e café. A propósito, um indígena diz: “O café pode ser considerado a primeira produção em que nos envolvemos, nós Paiter Suruí, visando o lucro.” (CHICOEPAB-SURUÍ, 2013, p. 41). O reflorestamento tem sido outra alternativa de atividade econômica rentável que contribui significativamente com a renda familiar nas comunidades Paiter Suruí.

A aldeia Gapgir está localizada ao final da linha 14; trata-se de mais uma aldeia do povo Paiter Suruí de Rondônia.

A seguir, temos a imagem aérea da aldeia. Podemos ver o prédio da escola, um posto de saúde ao lado dela, bem como ao fundo a Cooperativa Paiter Suruí (Coopsur). Essa

cooperativa está localizada na aldeia Gapgir, foi fundada em 2020 e tem como atividade principal a coleta da castanha-do-pará nas florestas nativas⁹.

Figura 3 – Aldeia Gapgir Paiter Suruí (via satélite)



Fonte: Google Earth, em outubro de 2022 e adaptada pela autora.

Na imagem se pode observar o Museu Paiter A Soe (ou Museu das Coisas dos Paiter), criado, em 2016, pelo professor Luiz Weymilawa Suruí. Foi introduzido na cultura Paiter Suruí com objetivo de mostrar aos alunos da Escola Indígena José do Carmo Santana a história dos Paiter Suruí antes do contato com os não indígenas na década de 1960, como a arte e artefatos a exemplo de colares, anéis, cocares, arcos e flechas, panelas de barro, cestos, entre outros, utilizados pelos indígenas da etnia.

O museu foi construído de palha de babaçu, feita pelos jovens indígenas com orientação dos anciãos da aldeia¹⁰.

⁹ Acesso em outubro de 2022: <https://www.diariocidade.com/ro/cacoal/guia/coopsur-39536078000160/>

¹⁰ <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/places/paiter-a-soe-museum/>

Figura 4 – Museu Paiter A Soe



Fonte: Gregianini (2017).

Na inauguração do museu tivemos objetos expostos mostrando a cultura desses indígenas como colares e panelas de barro produzidos pelas mulheres indígenas.

Figura 5 – Objetos expostos na inauguração do Museu Paiter a Soe



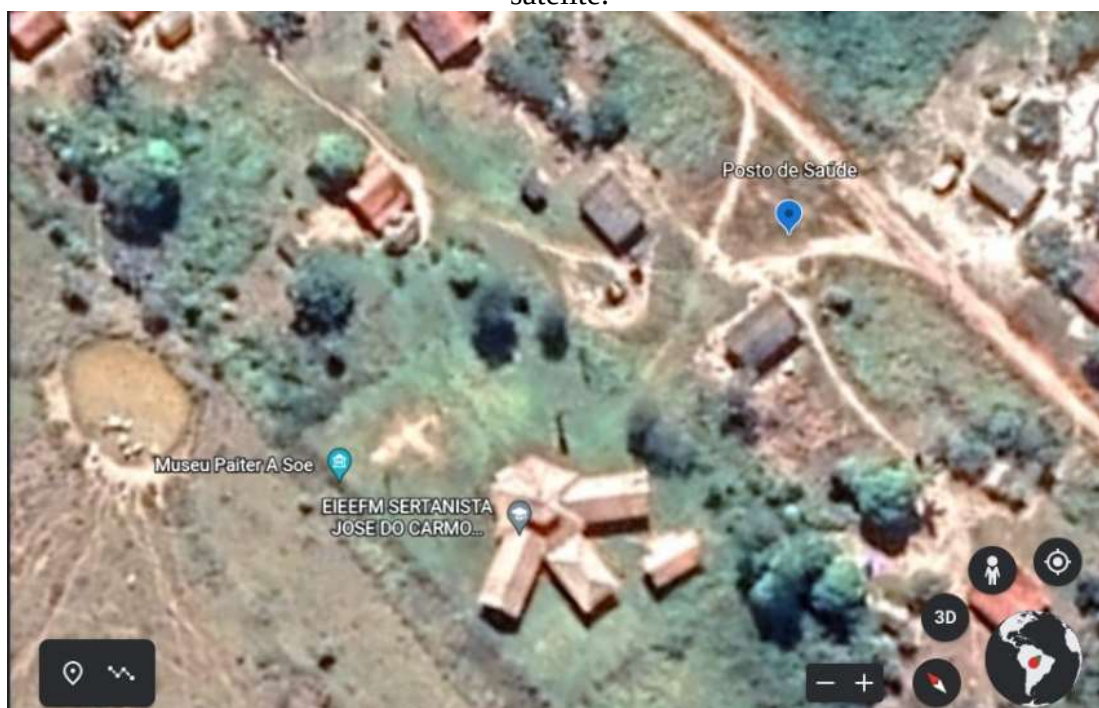
Fonte: Foto de Rosiane R. S. Eler (2016).

Assim, o povo Paiter Suruí vem lutando por seus direitos culturais e linguísticos de aumento da sua população buscando manter suas tradições em contraste com os tempos pós-modernos.

1.2 Os indígenas surdos Paiter Suruí

A aldeia Gapgir, na Terra Sete de Setembro, está localizada a 45 km da cidade de Cacoal. Tem uma organização social com escola, posto de saúde para atender aos indígenas do lugar. Na figura a seguir, temos uma imagem mais aproximada da Escola Indígena José do Carmo Santana, do Museu Paiter A Soe e do Posto de Saúde da aldeia Gapgir.

Figura 6 – Imagem aproximada da escola, museu e Posto de Saúde da aldeia Gapgir - via satélite.



Fonte: Google Earth, em outubro 2022 e adaptada pela autora.

Na imagem seguinte, temos a Escola Indígena José do Carmo Santana, localizada na parte inicial da aldeia, onde as crianças e jovens indígenas estudam, bem como os indígenas surdos.

Figura 7 – Escola Indígena José do Carmo Santana



Fonte: Foto de Rosiane R. S. Eler (2016).

Este é o posto de saúde que oferece orientações e atendimentos básicos de saúde para a comunidade indígena. Está localizado ao lado da escola como pode se ver na Figura 6.

Figura 8 – Posto de saúde



Fonte: Foto de Rosiane R. S. Eler (2016).

Nessa aldeia vive um grupo de indígenas surdos com idade entre 10 e 25 anos aproximadamente. Esse grupo é composto por oito indígenas surdos que se comunicam entre si e com seus familiares e a comunidade por alguns sinais da Libras e por sinais da LSPS que são

sinais próprios criados por eles, denominados de Sinais Paiter Suruí (SPS) nas pesquisas de Costa, Gregianini e Eler (2017 e 2020) e nesta pesquisa de LSPS. Esses indígenas nasceram e cresceram na aldeia, o contato que tem com a comunidade externa é com o instrutor surdo que faz o atendimento extra classe uma vez por semana e com a professora intérprete ouvinte que acompanha o instrutor surdo.

As causas de surdez nesse grupo de indígenas ainda não foram identificadas, não houve uma pesquisa científica de ordem genética para descobrir as possíveis o porquê da grande incidência de surdos.

De acordo com Costa (2017), no ano de 1989 houve o primeiro caso de surdez na aldeia, segundo relato de um dos pais. Nos relatos feitos pelos familiares, um dos diagnósticos médicos foi descrito que a uma provável causa da alta incidência de surdez seria o costume da cultura dos indígenas Paiter Suruí no formato de casamento praticados por eles, do tio materno se casar com a primeira filha da irmã. Culturalmente os indígenas não aceitam essa hipótese, pois, no seu relato, um pai disse que na sua cultura o tio não é considerado parente e que não identificam ser isso a causa de surdez dos filhos.

Ainda de acordo com Costa (2017), dos oito indígenas surdos, seis estavam matriculados na escola e dois havia se evadido, na época da pesquisa em 2017; um tinha viajado com a família para outra aldeia indígena e o outro, mesmo não estudando na escola, participou da pesquisa. Os indígenas que frequentam a escola Indígena Sertanista José do Carmo Santana da Aldeia participam do atendimento educacional especializado (AEE), realizado pela Seduc, que acontece uma vez por semana com uma professora ouvinte fluente em Língua de Sinais Brasileira e um professor surdo. Esse professor surdo tem o entendimento de valorizar os sinais próprios do grupo, mas pelas pesquisas já realizadas se pode perceber a influência da Libras no dia a dia desses alunos.

[...] com um grupo de sete indígenas surdos (duas crianças e cinco adolescentes) que estudam na Escola Sertanista José do Carmo Santana. Estão distantes da comunidade surda mais próxima, com pouco contato com essa comunidade, têm criado seus sinais, denominados nesta pesquisa de (SPS). (ELER, 2017. p. 30).

No ambiente familiar os pais se comunicam com os filhos surdos através de apontamentos ou desenhos, segundo Costa (2017, p. 103), “os pais afirmaram que quando não é possível a comunicação de forma oral com os filhos, não havendo entendimento, utilizam o desenho como forma de comunicação.”

Nos relatos feitos por Costa (2017), a maioria dos familiares informa que descobriu a surdez de seus filhos a partir dos 2 anos, quando as crianças não desenvolveram a língua oral; já outros pais informaram que só mais tardiamente, de 4 a 5 anos.

CAPÍTULO II

LÍNGUAS DE SINAIS NO MUNDO

As línguas de sinais sempre estiveram presentes na vida dos surdos, partindo do princípio de que a comunicação é intrínseca ao ser humano, assim, a partir do contato de um surdo com seu par linguístico, inicia-se uma comunicação que vai se desenvolvendo e dando forma a uma língua de sinais. “[...] a comunicação está assegurada graças à criação de uma língua, e essa criação não deve nada a uma decisão oficial, a um decreto ou a uma lei; ela é simplesmente o produto de uma prática.” (CALVET, 2002, p. 147). O surdo, no contato com outro surdo e na necessidade de comunicação, vai desenvolvendo uma língua de sinais local dando origem a uma língua natural.

No Brasil temos registro de várias pesquisas de línguas de sinais indígenas locais. Neste capítulo será abordado como as línguas de sinais vêm surgindo e se desenvolvendo nas mais variadas localidades do mundo.

2.1 Breve histórico do sujeito surdo e desenvolvimento das línguas de sinais no mundo

O entendimento de que uma língua de sinais surge da necessidade de comunicação de um grupo de indivíduos nem foi o mesmo, na Pré-História as pessoas com qualquer anomalia foram registradas em pinturas e cerâmicas. “Desde a Pré-História os indivíduos que apresentavam alguma deficiência física congênita ou adquirida eram retratados em pinturas e cerâmicas, o que nos permite dizer que o tema da deficiência fazia parte da vida diária daquelas comunidades.” (PAULA; PRADO, 2017, p. 17). Na Grécia antiga, por volta do ano 390 a.C., o filósofo Aristóteles acreditava que a língua oral era condição para uma pessoa ser considerada humana ou não; por não falar oralmente, o surdo não tinha acesso à ‘razão’ segundo ele.

De acordo com Moura (2000, p. 16), “Aristóteles considerava que a linguagem era o que dava condição de humano para o indivíduo. Portanto, sem linguagem, o surdo era considerado não humano.” Assim, os surdos eram considerados seres incompetentes por não usarem a fala oral para se comunicar. As famílias, ao descobrir que os filhos eram surdos, os lançavam ao mar ou eram abandonados a sua própria sorte; outra opção eram escondê-los da sociedade, entre outros atos cruéis e/ou preconceituosos.

Em Esparta, na Grécia, em decorrência dos surdos serem estigmatizados como incapazes, eram condenados à morte e jogados em precipícios. Em Roma também se exercia a mesma prática: por serem considerados enfeitiçados e,

por isso, merecedores de castigos, eram atirados no Rio Tibre ou abandonados. Em Atenas, os surdos eram rejeitados e abandonados nos campos ou nas praças. Era um destino cruel que se restringia à exclusão social, à escravidão, à miséria absoluta e à morte. (ANDREIS-WITKOSKI, 2015, p. 25).

Na Antiguidade houve um predomínio do pensamento negativo em relação às pessoas surdas e não havia entendimento de que o surdo poderia ser ensinado, ocasionando o abandono das pessoas surdas ou com outra deficiência pelos seus familiares.

Na Idade Média, o povo surdo foi totalmente discriminado e excluído pela sociedade, eram considerados incapazes, não tinham direito à herança, ao casamento, de irem à escola, pois eram sinônimos de pessoas não pensantes, uma vez que não falavam e usavam gestos para se comunicar. O termo ‘surdo-mudo’ era usado para designar pessoas de baixa inteligência e de quem não se esperava que tivesse futuro.

A Igreja Católica na época os considerava sem alma pelo fato de não usarem a língua oral para confessar os pecados, que era uma prática da religião dominante. Os surdos eram amaldiçoados e, nessa visão, condenados ao inferno. Os surdos passaram a ser vistos como cidadãos de segunda categoria, estavam excluídos da fé e da sociedade, não podiam casar, assim, para os nobres da época, seus filhos surdos eram ignorados pela Igreja. (STROBEL, 2009).

Aos surdos eram proibidos receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados, também haviam decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido aqueles que recebiam favor do Papa. (STROBEL, 2009, p. 19).

Para os nobres que tinham filhos surdos se tornou um grande problema, pois, como não se comunicavam oralmente, os mesmos não podiam herdar bens, assim, passaram a se preocupar com a instrução dos surdos filhos dele treinando-os a falar. Se antes as pessoas com deficiência física eram tratadas de forma inferior, segundo Costa (2019), na Idade Média essa discriminação começa a mudar.

Sacks (2010) explica que foi a partir dessa problemática dos nobres sobre sua herança que se iniciam as primeiras tentativas de educar o sujeito surdo, com foco no ensino da fala.

Essa nova postura de educar os surdos representou uma transformação da visão tradicional da sociedade. Nos primeiros anos do século XIX os surdos tiveram dificuldades em se integrar à sociedade, pois ainda representavam uma parcela marginalizada da sociedade, mesmo porque os nobres que tinham filhos surdos percebiam essa dificuldade e passaram a considerar o reconhecimento legal dessas crianças. Aqueles que conseguiam o ensino e a fala

oral eram reconhecidos pela sociedade da época. Nesse período somente os surdos que aprendiam a falar adquiriam o direito de herdar os bens da família.

[...] a partir da criação do Código Jurídico do Imperador Justiniano, no ano de 528, ficou estabelecido que os surdos que fossem oralizados, isto é, que aprendessem a falar, teriam direito à herança. Deste modo, as famílias nobres que tinham filhos surdos, preocupadas com a impossibilidade destes virem a ter acesso ao patrimônio familiar, começaram a investir em alternativas educacionais para habilitá-los ao direito ao testamento. (ANDREIS-WITKOSKI, 2015, p. 28).

Assim, as famílias abastadas economicamente passaram a investir na instrução dos filhos surdos, treinando-os a falar, para que estes não perdessem seu direito a herança e sua posição na sociedade. As famílias de pouca renda não tinham condições de oferecer esse tipo de ensino aos seus filhos surdos, logo, eles eram marginalizados na sociedade. Surgem assim as primeiras iniciativas de ensino aos sujeitos surdos, porém motivadas pelo interesse econômico dos surdos que pertenciam à nobreza.

A partir do século XVI é que se observam os primeiros registros de processos de ensino a sujeitos surdos, seja por vocação ou interesses sociais. As primeiras tentativas de que se tem notícia no sentido de criar um sistema de escrita para os surdos tiveram início no século XVII em uma pequena escola na França. Em 1620 foi efetuada a primeira tentativa de inserir os surdos no ambiente educacional. Foi fundada uma escola comum para surdos em Hamburgo, na Alemanha, pela sociedade para o Auxílio às Pessoas Deficientes e Abandonadas, sendo que naquela época era proibido surdos frequentarem escolas comuns. Mas esse fato não impediu que acabassem ensinando-os a ler e escrever. Entre 1691 e 1704 há registros na França, na Alemanha e na Itália sobre esforços para ensinar a fala aos surdos. (ANDREIS-WITKOSKI, 2015).

Faz parte desse registro da educação de surdos o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584), com sua atuação na Espanha. É a partir do seu trabalho que se verificam os primeiros registros dos processos de ensino aos sujeitos surdos, seja por vocação ou interesses sociais. Em Madri, Ponce de Leon instituiu a primeira escola para surdos, ele se dedicou a ensinar os surdos de famílias nobres; o seu trabalho mais relevante foi com dois irmãos surdos.

[...] estabeleceu a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid, inicialmente ensinava latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia aos dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis; Francisco conquistou o direito de receber a herança como marquês de Berlanga e Pedro se tornou

padre com a permissão do Papa. Ponce de Leon usava como metodologia a datilologia, escrita e oralização. (STROBEL, 2009, p. 20).

Ele desenvolveu um alfabeto manual para ajudar os surdos a soletrar as palavras. Infelizmente essa escola não era para todos, os que não tinham condições econômicas eram enclausurados nos asilos com todos os tipos de pessoas com deficiências, como se fossem pessoas ‘anormais’.

Foram muitos os que se propuseram a trabalhar com os surdos por meio da leitura labial, gestos, escrita, entre outras técnicas, que na maioria das vezes não eram eficazes, pois, ao deixarem de treinar tais métodos, os surdos acabavam esquecendo, por não ser natural e significativo.

De acordo com Andreis-Witkoski (2015), apesar de o ensino de Ponce de Leon ser restrito aos nobres, foi um marco na história dos surdos, pois mostrou que esses sujeitos eram capazes de ser educados. Ele é considerado o primeiro educador de surdo na Espanha, conviveu com os surdos, dedicando parte da sua vida ao ensino a esses sujeitos. O mestre Pedro Ponce de Leon trabalhou mais de quarenta anos consecutivos com os surdos. Sua metodologia de ensino era focada na oralização, passando a conhecer sobre a visão da língua oral e manual. Ele procurou ensinar a língua falada e escrita a crianças e adultos surdos.

O sucesso com o desenvolvimento linguístico com os surdos, a partir da língua de sinais, de acordo com o autor, surge a partir já na metade do século XVIII por Charles Michel de L’Epée, nascido em 1712. Em 1760 ele fundou o Imperial Instituto de Surdos-Mudos em Paris; foi referência no trabalho com surdos no seu tempo. A partir do seu trabalho, o surdo no século XVIII passou a ser reconhecido como ser humano e usuário de uma comunicação através de gestos.

Para o autor o Instituto Imperial de Surdos-Mudos de Paris foi o primeiro grupo de educadores para surdos no mundo. Esse grupo desenvolveu o primeiro estudo teórico sobre os surdos com ênfase na linguagem dos gestos, como era chamada a língua de sinais naquele tempo. O abade L’Epée manteve contato com surdos nas periferias de Paris, assim, aprendeu a forma de comunicação em gestos deles; posteriormente, introduziu alguns itens da gramática da língua oral, tendo ficado conhecido em seus estudos por sinais metódicos. Com algumas mudanças, essa sistematização foi usada na comunicação com surdos até o século XX.

L’Epée também criou os livros de exercícios e um dicionário de língua manual que passaram a ser usados por educadores surdos no mundo inteiro. Em sua obra, defendia que para tentar conhecer os surdos e encontrar uma forma de ensiná-los era preciso conhecer o seu mundo adaptado à visualidade. Ele foi criticado por seu trabalho por professores oralistas que

valorizavam a fala em detrimento dos sinais pelo fato de valorizarem a oralização dos surdos. O trabalho de Charles Michel de L'Épée foi reconhecido pelo sucesso alcançado que a educação por sinais metódicos estava tendo no século XVIII.

A grande revolução na educação de surdos, no entanto, ocorreu [...], com outro professor ouvinte, o abade Charles Michel L'Épée. Este religioso, preocupado com a condição dos surdos que, por não falarem francês, não podiam confessar seus pecados, e porque, segundo a visão da época, estavam automaticamente condenados ao inferno, começou a observar os que viviam nas ruas da França. Percebeu, então, que tinham uma forma de comunicação própria, que se efetivava por uma Língua de Sinais que o abade se dispôs a aprender. Criou, posteriormente, um método de ensino que revolucionou a história educacional dos surdos. (ANDREIS-WITKOSKI, 2015, p. 29)

A metodologia criada por Michel de L'Épée tinha como base os gestos que os surdos utilizavam para se comunicar com a gramática francesa da língua oral, sendo difundida por seus discípulos. Fez sucesso internacional por seus ex-alunos surdos do Instituto de Paris que fundaram vários outros institutos em todo o mundo a partir do trabalho dele na França.

O século XIX foi, pois, o período em que surgiram muitos educadores de surdos. Na literatura e na história de países latino-americanos temos testemunhos da presença desses profissionais surdos.

Esse período que agora se afigura como uma espécie de era dourada na história dos surdos marcou o rápido estabelecimento de escolas para surdos, geralmente mantidas por professores surdos, em todo mundo civilizado, a emergência dos surdos da obscuridade e da negligência, sua emancipação e aquisição de cidadania, e seu rápido surgimento em posições de importância e responsabilidade – escritores surdos, engenheiros surdos, filósofos surdos, intelectuais surdos, antes inconcebíveis, subitamente eram possíveis. (SACKS, 2010, p. 30-31).

Outro ex-aluno surdo do Instituto de Paris foi Ferdinand Berthier. Nasceu em 1803, era surdo de nascimento, estudou no Instituto desde os 8 anos de idade e foi considerado um dos seus mais brilhantes alunos no século XIX, escreveu vários livros, entre eles a biografia de L'Épée.

Berthier escreveu vários livros e numerosos artigos sobre o surdo, sua educação e seus direitos legais. Criou a primeira organização social para o surdo em Paris e foi a primeira pessoa surda a receber o prêmio Legião de Honra. Berthier escreveu a biografia de L'Épée (1712-1789) em um artigo denominado "O surdo antes e depois do abade L'Épée", a pedido dos membros da Sociedade para as Ciências Morais, Letras e Artes de Seine-et-Oise. (NASCIMENTO, 2006, p. 256).

Em seus escritos Ferdinand Berthier relatou que antes do trabalho de Pedro Ponce de Leon com surdos já havia outros professores ensinando surdos, mas que não tiveram seu trabalho divulgado como Joachim Pascha e Jérôme Cardan (BERTHIER, 1984, p. 169, apud NASCIMENTO, 2006, p. 256).

Hoje é amplamente reconhecido que toda a contribuição de Ponce foi meramente colocar os princípios da educação para surdos em um patamar mais amplo do que seus predecessores fizeram. Antes de Ponce, muitas tentativas isoladas de instrução tinham sido feitas, com nível de sucesso variável, tanto na França quanto no exterior. Em 1578, Joachim Pascha treinou dois de seus próprios filhos surdos, mas suas tentativas não obtiveram reconhecimento público. Jérôme Cardan, uma das pessoas mais inteligentes de seu tempo, e quem talvez tenha mais profundamente revigorado a escola filosófica de seu século, buscou demonstrar que a educação do surdo não era uma impossibilidade; ele não parou aí e manteve um relatório escrito sobre alguns importantes pontos sobre este especial tipo de ensino. (NASCIMENTO, 2006, p. 256).¹¹

Em suas pesquisas para registrar o desenvolvimento linguístico de surdos no século XIX, Berthier resgata todo o processo de reconhecimento do surdo desde a Antiguidade até os dias em que estava vivendo. Ele escreveu vários livros, e um deles foi a biografia de Michel de L'Epée. Os surdos têm consciência de que um dos grandes feitos de L'Epée foi trabalhar para mudar a condição dos surdos, depois dessa oportunidade, não demorou muito para que a língua de sinais se espalhasse através das escolas implantadas mundo afora.

Em seus relatos Berthier demonstra uma grande admiração por L'Epée pela mudança que houve com seu trabalho em ver o surdo como ser humano capaz, mas avalia criticamente a valorização dada por este à gramática da língua francesa oral em detrimento dos sinais utilizados pelos surdos que ele não considerou como perfeitos e adicionou aos sinais elementos da gramática do francês, criando os sinais metódicos.

Entre os professores surdos citados por Berthier há Ramirez Carrion, contemporâneo de Juan Pablo Bonet (1579-1629), que ficou famoso com a obra "Arte para enseñar a hablar a los mudos". Berthier afirma que Ramirez era quem deveria ter tido os créditos deste feito, pois teve sucesso em um trabalho com Emmanuel Phillbert, príncipe surdo de Carignan, escreveu um livro que foi publicado nove anos depois do livro de Bonet, sendo reconhecido pelos estudiosos do seu tempo. (NASCIMENTO, 2006).

¹¹ Com o texto: BERTHIER, F. Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Epée. In LANE, H. E PHILIP, F. The deaf experience: classics in language and education, tradução do original francês para o inglês de Philip, F. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984. (Texto originalmente publicado em francês em 1840).

Ainda em suas pesquisas, Berthier cita Samuel Heinicke, pastor alemão que se dedicou à oralização. Ao contrário de L'Epée, dava ênfase aos gestos, hoje reconhecidos como língua de sinais. Berthier cita também que L'Epée havia feito um esforço para obter a colaboração dos familiares para melhorar o trabalho de ensino com os surdos, bem como seu trabalho com os surdos que perambulavam pelas ruas de Paris por ter sido abandonados pelas famílias, prática muito recorrente naquela época, dos pais abandonarem seus filhos por apresentarem alguma deficiência.

Durante o século XIX, em todo o mundo europeu surdos estavam sendo educados a partir do trabalho do abade L'Epée.

Berthier cita nomes importantes que fizeram parte da educação de surdos no decorrer da história, como John Wallis, professor inglês da Oxford, primeiro de seu país a se dedicar à educação de surdos. Outros professores ingleses de surdos foram citados por Berthier: John Bulwer, William Holder, Digby e Gregory, esses com ênfase em ensinar por meio da oralidade.

Na Holanda se destacavam Van Helmont e Conrad Amman, médico suíço que viveu em Amsterdã; seus ensinamentos se baseavam em oralizar o surdo.

Entre os professores holandeses, cita Van Helmont e o médico suíço Conrad Amman, que viveu em Amsterdã. Ambos se empenharam em ensinar o surdo a falar. Mais do que isso, Van Helmont acreditava ser importante ensinar os surdos a falar em hebreu, pois era a única língua que possibilitaria uma comunicação com Deus. Como material de suporte a seu projeto, fez uma descrição do mecanismo do aparato vocal, usando o hebreu para pronúncia. (NASCIMENTO, 2006, p. 258).

Na história, segundo Carvalho (2011), em vários momentos podemos observar que foi usada a oralização como dogma religioso de que o surdo precisava 'falar' para conversar com Deus ou confessar pecados. Devido à falta de audição, os surdos eram considerados seres inferiores e desprezados como indivíduos que não poderiam ter seus direitos reconhecidos devido à falta de capacidade intelectual.

Observa-se que nos escritos de Berthier os surdos narrando a própria história em detrimento dos ouvintes que muitas vezes deram créditos indevidos para si das experiências com educação de surdos que eram próprias de pessoas surdas. Há uma criticidade em relação à história pela narrativa da visão do ouvinte, que em momentos de descoberta se intitulou autor e que pelas pesquisas de um surdo se verifica o papel do surdo na sua trajetória histórica como protagonista dela, o que em muitos casos foi vangloriado pelos ouvintes.

No fim do século XVIII e início do XIX, devido à necessidade de educar os surdos e

ao sucesso dos estudos de L'Epée, e de outros professores dessas pessoas, foram criados vários institutos de surdos e a educação desses sujeitos estava se expandindo.

Em meados do séc. XIX havia mais de cento e cinquenta escolas na Europa e vinte e seis nos Estados Unidos que usavam a língua gestual. A educação de surdos estava em seu período de ouro. Os surdos tinham acesso à educação por meio da sua língua materna. Na Europa e na América cada vez mais alunos surdos completavam a educação básica. Foram lançados então os cursos secundários para surdos em Hartford, Nova Iorque e Paris. Os alunos surdos tiveram pela primeira vez a possibilidade de continuarem os seus estudos, tornando-se muito deles professores de surdos. Em meados do século dezenove, metade dos professores nas escolas americanas e francesas eram surdos. (COELHO, 2004, p. 168).

Nessa época surgiram várias metodologias de ensino aos surdos; uns primavam pela oralidade, outros, por gestos, cada um defendia a sua metodologia com afinco. Com a criação de tantos institutos de surdos pelo mundo, a educação desses sujeitos estava em ascensão, os surdos estavam se profissionalizando.

De acordo com Rocha (2008), dando continuidade a este período da história, aconteceu um grande evento para decidir a metodologia a ser utilizada pelos professores nos institutos, o Congresso de Milão em 1880. O congresso tinha o objetivo de reunir esses profissionais que atuavam nesses institutos espalhados pelo mundo. No congresso houve debate sobre as duas vertentes utilizadas na educação dos surdos: o uso dos gestos, que hoje se denomina língua de sinais, e o oralismo. Primeiramente se discutiu sobre o uso da língua gestual. Entretanto, os defensores da língua oral prevaleceram e a língua gestual foi banida. A opção ficou sobre a língua oral, que seria utilizada simultaneamente às artes visuais para favorecer o desenvolvimento intelectual dos surdos. Foi decidido então que os professores de surdos nas escolas e creches deveriam usar a língua oral para ensinar. A decisão sobre o método utilizado a partir do Congresso de Milão foi pelo oralismo e tinha por objetivo adaptar o surdo à vida em sociedade com os ouvintes facilitando sua comunicação na língua oral. Os professores surdos em geral foram demitidos e afastados dos institutos, sendo substituídos por professores ouvintes com foco na oralização dos alunos surdos.

O oralismo puro mostrou-se ineficiente e os surdos, não satisfeitos, continuavam usando os sinais escondidos nos guetos e fora dos ambientes das escolas, porém, estudiosos procuravam meios para que eles pudessem se adaptar à sociedade ouvinte/falante criando novas técnicas de aparelhos de ampliação sonora; com isso, houve um grande investimento para tornar o surdo 'ouvinte'. Com a obtenção dos aparelhos de ampliação sonora, o intervencionismo

sobrepôs-se à ideia da adaptação cultural. O objetivo do oralismo passou a ser o de tornar o surdo capaz de participar da conversa falada na sociedade, substituindo os sinais pela língua oral, contrariando a natureza do sujeito surdo com sua percepção visual do mundo. (COELHO, 2004).

A técnica do uso de aparelhos de amplificação sonora, juntamente com o oralismo, não foi bem aceita pelos surdos no decorrer do século XX. Em consequência disso, o número de surdos nas escolas diminuiu consideravelmente, começando ali uma batalha longa e sofrida que durou quase cem anos. Aos poucos, a comunidade surda, por meio da união e criação de associações, começou a lutar contra o oralismo. Essas associações surgiram a partir dos anos de 1940 do século passado. Os surdos, mesmo tendo lutado contra o oralismo, não se sentiam representados pelo que estava sendo feito pelos profissionais que desenvolviam técnicas ouvintistas nas escolas e nos institutos espalhados pelo mundo. Essas organizações surgiram com o intuito de defender os interesses dos surdos em geral, a partir daí a luta contra o oralismo ficou cada vez mais acirrada.

Na Idade Contemporânea (por volta de 1960), devido à insatisfação do desenvolvimento do surdo por meio da fala e da escrita, os sinais retornaram com grande força e expressão e o ensino com os gestos e sinais voltaram reformulados. Iniciou-se então o bilinguismo em vários países: Suécia, Dinamarca, Uruguai, Venezuela, entre outros. No Brasil o ensino em língua de sinais começou a ser utilizado e nesse mesmo período houve os primeiros cursos de surdos na UFF (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Houve o reconhecimento de que a língua oral se mostrava insatisfatória para os surdos, devido a vários motivos: falta de acesso aos discursos orais por eles em suas famílias e sociedade, conotações negativas associadas a palavras e expressões a exemplo de ‘surdo’ e ‘língua de sinais’, dificuldades orais no processo de ensino-aprendizagem nas escolas por eles frequentada, etc. (ROCHA, 2008).

2.2 As línguas de sinais no Brasil

Os primeiros registros da língua de sinais no Brasil tiveram início a partir da vinda do surdo Eduard Huet da França, a convite de D. Pedro II, entre os anos de 1852 e 1855. Segundo Reily (2004, p.114), “a língua de sinais que conhecemos hoje no Brasil, utilizada pelos surdos, teve origem na sistematização realizada por religiosos franceses”. Isso se deu pelo fato de Eduard Huet ter sido aluno do Instituto de Surdos de Paris fundado por L’Epée.

No Brasil, por exemplo temos registros da língua de sinais a partir do estabelecimento do Instituto Nacional de Educação de Surdos do Rio de

Janeiro, em 1855. Esses registros foram identificados como cópia de sinais da Língua de Sinais Francesa (LSF), portanto, um provável processo de crioulização dos sinais preexistentes no Brasil em contato com a LSF, assim como também observado em outros países. (QUADROS, 2019, p. 71).

Essa preocupação com a educação de surdos surge no contexto pós-independência do Brasil com a primeira Lei Geral, de 15 de novembro de 1827, que discorria sobre a instrução primária e dizia, em seu artigo 1º, que em todas as vilas e cidades haveria criação de escolas de primeiras letras conforme a necessidade. Essas escolas poderiam ser oferecidas tanto no âmbito público quanto no privado, conforme a capacidade das cidades e vilas para atender às camadas mais populares da sociedade. Tinham por objetivo ensiná-los a ler, contar e escrever, visto que não teriam acesso ao ensino secundário.

Assim, com o acesso da população ao ensino primário, surge a necessidade de atender aos alunos surdos. De acordo com Rocha (2008), o interesse do imperador se deu pelo fato de na época não haver atendimento específico ao surdo, causando prejuízo na evolução da aprendizagem e o tema estar em discussão em nível mundial sobre a evolução da educação de surdos através dos institutos criados em vários países. Assim, com o passar dos anos, ficou estabelecido que os institutos deveriam ter o ensino da língua de sinais e uma formação geral para lidar com surdos em sociedade.

Segundo Braga (2018), a criação da primeira escola para surdos no Brasil se deu com base na Lei 939 de 26 de janeiro de 1857, denominado na época de Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, conhecido nos dias atuais por Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES)¹². Huet se apresentou ao imperador Dom Pedro II com uma carta de apresentação do ministro da Instrução Pública da França trazida por ele, sendo entregue ao imperador em 22 de junho de 1855, juntamente com um relatório em que era colocada sua intenção de fundar uma escola para surdos, bem como as diretrizes que sustentariam a organização administrativa e pedagógica da escola.

O documento original encontra-se no Museu Imperial de Petrópolis. Parte do documento diz:

6º As disciplinas de estudo serão principalmente a história, o catecismo, a

¹² O nome do Instituto foi oficializado pela Lei nº 3.198 de 6 de julho de 1957, a mudança de nome se deu devido os avanços dos estudos e desenvolvimento dos surdos, chegou-se ao entendimento que a expressão ‘mudo’ estava equivocada. Através do árduo trabalho da professora Ana Rímoli de Faria, então diretora. “Em 1957, ano do centenário do Instituto, a diretora iniciou um longo processo com a finalidade de obter autorização para operar a mudança de nome do Instituto. A denominação surdo-mudo já não condizia com as novas concepções de surdez e de surdo” (ROCHA, 2008, p. 93).

aritmética, a geografia, a agricultura teórica e prática e, acima de tudo, a língua usual, que, para os surdomudos, é o conhecimento mais difícil de ser adquirido.

7º A agricultura é o estado que melhor se adequa aos surdomudos em geral. Além de exigir um exercício moderado para mantê-los saudáveis, o conhecimento das primeiras noções dessa ciência só pode ser extremamente útil para aqueles cuja posição social ou vocação os leva a outro destino, e será o propósito exclusivo do trabalho manual. Seria desejável encontrar terra adjacente ao estabelecimento, suficientemente grande para conter todas as espécies de culturas. Eu não me associei com o Sr. Vassimon por falta de recursos e porque não tinha as premissas adequadas para os meus planos. Espero a confirmação do nosso trabalho pelo Estado, proponho pedir ao governo a concessão de uma terra adequada, fácil de cultivar em relação à idade e força das crianças, em que seria erguido um estabelecimento monumental para a glória nacional quanto ao glorioso reinado de Vossa Majestade. Os custos seriam facilmente cobertos por 19 subscrições públicas ou por uma loteria autorizada por Sua Majestade. Meninas surdas, a não ser por algumas exceções motivadas por sexo, estarão sujeitas às mesmas regras e instruídas por um instrutor sob minha direção especial. É especialmente para elas que organizam a Sociedade Brasileira de Assistência aos Surdo-mudos. Esta sociedade de caridade, com o objetivo de proporcionar-lhes excelentes serviços, será composta principalmente das damas mais notáveis da cidade, e lhes fornecerá todas as suas necessidades, oferecer-lhes um emprego adequado ao seu sexo e não os abandonará enquanto não forem elas mesmas em domínio de um ofício, o suficiente para que elas possam suprir todas as suas necessidades. (HUET, E. *Relatório ao Imperador*. Cópia traduzida. Acervo Histórico INES).

A criação da escola tinha o objetivo atender aos surdos vindos de todas as partes do Brasil; funcionava como internato. Assim, segundo Rocha (2008), foi criada a primeira escola para surdos no Brasil, e é considerada uma norma de referência para o ensino de língua de sinais até os dias atuais.

Nesse ínterim, já brotavam em todo o mundo indagações sobre qual metodologia era mais adequada nos institutos de surdos para o ensino: se o oralismo (fala) ou a linguagem dos gestos (língua de sinais), como era chamada na época o que reconhecemos hoje como língua de sinais.

O oralismo defendia a fala do sujeito surdo em detrimento ao uso dos sinais para se comunicar. A partir de 1822, com a morte de Sicard, sucessor de L'Epée, na França, a discussão sobre a melhor metodologia para ensinar os indivíduos surdos estava acirrada e havia muitos professores ouvintes que defendiam o oralismo puro. De um lado, alguns defendiam que os surdos deveriam aprender a língua de sinais se quisessem ter uma forma de comunicação satisfatória e que o oralismo mutilaria a opinião surda e afetaria sua percepção e análise do mundo a sua volta. Os novos diretores do Instituto de Paris não tinham a mesma visão e pouco

entendiam quanto às verdadeiras necessidades educacionais dos surdos. Defendiam a oralização devido ao contexto que viviam na Europa, estava em alta a defesa de uma língua única.

O movimento depreciativo da língua de sinais, com seu discurso negativo sobre a mesma, foi adotado pela maioria dos profissionais que atuavam nos institutos de educação de surdos. Esse movimento tomou força quando os seus membros passaram a exigir ostensivamente do governo um trabalho para a abolição do uso da língua de sinais nos institutos para surdos e é a partir dele que se fomenta organizar um congresso em Milão, na Itália, para discutir o assunto. Essa discussão ganhou força a partir da metade do século XIX.

Iniciam-se movimentos sociais em todos os países da Europa, defendendo a unificação nacional, tendo na língua a maior expressão de força e de centralização sociopolítica e cultural. Era necessário acabar com o plurilinguismo social, subjugando-o à língua oficial do país. [...] A ideologia política republicana francesa pregava a necessidade de unificação dos franceses pela homogeneização cultural. Buscava, assim, a imposição do uso da “língua correta” a todos aqueles que representavam desvio: as várias linguagens sociais, os dialetos e, no caso dos surdos, a língua de sinais que deveria ser substituída pela língua francesa falada. Só assim todos se tornaram plenamente humanos, civilizados e, logo, franceses. (LODI, 2005, p. 416).

A imposição da língua oral aos surdos e desvalorização dos sinais culminaram na filosofia de ensino oralista; ficou decretado em nível mundial o ensino por meio do oralismo (linguagem articulada e leitura labial) a partir do congresso de Milão¹³. A proposta de unificação da língua nacional francesa se tornou, portanto, uma necessidade imprescindível para um universo ‘civilizado’ e homogêneo no qual os surdos poderiam ser considerados pessoas ‘normais’. No entendimento deles, se o surdo falasse poderia se igualar ao ouvinte. Portanto, o ensino dos surdos tinha que se fundamentar no modelo oral de outras escolas.

[...] durante quase um século (1880-1960), o discurso dominante sobre a surdez centrou-se no abafar, no inferiorizar, no descaracterizar as diferenças, elevando e enfatizando aquilo que estava ausente no surdo frente ao modelo ouvinte (a audição, a fala, a linguagem), determinando o desenvolvimento de abordagens clínicas e práticas pedagógicas que buscavam o apagamento da

¹³ [...] no ano de 1880, foi organizado um congresso em Milão. A partir desse congresso a educação de surdos tomaria rumos que foram totalmente contrários à valorização da língua de sinais e com propósitos que foram de mãos dadas com o poderio ouvinte sobre os surdos, como forma de colonização ouvinte sobre o povo surdo. [...] No congresso houve uma votação para escolher qual seria o método que as escolas utilizariam daí por diante, o oral ou o da linguagem dos sinais para ensino dos surdos. Dentre os países que estavam no congresso somente os Estados Unidos e a Grã-Bretanha foram contra o método oral e os poucos surdos que estavam presentes tiveram seus discursos negados e foram impedidos de votar, e o poder ouvinte sobre os surdos venceu. Foram apenas 3 votos contra 164 a favor do oralismo. (ELER, 2020, p. 44-45).

surdez, por meio da tentativa de restituição da audição pelo uso de aparelhos de amplificação sonora. (LODI, 2005, p. 416).

A metodologia oralista prevaleceu após o Congresso de Milão privando os surdos de sua língua natural em todo o mundo. No Brasil, somente no final dos anos 70 do século passado iniciou-se, em passos lentos e por necessidade, o uso gradual da língua de sinais. Por causa dessa predominância do pensamento oralista, houve um atraso de quase cem anos nos estudos linguísticos das línguas de sinais no Brasil.

Essas forças, corporificadas pela medicina, fonoaudiologia, linguística e pedagogia especial, amparavam atitudes preconceituosas quanto à língua de sinais. Mantinham assim o mito da existência de uma língua única e que, portanto, necessitava ser imposta aos surdos. (LODI, 2005, p. 417).

Assim, a língua de sinais foi reprimida e os conhecimentos acadêmicos dos surdos foram declinando nesse período, houve aumento do analfabetismo entre os surdos, resultado da substituição das disciplinas de base responsáveis pelo desenvolvimento linguístico e acadêmico por disciplinas que objetivavam o treinamento da fala. No Instituto do Brasil, os professores de disciplinas de Linguagem Escrita foram substituídos por disciplinas de Linguagem Articulada e Leitura Labial. (ROCHA, 2008).

A proibição da língua de sinais e a negação de direitos das pessoas surdas resultaram na negação de todo um trabalho político de valorização das línguas de sinais que havia sido conquistado no século XIX, num processo de luta do povo surdo, havendo, assim, um retrocesso.

Para o entendimento claro do que ocorreu com a língua de sinais no Brasil, é necessário analisar a história do pensamento oralista, com todas as suas teorias e seus objetivos. É fundamental ter em mente todo esse processo histórico para que se possa entender a importância da língua de sinais na formação do sujeito surdo.

Felipe e Monteiro (2008) destacam que o ensino do português para surdos deve ter como base a língua de sinais. Nesse contexto, o ensino tinha por objetivo levar os alunos surdos a aprender a língua oral e escrita. A imposição da língua oral nesses institutos não aconteceu de forma tranquila e humanizada, mas com agressões, caso, por exemplo, de os surdos terem suas mãos amarradas para impedir a sinalização, fazer treinamentos de oralização por horas seguidas nos atendimentos de reabilitação da fala.

No Brasil as ações de uso do português oral puro e da língua de sinais foram tomadas e retomadas nesses quase cem anos de proibição da língua de sinais como proposta de

possibilitar que o surdo se comunicasse por meio da fala, colocando como prioridade o ensino da língua oral nas escolas por meio de treinamentos auditivos e de fala. Segundo Strobel (2009):

[...] Ana Rímola de Faria Dória assumiu a direção do INES com a assessoria da professora Alpia Couto, proibiram a língua de sinais oficialmente nas salas de aula, mesmo com a proibição os alunos surdos continuaram a usar a língua de sinais nos corredores e nos pátios da escola. (STROBEL, 2009, p. 27).

Nos anos finais da década de 1970, profissionais da área de língua de sinais, pais e surdos começam a questionar o atraso dos surdos em relação aos conhecimentos acadêmicos. Primeiro passo para a implementação de uma nova estratégia para ensinar os surdos foi a constatação que os surdos brasileiros ao medir seus conhecimentos o quão longe estavam de conquistar seus direitos e desenvolver suas potencialidades sem o uso da língua de sinais. Para que pudessem ter uma força sólida, relativa à sua proposta de educar os surdos, no Brasil, os profissionais se voltaram para a pesquisa de desenvolvimento dos estudos linguístico das línguas de sinais.

Aos poucos, as práticas de treinamento da fala foram descartadas e substituídas pela combinação entre a língua de sinais e a fala, visto que o surdo tem uma dificuldade natural com a oralidade.

No Brasil, no fim dos anos 70 e na década de 80 do século XX, com o fracasso dos surdos nos conhecimentos acadêmicos, surge a comunicação total, uma filosofia que se colocava como ideia oposta à oralização. A comunicação total utilizava os sinais, mas na estrutura da língua falada, denominada também bimodalismo, que é o uso da língua portuguesa falada e da língua de sinais simultaneamente, tinha o objetivo de favorecer a comunicação e melhorar os resultados na aprendizagem escolar dos alunos surdos.

A Comunicação Total, na sua concepção, foi criada para atender todas as necessidades de comunicação de sujeitos Surdos. Foi uma “transição” da educação oralista para a educação bilíngue. A Comunicação Total consiste na aplicação de todos os recursos e aspectos comunicativos, como no caso de falar e sinalizar ao mesmo tempo. (CAMPELLO, 2008, p. 67).

Foi por intermédio da comunicação total que a língua de sinais voltou a ser utilizada no meio educacional. Nesse contexto, as discussões estavam acirradas entre defensores da oralização e o outros defendendo o uso de sinais no INES. A propósito, Mota (2020) afirma:

[...] mesmo que a Comunicação Total não tivesse dado o devido valor à Língua de Sinais, ao menos tornou esta prática mais conhecida, na medida em que

ofereceu em seu arcabouço esta possibilidade, de modo que as pessoas surdas passaram a ter acesso aos sinais. (MOTA, 2020, p. 58).

Apesar da comunicação total não ser a forma mais correta, pois utilizava os sinais como pretexto para ensino da língua portuguesa, mas teve seu aspecto positivo: a partir dessa experiência, evidenciou-se que, mesmo assim, a comunicação não estava fluindo e, assim, houve a volta do uso dos sinais. (ROCHA, 2008).

A ausência de resultados positivos significativos é derivada do fato de que o objetivo permanece sendo a oralização, pois a Língua de Sinais é tida apenas como uma língua acessória, uma ferramenta que amplia as possibilidades de acesso à língua de prestígio. Esta sujeição da Língua de Sinais ao Português, imposta pela cultura hegemônica dos ouvintes, além de refletir numa desvalorização subliminar da primeira, dá a entender que o uso concomitante das duas línguas constitui-se em fator prejudicial à compreensão e apropriação de ambas as línguas, na medida em que o uso bimodal as desvirtua: nem se fala Português, nem se sinaliza Libras em plenitude. (ANDREIS-WITKOSKI, 2015, p. 51).

Na década de 1980, foram se destacando alguns pesquisadores na área de estudo das línguas de sinais, entre os quais se destacam Lucinda Ferreira Brito e Eulália Fernandes. Ambas linguistas, elas começaram a difundir a importância do bilinguismo na vida dos surdos, ou seja, a presença da língua portuguesa na modalidade escrita e a língua de sinais como língua de instrução dos surdos permeando todo o conhecimento acadêmico dos alunos surdos. Assim, as pesquisas e discussões sobre a importância da Libras foi se ampliando na sociedade brasileira a partir do papel de alguns ouvintes e dos surdos que passaram a tomar suas decisões e lutar pelo que julgavam melhor para seu desenvolvimento social, educacional e linguístico.

Em agosto de 1993, sobre as ações do Movimento Surdo que estavam ocorrendo no Brasil, aconteceu um minicurso com duração de uma semana, ministrado por um surdo americano e uma intérprete sobre metodologias de ensino da língua de sinais americana (ASL) *American Sign Language* com a participação de intérpretes e surdos. Esses encontros foram fortalecendo a luta dos surdos na busca por seus direitos linguísticos.

No mês seguinte, aconteceu, entre os dias 12 e 17, com a organização a cargo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o II Congresso Latino-Americano de Bilinguismo (língua de sinais / língua oral) para Surdos, pela professora Lucinda Ferreira Brito. O evento teve como palestrante o professor Mats Jonsson que abordou as metodologias de ensino de Língua de Sinais Sueca. Esses eventos marcaram o início de uma nova era na vida dos surdos de valorização da língua de sinais. (ELER, 2020).

Em setembro de 1995 a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), organizou o Seminário Latino-Americano de Linguagem e Surdez, na cidade do Rio de Janeiro, onde tiveram presentes representantes surdos e ouvintes de Argentina, Chile e Brasil discutindo o bilinguismo enquanto proposta para educação dos sujeitos surdos, conforme Mota (2020):

A partir deste Seminário, cresceu o movimento político, e foi redigido um documento objetivado a dar suporte ao MEC e demais órgãos, com vistas a norteá-los sobre as propostas de implementação de uma educação bilíngue na América Latina. (MOTA, 2020, p. 59).

Em continuidade aos congressos e seminários realizados para debates e capacitações, entre os assuntos principais a serem tratados estavam propostas para a formação do professor surdo, formação do intérprete de Libras e valorização da língua de sinais, conforme Eler (2020):

No ano de 1999, aconteceu no Rio Grande do Sul o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em conjunto com o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos e em parceria com a FENEIS do Rio Grande do Sul. (ELER, 2020, p. 54).

Pode-se ainda acrescentar ainda que, na verdade, as diversidades dos modos de comunicação não suprimem os conceitos criados pela sociedade quanto à idiossincrasia do surdo e sua cultura. As línguas de sinais foram proibidas nos institutos de educação de surdos de todo o mundo, mas se mantiveram vivas fora desses ambientes, além dos seus portões na comunicação dos surdos com seus pares fora dos ambientes educacionais. Mesmo diante de todas essas barreiras e proibições, os surdos não desistiram de manter sua comunicação em sinais. O sucesso das línguas de sinais está na quantidade de usuários, em sua estrutura sintática e na possibilidade de composição.

Essas ações registram a luta do povo surdo e anteciparam o reconhecimento da Libras pela Lei 10.436/2002. E não só por essa Lei Federal como também pelo Decreto Federal 5.626/2005, que colocou diretrizes para as diversas áreas da vida dos surdos na sociedade, seja no reconhecimento linguístico desses cidadãos ou em educação, trabalho e saúde. Assim, os surdos conquistam seu reconhecimento linguístico e valorização da Língua Brasileira de Sinais como língua natural da comunidade surda do país.

2.3 Conceitos utilizados para as línguas naturais

Ao abordar grupos de indivíduos que na necessidade de comunicação com seus pares, inata a todos os seres humanos, criam sinais, esta pesquisa as denomina línguas de sinais locais. Nos estudos linguísticos das línguas de sinais apresentam-se outros termos para as línguas que venham a emergir nesses grupos.

Vilhalva (2012) abordou a língua de sinais emergente conceituando-a como:

[...] a língua de sinais emergente encontra-se no rumo do desenvolvimento e de que seus sinais são criados conforme a necessidade individual. Esses sinais também são chamados de gestos caseiros ou práticas linguísticas. Então, sinais emergentes referem-se aqui a uma Língua de Sinais em desenvolvimento [...]. (VILHALVA, 2012, p. 10).

Para compreender essa situação de comunicação entre sujeitos surdos nesse contexto, Calvet (2002, p. 108) afirma: “[...] em um grupo social, há falantes, há códigos, variedades de códigos, relação dos falantes com esses códigos e situações de comunicação”. Os indivíduos fazem uso da iconicidade na comunicação para posteriormente designar de forma concreta um referente. A princípio apresentam certa dificuldade para o entendimento dos mesmos, por pessoas externas ao contexto, devido à influência cultural de cada grupo. Sobre a criação desses sinais, Vilhalva (2012, p. 136) afirma: “Os sinais emergentes foram criados devido a uma necessidade de comunicação, passando por sinais indicativos, icônicos e arbitrários”.

Exemplificando o que com Vilhalva (2012) denominou sinais emergentes, Fusillier (2004) descreve uma pesquisa com três surdos, na região de Brasília, oriundos do Nordeste brasileiro, que utilizavam gestos na comunicação do dia a dia que a autora denominou língua de sinais emergentes. Esse pesquisador francês fez duas visitas ao Brasil para a produção do *corpus* de análise. Sobre a pesquisa, ele diz:

O nosso trabalho faz assim parte de um esforço de investigação pioneiro para destacar estruturas linguísticas das línguas gestuais (LSEMG) praticadas por falantes surdos nos meios desfavorecidos na sociedade brasileira. Estes indivíduos merecem a nossa atenção devido à sua capacidade de adaptação ao seu ambiente sociocultural. Os sistemas de comunicação gestual que desenvolvem são sem dúvida valiosos para o estudo da semiogênese das línguas de sinais. (FUSILLIER, 2004, p. 103).¹⁴

¹⁴ Com o texto: Notre travail s’inscrit ainsi dans une recherche pionnière visant à mettre en avant les structures linguistiques de langues des signes (LSEMG) pratiquées par des locuteurs sourds provenant des milieux défavorisés de la société brésilienne. Ces individus méritent toute notre attention par leur capacité d’adaptation à leur environnement socioculturel. Les systèmes de communication gestuelle qu’ils développent sont incontestablement précieux pour l’étude de la sémiogénese des langues des signes (FUSILLIER, 2004, p. 103).

O objetivo da sua pesquisa foi “[...] validar o modelo semiogenético proposto pela Cuxac (1996, 2000) onde a iconicidade constitui o paradigma central na organização das línguas gestuais e assume a posição de analista de línguas.” (FUSILLIER, 2004, p. 30)¹⁵. Com base nas análises feitas da sinalização desses três surdos escolhidos com os critérios de alcançar a idade adulta e ter sido integrados social e profissionalmente na sociedade utilizando uma língua de sinais local desenvolvida por eles para a comunicação, Fusillier (2004), teve como objetivo final mostrar a eficiência pragmática e a complexidade organizacional e complexa desse tipo de língua de sinais que denominou emergente.

Ao abordar os conceitos de línguas de sinais locais e nacionais, deve-se esclarecer se que trata de um conceito que se tem utilizado na descrição das línguas de sinais no mundo. As línguas de sinais nacionais são aquelas que já têm seu processo de reconhecimento oficial através de leis que as reconhecem nos mais variados países; são chamadas também de línguas oficiais. As línguas que ainda não têm esse reconhecimento oficial do poder público, de acordo com Leite e Quadros (2014), são denominadas de locais, mas também de línguas não oficiais.

Sobre as línguas locais e nacionais, Quadros (2019, p. 37), diz: “[...] as línguas de sinais locais são usadas por surdos locais e envolvem comunidades situadas em espaços geográficos específicos dentro de um mesmo país. Nacionais são línguas usadas por várias comunidades surdas de um país, apresentando abrangência nacional.”

Nyst (2012) aborda a terminologia de registro de línguas de sinais locais como língua de sinais compartilhadas, aquelas que vão se desenvolvendo naturalmente por um grupo de indivíduos numa comunidade distante dos grandes centros urbanos.

Para a abordagem deste estudo sobre as diversas comunidades relatadas, usaremos a expressão “línguas locais” para comunidades indígenas e outras comunidades não indígenas, mas que utilizam uma língua não oficial. “As comunidades surdas locais incluem as línguas de sinais indígenas e de comunidades isoladas que usam algum tipo de língua de sinais, às vezes consideradas uma língua emergente.” (QUADROS, 2019, p. 37). Para se referir a língua oficial usaremos o termo de línguas nacionais, no caso, as línguas de sinais oficializadas pelas políticas linguísticas.

¹⁵ Com o texto: L’objectif principal de cette étude est de valider le modèle sémiogénétique proposé par Cuxac (1996, 2000) où l’iconicité constitue le paradigme central dans l’organisation des langues des signes et assume la position d’analyseur langagier (FUSILLIER, 2004, p. 30). Inglês (Estados Unidos).

2.4 Documentação e descrição das línguas de sinais locais no mundo

A descrição e documentação das línguas de sinais no mundo podem parecer um assunto ainda pouco discutido, mas, ao se abordar esse tema, verifica-se que já existem muitos que abordam esse assunto nos estudos linguísticos. A língua de sinais tem características bem peculiares.

Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais são reconhecidos a partir dos anos 60 do século XX, quando temos a primeira pesquisa com o intuito de estudar e relacionar a língua de sinais americana. Ressalte-se, no entanto, que antes disso já existiam outras publicações, mas sem o reconhecimento nos estudos linguísticos. As línguas de sinais vêm sendo cada vez mais estudadas no mundo inteiro e isso já se mostra um importante aporte para a pesquisa de registro de línguas de sinais não oficiais ou compartilhadas. “[...] as línguas de sinais de aldeia seriam mais uma peça do mosaico de tipos diversos de línguas de sinais a serem descritas e estudadas.” (GODOY, 2020, p. 13).

A obra *Sign Language, a international Handbook* nos traz vários temas condizentes às línguas de sinais no mundo. No capítulo 24 temos o texto “*Shared sign languages*”, de Victoria Nyst, que traz um apanhado das pesquisas no mundo em língua de sinais em desenvolvimento ou como nomeada pela autora de sinais compartilhados. Segundo a autora, as línguas de sinais compartilhadas se desenvolvem de forma espontânea tanto pelos surdos como pelos ouvintes. Afinal, em várias dessas comunidades observa-se um ponto positivo em relação às línguas de sinais de uma grande comunidade de surdos, que segundo os estudos linguísticos mostram que as línguas de sinais apresentam uma expressão por inteiro.

As línguas de sinais mantêm sua função social, pois denotam a importância da cultura e identidade desses indivíduos. Os ouvintes dessas pequenas comunidades aprendem e usam a língua de sinais na comunicação, não havendo nenhuma discrepância na visão da surdez que é mais natural, sem fazer uma diferenciação da pessoa surda em relação aos ouvintes, acontecendo uma inclusão verdadeira que pouco acontece nos grandes centros urbanos.

Ao relatar essas pesquisas em línguas de sinais, na maioria dos casos, não oficiais ou compartilhadas, optamos por uma organização geográfica de cada grupo de indivíduos surdos pertencentes a essas comunidades linguísticas. Tal abordagem é feita por continente, iniciando pela Ásia, África, Europa e, depois, chegando às comunidades da América, iniciando pela América do Norte, depois, Central e finalizando na América do Sul.

Em nível mundial, há estudos de pesquisadores como Nonaka (2004) e Woodward (1996) citados por Leite e Quadros (2014), nos quais já estava presente o tema de descrição e registro de línguas de sinais.

Conforme observado, são primeiramente da Ásia os casos detectados de grande incidência de surdos: em *Ban Khor*, na Tailândia, com pesquisas de *Nonaka* (2007). Essa língua de sinais surgiu há 70 anos e corre risco de extinção devido ao aumento do contato com a Língua de Sinais Tailandesa.

Na Índia, existem as comunidades de Andhara Pradesh e de Alipur ao sul, com tem cerca de 250 surdos, e são mais um caso em que a língua de sinais local está em risco de desaparecer por causa do aumento do uso da língua de sinais indiana.

No Oriente Médio temos a comunidade beduína de Al-Sayyid no Negev, em Israel, que numa população de 3.700 pessoas 120 são surdas:

A surdez surgiu apenas quatro a cinco gerações, ou seja, há cerca de oitenta anos atrás (KISCH, 2006, 2008) uma alta incidência semelhante de surdez é encontrada pelo menos em duas outras comunidades beduínas do Negev. Todas as três comunidades desenvolveram sua própria linguagem de sinais. A comunidade de Al-Sayyid é uma das poucas comunidades com uma alta incidência de surdez que tem sido estudada extensivamente numa perspectiva antropológica e linguística.¹⁶ (NYST, 2012, p. 558).

No sudeste asiático temos Gede Marsaja, que apresenta pesquisas sobre Desa Kolok, uma vila de surdos em Bali, na Indonésia¹⁷. Os sinais foram descritos a partir do uso entre os surdos daquela localidade. O autor partiu da análise do modelo da língua de sinais com base em seu uso e formação para o desenvolvimento da língua de sinais desse grupo, analisando as estruturas fonológicas que já vinham sendo discutidas. Nessa vila, segundo Marsaja (2015), viviam 44 surdos, de todas as faixas etárias, e descreve sobre a língua de sinais Kata Kolok que ali se formou. Existem algumas dificuldades de registro da língua de sinais Kata Kolok, pois se tentam criar regras para registro e descrição do que já está sendo feito nas comunidades.

Ao estudar esse grupo de surdos, o autor verificou que cada um utilizava sinais próprios, com muita alteração entre eles. Essas alterações na formação podem ser conferidas por meio de métodos de observação e descrição. Nessa comunidade, os ouvintes também

¹⁶ Com o texto: *Deafness emerged only 4-5 generations, i.e. around 80 years, ago (KISCH, 2006, 2008). A similar high incidence of deafness is found in at least two other Bedouin communities in the Negev. All three communities have developed their own sign language (KISCH, 2007). The Al-Sayyid community is one of the few communities with a high incidence of deafness that has been studied extensively from both an anthropological and a linguistic perspective (NYST, 2012, p. 558).* Inglês (Estados Unidos).

¹⁷ Informações sobre a ilha dos surdos na indonésia Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/revista-47615587>. Acessado em 4 de maio de 2021.

adquiriram a língua de sinais, o autor relata que é natural nas reuniões da vila um ouvinte sentar-se ao lado de um surdo e fazer a interpretação da reunião. A língua de sinais surgiu na vila e foi sendo instituída com o tempo de convivência das pessoas surdas. Essa língua não é ensinada, ou seja, é uma língua que surgiu com sua própria população diante da necessidade de comunicação, e é comum que surdos de outras comunidades entendam o Kata Kolok sem dificuldade alguma devido ao aspecto da visualidade comum às línguas de sinais.

O principal idioma usado nas reuniões é o balinês e uma pessoa que ouve que se senta ao lado de uma pessoa surda normalmente interpreta a reunião para ela voluntariamente usando Kata Kolok, a língua de sinais da aldeia. Os surdos participam ativamente em todas as áreas de atuação da comunidade. Durante um ritual no templo, eles fazem oferendas e vão orar como fazem as pessoas que ouvem. Embora não consigam ler nenhum calendário impresso, eles geralmente podem prever com precisão quando ocorrerá um festival do templo na aldeia.¹⁸ (MARSAJA, 2015, p. 58).

A pergunta que vem surgindo é sobre a sobrevivência do Kata Kolok nas comunidades e sua formação fonológica, e pode ser que com o passar do tempo essa língua esteja em risco de extinção.

O desenvolvimento dos surdos tem academicamente contribuído para despertar pesquisadores surdos com uma preocupação constante em manter e recuperar essa língua de sinais, e com seus estudos contribuem para a manutenção do idioma.

Na África, tem-se o caso de *Adamorobe* em Gana, com 35 pessoas surdas em uma comunidade de 1.400 habitantes. Conforme afirma Nyst (2012 p. 557), “recentemente, um estudo antropológico do ‘espaço surdo’ foi concluído por Kusters (2012).”¹⁹

Na Europa as comunidades com língua de sinais não oficiais ou compartilhadas de que se tem conhecimento são as de *Katwijk* na Holanda, de *Ayent* na Suíça. Segundo Nyst (2012, p. 558), também há: “[...] um clã escocês em uma comunidade judaica na Grã-Bretanha (FRASER,

¹⁸ Com o texto: “The main language used in meetings is Balinese and a hearing person who sits next to a Deaf person normally interprets the meeting for him voluntarily using Kata Kolok, the village sign language. The Deaf people participate actively in all áreas of community activities. During a temple ritual, they make offerings and go for a prayer as ordinary hearing people do. Although they are not able to read any printed calendar, they can generally predict with precision when a temple festival will occur in the village.” (MARSAJA, 2015, p. 58). Inglês (Estados Unidos). <https://www.cdu.edu.au/sites/default/files/the-northern-institute/10.18793-lcj2015.16.05.pdf> Acesso em: maio de 2021.

¹⁹ Com texto: *Recently, an anthropological study of ‘deaf space’ in Adamorobe was completed by Kusters (2012) (NYST, 2012, p. 557). Inglês (Estados Unidos).*

1976) que teve uma incidência relativamente alta de surdez.”²⁰. A surdez, aliás, é um fenômeno frequente na comunidade judaica na Grã-Bretanha.

Outra comunidade com grande incidência de surdos é em São Tomé e Príncipe, próximo a Portugal, onde foi feito um projeto para desenvolvimento linguístico da comunidade surda através de um pedido do governo daquela nação à Universidade Católica Portuguesa para auxiliar na organização da educação desse grupo de surdos. Segundo a autora, o objetivo era o de estabelecer “[...] bases para que emergisse uma língua gestual para as crianças surdas, levando-se em conta que as mesmas se encontravam sistematicamente rejeitadas pela escola por motivo de os seus professores não conseguirem interagir linguisticamente.” (MINEIRO; CARMO, 2016, p. 162). Os surdos estavam isolados e sem conhecimento da língua de sinais.

A comunicação caseira que se desenvolve entre familiares de forma básica não consegue levar os surdos ao desenvolvimento de uma língua, é necessária a interação social com seus pares. Segundo Mineiro e Carmo (2016):

[...] a interação social é um fator crucial para que exista uma língua. O facto de os seres humanos estarem biologicamente programados para a linguagem não significa que adquiram uma língua ou ‘ativem’ a competência para a linguagem se não estiverem em contacto com outros seres humanos com os quais partilham a mesma modalidade linguística (oral ou gestual). (MINEIRO; CARMO, 2016, p. 163).

A ilha contava com população de 187.000 mil pessoas, com 5.000 surdos na região (dados do último censo). Nessa ação entre os dois países, foi desenvolvido o projeto ‘Sem Barreiras’ entre 2012 e 2013 a pedido do governo de São Tomé e Príncipe em parceria com a ONG Marquês de Valle-Flôr, o Hospital *Cuf Intante* Santo e a Universidade Católica Portuguesa.

O projeto teve início com o entendimento de não ensinar a língua gestual portuguesa, o objetivo nos primeiros dois anos foi o de “[...] apoiar a reunião de indivíduos surdos de forma a que pudessem, no seu tempo, ir criando as bases estruturais que levariam à emergência de uma língua natural gestual.” (MINEIRO; CARMO, 2016, p. 164).

Os encontros foram desenvolvidos durante a semana toda e nos fins de semana a instrutora surda promovia encontros em locais da região, passeios proporcionando a interação entre os participantes e o encontro com seus pares, fatores importantes para o desenvolvimento

²⁰ Com o texto: [...] a Scottish clan in a Jewish community in Britain (Fraser 1976) had a relatively high incidence of deafness... (NYST, 2012, p. 558). Inglês (Estados Unidos).

linguístico. Ao final do primeiro ano do projeto, foram catalogados cerca de 500 sinais e até meados do segundo ano os sinais evoluíram para mais de 800 sinais. Segundo as autoras: “Com o desenvolvimento do vocabulário, os gestos passaram a estar integrados em enunciados mais extensos como em conversas e diálogos gestuais sequenciais e sustentados no tempo” (MINEIRO; CARMO, 2016, p. 170). foi a ação inicial para o registro da língua de sinais do grupo.

A seguir abordaremos as línguas de sinais locais na América do Norte, Central e do Sul, o pesquisador Godoy (2020), está elaborando um mapa para visualização desses locais que já encontram com pesquisas realizadas ou em andamento, vejamos o mapa:

Figura 9 – Mapa das comunidades de línguas de sinais locais entre os povos ameríndios



Fonte: (GODOY, no prelo).²¹

²¹ Esse desenho é um esboço do mapa, está em fase de construção. As localidades em que se encontra a marcação em azul, são os locais que já existem pesquisas publicadas, as marcações em vermelho são locais que se tem conhecimento de comunidades surdas, mas que não há nenhuma pesquisa publicada ou estão em andamento.

Na América do Norte, as comunidades com grupos de surdos que se comunicam com uma língua de sinais compartilhada são: *Martha's Vineyard* em *Massachusetts*, condado de *Lancaster, Pensilvânia*, *Keresan* no Novo México, nos Estados Unidos, e *comunidades Inuit em Nunavut*, no Canadá.

No México, no vilarejo *Yocateca* Maia em *Yucatan*, Nyst (2012), são descritas duas aldeias: *Nohya* no centro e outra no norte de *Yucataán*; a primeira com 300 habitantes, tendo 12 surdos e a segunda com 400 habitantes e 13 pessoas surdas. Segundo o autor parte do léxico de da língua de sinais em *Nohya* é baseada nos gestos convencionais da maior cultura maia.

De modo complementar, *Shurman* e *Cherry-Shuman* (1981) publicaram uma lista anotada de sinais (NYST, 2012). Há indícios de que a língua de sinais de *Nohya* pode ter relação com uma língua de sinais indígena utilizados no México e na Guatemala por comunidades maias.

Na Jamaica, em Santa Isabel, houve registro de uma comunidade de aproximadamente 200 surdos em 1985, segundo pesquisa de Dolman no ano de 1986. “Uma apresentação recente de Cumberbatch (2006) confirma o aumento do *status* de perigo da língua.”²² (NYST, 2012, p. 555). A língua está em perigo de extinção devido ao uso crescente da Língua de Sinais Americana.

Na América Central e Caribe tem-se, por exemplo, Ilha *Providence*, na Colômbia, onde, em 1995, foram registradas 19 pessoas surdas numa população de 2.500 a 3.000 habitantes. As causas da surdez nessa localidade são: “[...] pela síndrome de *Waardenburg*, na qual distúrbios na pigmentação da pele e distúrbios auditivos andam juntos. Uma linguagem de sinais local, a *Providence Island Sign Language* (PISL), que é utilizada na comunicação das pessoas surdas.”²³ (NYST, 2012, p. 555).

Nas Ilhas *Cayman* há um registro em 1952 da língua de sinais *Gran e Little Cayman* pelo estudo de Doran em 1952, posteriormente, Washabaugh, no ano de 1981, relata, ao fazer uma reconstrução histórica, que houve a substituição dessa língua pela língua de sinais da Jamaica com base em ASL através da educação escolar desses surdos.

Na Nicarágua, conforme Spicacci (2018), nos anos de 1970, pesquisadores descreveram que não havia uma língua de sinais sistematizada devido à dispersão dos surdos e

²² Com o texto: *A recent presentation by Cumberbatch (2006) confirms the increased endangered status of the language* (NYST, 2012, p. 555).

²³ Com o texto: *The deafness is caused by the Waardenburg syndrome, in which disorders in the pigmentation of the skin and hearing disorders go together. A local sign language, Providence Island Sign Language (PISL), is used in communicating with deaf people* (NYST, 2012, p. 555). Inglês (Estados Unidos).

à falta de escolas especializadas. A partir de 1977, quando foi organizada a educação especial para esse grupo, a língua oral (o espanhol) não estava surtindo efeito. Com o agrupamento dos surdos nas escolas especiais, começou a se desenvolver uma comunicação em sinais.

O ensino, realizado apenas em espanhol, de acordo com Senghas, Kita e Özyürek (2004), não era eficiente para as crianças surdas, que logo começaram a desenvolver, espontaneamente, um sistema de gestos, o qual se expandiu, tomando a forma de uma primitiva língua de sinais. Neste novo cenário, surgiu a LSN, Língua de Sinais Nicaraguense ou ISN, *Idioma de Señas de Nicaragua*. (SPICACCI, 2018, p. 44).

Anos mais tarde foi feita uma pesquisa que analisou 10 surdos que tiveram aquisição inicialmente, 10 que aprenderam a língua entre os anos de 1984 e 1993, e outros 10 surdos que aprenderam a língua a partir de 1993. Nesse sentido, Spicacci afirma:

[...] a maioria dos surdos do grupo 1 produziram o evento de movimento de forma icônica, ou seja, com os dois elementos realizados simultaneamente. A maioria dos surdos dos grupos 2 e 3 produziram o evento de forma sequencial, ou seja, apresentando os dois aspectos articulados separadamente. Isso mostra que os surdos do grupo 1 aprenderam uma língua menos sistematizada, em uma época que a ISN não estava estruturada gramaticalmente, enquanto os surdos dos grupos 2 e 3 apresentaram uma evolução sistêmica na estrutura gramatical de sua sinalização, considerando que apresentaram sinais tanto para a categoria trajetória como para a categoria modo. Com essa pesquisa, Senghas, Kita e Özyürek (2004) buscaram demonstrar que a língua de sinais é capaz de se expressar além da iconicidade, estando apta a se tornar uma língua com características complexas. (SPICACCI, 2018, p. 44-45).

Esse exemplo da Nicarágua mostra a evolução de uma língua que inicialmente surge com sinais compartilhados e que ao se desenvolver ou amadurecer adquire os aspectos mais complexos de qualquer língua. A língua que surgiu em um grupo social e cultural de forma tímida, ao se desenvolver, determina esse grupo de indivíduos, mais tarde, com o desenvolvimento de uma língua com características gramaticais complexas.

Em Honduras, em 1870, havia um clã dos indígenas Jicaque com alto índice de surdos que fugiram para montanhas e estabeleceram uma comunidade, mas atualmente não se tem notícias de como está essa situação.

Na América do Sul, temos a comunidade indígena Ka'apor no Brasil. Segundo pesquisa de Kakumasu (1968), numa aldeia de 500 pessoas havia 12 surdos; anos mais tarde, a linguista Lucinda Ferreira Brito (1982) descreveu em suas pesquisas que havia cinco surdos. (GODOY, 2020).

Em outros países da América Latina como Argentina, Bolívia e Chile, existem grupos de surdos que utilizam uma língua de sinais.

Os estudos sobre Língua de Sinais estão presentes não apenas no Brasil: no Suriname, por exemplo, foram identificadas várias comunidades com grande número de surdos, o que resulta numa língua de sinais compartilhada.

Groce (1985, 69) lista várias comunidades que parecem ter uma relação relativamente alta de incidência de surdez e uma linguagem de sinais resultante. Ela cita Tervoot (1978), que mencionou um grupo de aldeões índios surdos no Suriname. Van Den Bogaerde (2006) encontrou uma incidência ligeiramente superior à média de surdez em Kosindo, uma comunidade Afro descendente de línguas Saramaccan na selva do Suriname.
²⁴ (NYST, 2012, p. 555-556).

Nessa comunidade afrodescendente, a comunicação entre surdos e ouvintes era eficiente, eles utilizavam uma língua de sinais local. Foi uma nova língua que surgiu com a influência das línguas indígenas e africana local. Nesse grupo, a língua de sinais apresenta mudanças regionais, havia alguns sinais comuns entre os diferentes povos, mas as sinalizações apresentavam diferenças mínimas nas articulações em língua de sinais.

No Brasil as primeiras pesquisas em línguas de sinais não oficiais foram dos indígenas Ka'apor no Maranhão, por Jim Kakumasu, no ano de 1965. E, posteriormente, em 1982, pela pesquisadora Lucinda Ferreira Brito que mapeou sinais desse grupo de indígenas. Em uma pesquisa mais atual, Godoy (2020, p. 8), escreveu: “[...] como as redes de relações dos surdos sustentam o uso de uma língua de sinais, própria dos Ka'apor.” Sua pesquisa teve como temática: “[...] a interrelação entre surdos e ouvintes como base que sustenta uma língua de sinais e, por outro, a interseção entre os gestos e os sinais.” (GODOY, 2020, p. 08). Nessa comunidade há interação entre ouvintes e indígenas surdos (LEITE; QUADROS, 2014).

Em 2004 o pesquisador francês, Fusillier (2004), desenvolveu uma pesquisa com três surdos, em Brasília, esses surdos vieram para Brasília do nordeste brasileiro. Eles utilizavam gestos na comunicação diária que o autor denominou de língua de sinais emergentes.

²⁴ Com o texto: *Groce (1985, 69) lists several communities that appear to have a relatively high incidence of deafness and a resulting sign language. She quotes Tervoot (1978), who mentioned a group of Deaf Indian villagers in Surinam. Van den Bogaerde (2006) encountered a slightly higher than average incidence of deafness in Kosindo, a Saramaccan-speaking community of African descent in the Surinamese jungle (NYST, 2012, p. 555-556). Inglês (Estados Unidos).*

No ano de 2008 foi registrada a pesquisa de Giroletti com indígenas Kaingang de uma aldeia no município de Ipuacu (SC). Esta teve o objetivo de: “Identificar o processo de negociação dos sinais Kaingang, contextualizar e analisar os sinais usados ou criados pelos surdos, em seu ambiente escolar, familiar e social.” (GIROLETTI, 2008, p. 18).

Shirley Vilhalva, em 2009, fez o mapeamento de indígenas surdos e de sinais, que ela denominou ‘sinais emergentes’, em comunidades indígenas na Grande Dourados (MS), para garantir e com a finalidade de:

[...] aprofundar conhecimentos no desenvolvimento de atividades de pesquisa avançada com finalidade didática e científica, de forma a repensar o ensino e valorização das Línguas de Sinais dentro da área de Políticas Linguísticas no espaço da universidade em relação às comunidades indígenas. Este desafio foi transformado na meta de registrar os sinais emergentes das comunidades indígenas do Mato Grosso do Sul a fim de garantir que a cultura do índio surdo seja compreendida para que, consequentemente, eles sejam aceitos e respeitados pelas autoridades e pelo resto da sociedade brasileira, nas suas diferenças e nas suas especificidades, sejam culturais ou linguísticas. (VILHALVA, 2012, p. 10).

No ano de 2011, uma pesquisa realizada por Coelho (2011), ampliou os estudos em Mato Grosso do Sul, e teve por título: “A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola.” (p. 13). A análise contemplou estudantes surdos indígenas nas comunidades Guarani-Kaiowá nos municípios de Amambai, Paranhos e Coronel Sapucaia, sul do Estado de Mato Grosso do Sul.

Em 2013, outra pesquisa foi registrada na comunidade de Bororó e Jaguapiru, em Dourados por Lima (2013), está intitulada “A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola”, seu objetivo: “Investigar as formas de comunicação e inclusão da criança surda indígena no contexto familiar e escolar.” (LIMA, 2013, p. 5). Nessa comunidade a comunicação entre as famílias, crianças e familiares é por meio de sinais icônicos e apontamentos na tentativa de suprir a necessidade de comunicação que é inata a todo ser humano.

No ano de 2013 foi registrada a pesquisa do antropólogo Pereira (2013) que fez mapeamento de sinais em uma comunidade Jaicós em Várzea Queimada, interior do Piauí. Os surdos da região usam uma língua de sinais, que segundo o autor é viva e atuante na comunicação entre eles. O autor afirma ainda: “É na produção cotidiana, nos encontros face a face, que essa linguagem se perpetua e se complexifica, se aprimora e se torna passível de reprodução. É na relação imbricada entre cultura e linguagem que ela continua viva.” (PEREIRA, 2013, p. 395). Afinal, a língua se desenvolve na interação de seus falantes ou

sinalizantes, não tendo importância se é uma língua de modalidade oral auditiva, no caso das línguas faladas, ou uma língua de sinais de modalidade espaço-visual.

Dando continuidade a análises com grupos distantes dos grandes centros urbanos, temos em 2014 a pesquisa de Priscila Sumaio, com sua dissertação de mestrado intitulada “Sinalizando com os Terena: um estudo do uso de Libras e de sinais nativos por indígenas surdos” nesse trabalho, a pesquisadora teve como principais objetivos: “Confirmar se existiam sinais próprios dos Terena, filmar o uso desses sinais e, posteriormente, fotografá-los de forma sistematizada para a pesquisa, analisar qual é a relação desses sinais com a Libras.” (SUMAIO, 2014, p. 15). Ela deu continuidade ao trabalho em nível de doutoramento em 2018 com a tese intitulada ‘Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos Terena da Terra Indígena Cachoeirinha.’ (SOARES, 2018). Priscila Sumaio teve, então, como objetivo: “[...] descobrir se os sinais que os surdos terena e alguns ouvintes estavam utilizando eram sinais caseiros ou uma língua, e se essa língua seria autônoma ou uma variedade da Libras.” (SOARES, 2018, p. 07). E trouxe os seguintes resultados: “Avaliou-se então a fonologia, principalmente, e também o léxico, a morfologia, a sintaxe e a semântica desse sistema, chegando à conclusão de que não constitui variedade da Libras e nem um sistema de sinais caseiros, mas uma língua autônoma.”

Na etnia Sateré-Mawé da microrregião de Parintins (AM) temos a pesquisa de Azevedo (2015) intitulada “Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins”, a qual teve entre os seus objetivos [...] mapear os índios surdos na microrregião de Parintins; identificar de que forma o índio surdo estabelece a comunicação com sua comunidade, especificamente no âmbito educacional, ou se utilizam línguas de sinais da comunidade local. (AZEVEDO, 2015, p. 15).

Em Tocantins, Barretos (2016), desenvolveu uma pesquisa com os indígenas surdos Akwê-Xerente, na Terra Indígena Xerente, localizada no município de Tocantins, à margem direita do rio Tocantins e à esquerda do rio Sono, no norte do Estado. Essa área pertence ao Povo Xerente. Sua pesquisa teve como título “*A situação de comunicação dos Akwê-Xerente surdos*”. Seu estudo se pautou na “[...] identificação, o registro, a descrição e a análise da situação de comunicação em que os surdos Akwê estão inseridos”. (p. 84).

Foi desenvolvida uma pesquisa por Cerqueira e Teixeira (2016), com cinco surdos da cidade de Cruzeiro do Sul (AC) e toda a região do Vale do Juruá. “[...] *aceno* é uma expressão própria para designar os indivíduos surdos não apenas da cidade, mas de todo o vale do Juruá.” (p. 2). Os sinais utilizados por esse grupo de surdos são nomeados por ‘Acenos’. A pesquisa teve o objetivo de: “verificar como a iconicidade, processo cognitivo que reflete a semelhança

entre o significante e o significado, manifesta a realidade individual e coletiva do usuário de língua de sinais.” (p. 1). Essa região tem um alta incidência de surdos devido a rubéola e outros medicamentos entre eles o de combate à malária.

Stoianov-Nevins (2017) fizeram uma pesquisa no povo Maxakalí em Minas Gerais com um grupo de surdos na qual analisou a fonologia da distribuição em forma de mãos em sinais Maxakalí. Segundo os autores: “O sistema emergiu isoladamente e os signatários não têm contato conhecido com a língua de sinais nacional do Brasil (Libras), ou de outros indígenas signatários ou sistemas de sinalização. Atualmente, apenas essa geração dos signatários é conhecida.” (p. 232)²⁵. Essas línguas dos sinais locais surgem em grupos normalmente isolados com alto índice de surdez, acima da média nacional.

Conforme já afirmado, em Rondônia, no ano de 2017, foi feito o mapeamento de sinais dos indígenas Paiter Suruí localizados na Terra Indígena Sete de Setembro, no município de Cacoal- Rondônia. A pesquisa foi feita por três pesquisadoras Eler (2017 e 2020) que mapeou sinais do contexto escolar com título ‘Mapeamento de Sinais da Educação Escolar Indígena dos Surdos Paiter Suruí’. Costa (2017) mapeou sinais do contexto da família: ‘Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar’, Gregianini (2017) mapeou sinais do contexto da comunidade com título da pesquisa ‘Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade.’

Em 2021, Diná Silva (2021) desenvolveu uma pesquisa na comunidade de Caiçara em Várzea Alegre- CE e em Jaicós - Várzea Queimada- PI, o objetivo da pesquisa foi inventariar duas línguas de sinais emergentes utilizadas nessas comunidades. O tema gerador da sua pesquisa foi: “[...] por um lado, a interrelação entre surdos e ouvintes como base que sustenta uma língua de sinais e, por outro, a interseção entre os gestos e os sinais.” (p. 9).

Ainda no ano de 2021 tivemos a pesquisa de Ivanete de Freitas Cerqueira na comunidade do Vale do Juruá, no Acre, tendo como objetivo “[...] descrever como os sinais caseiros se inseriam no processo comunicativo de filhos surdos com familiares ouvintes, tendo em vista o nível de compreensão entre interlocutores, a distinção entre sinais e gestos, além do grau de iconicidade concernente às unidades gestuais.” (p. 8). Os resultados da pesquisa sugeriram que a comunidade surda local:

²⁵ Com o texto: The system has emerged in isolation, and signers have no known contact with the national sign language of Brazil (Libras), or other indigenous signers or sign systems. At the present time, only the current generation of signers is known (STOIANOV-NEVINS, 2017, p. 232). Inglês (Estados Unidos).

[...] partilham de um léxico comum, embora os ouvintes, em geral, se apoiem bastante em gestos coverbais; 2) os movimentos gestuais dos Surdos são unidades lexicais que se manifestam como sinais estabilizados (nomes, processos, marcadores de tempo, avaliativos.), [...] o sinal é essencialmente icônico, sem deixar de ser convencional e arbitrário. Enfim, é pertinente afirmar que os sinais caseiros são signos linguísticos que atuam nas Línguas de Sinais Caseiras de Surdos que, não tendo acesso, precocemente, a uma língua de sinais institucionalizada, passaram a desenvolver, *pari passu*, seu próprio instrumento de interação, mediante o espaço linguístico-comunicativo encontrado no seio familiar. (CERQUEIRA, 2021, p. 8).

Araújo e Oliveira (2021), citam a Língua de Sinais Macuxi (RR), que tem sido pesquisada por alguns pesquisadores esse sistema de comunicação é utilizada por um grupo de irmãos surdos e a mãe desenvolveram para a comunicação, a mãe teve o primeiro filho que morreu e dali em diante relata que: “[...] os filhos seguintes nasceram todos surdos, no total de dez irmãos. Atualmente todos os irmãos surdos têm acima de 20 anos e juntamente com a mãe criaram o sistema de sinais denominada aqui de Língua de Sinais Macuxi.” (p. 9).

Em 2023 Carvalho (no prelo), está com uma pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística na Unemat, em desenvolvimento com os sinais Paiter Suruí, denominados assim nas pesquisas de Eler (2017 e 2020), Costa (2017) e de Gregianini (2017), essa pesquisa busca verificar se os sinais da LSPS apresentam os mesmos parâmetros da Língua Brasileira de Sinais. O objetivo principal da sua pesquisa é verificação se os sinais próprios desses indígenas contemplam os parâmetros das línguas de sinais. Como resultado desse estudo, os sinais Paiter Suruí demonstram apresentar os parâmetros da Libras na estrutura dos seus sinais. Coladine (no prelo) está desenvolvendo uma pesquisa de mapeamento de sinais com a etnia Cinta Larga, localizado no Parque Aripuanã na divisa do município de Espigão do Oeste (RO) e parte do Mato Grosso.

Ainda em 2023, dando continuidade à pesquisa de mestrado, Eler está com esta pesquisa em tela no doutorado em linguística.

Quadro 3 – Pesquisas realizadas no Brasil de línguas sinalizadas locais

Ano	Comunidade	Localização	Língua de sinais	Pesquisador/autor
1968 1982	Kappor	Maranhão.	Língua de sinais Kappor	Jim Kakumasu/ Ferreira Brito/
2004	Grupo de Surdo oriundos do Nordeste	Região de Brasília.	Língua de Sinais Emergentes	Fusilier-Souza

2008	Comunidade Sítio Caiçara	Sítio Caiçara, Várzea Alegre – CE.	Língua de Sinais de Caiçara	Temóteo
2008	Kaingang-SC	Iguaçu – SC.	Língua de Sinais Kaingang	Giroletti
2009 2011	Guarani- Kaiowá	Comunidades Indígenas na Grande Dourados – Amambai, Paranhos, Coronel Sapucaia – MS.	Língua de Sinais Guarani-Kaiowá	Shirley Vilhalva/ Coelho
2013	Bororó e Jaguapiru,	Dourados – MS.	Sinais icônicos	Lima
2013	Jaicós - Várzea Queimada	Jaicós em Várzea Queimada – Piauí	Cena	Pereira
2014 2018	Terena da Terra Indígena Cachoeirinha	Cachoeirinha – MS.	Língua Terena de Sinais	Sumaio
2015	Sateré-Mawé	Parintins – AM.	Língua de Sinais Sateré-Mawé	Azevedo
2016	Akwê-Xerente	Município de Tocantínia – TO.	Língua de Sinais Akwê-Xerente	Barretos
2016	Comunidades do Vale do Juruá	Cruzeiro do Sul – AC.	Acenos	Cerqueira/ Teixeira
2017	Povo Maxakalí	Minas Gerais	Sinais Maxakalí	Stoianov e Nevins
2017	Paiter Suruí	Aldeia Gapgir – Cacoal – RO.	LSPS	Eler/Costa/ Gregianini
2017	Pataxó	Aldeia de Coroa Vermelha – BA	Língua de Sinais Pataxó	Damasceno
2018	Terena da Terra Indígena Cachoeirinha	Cachoeirinha – MS.	Língua Terena de Sinais	Soares
2020	Kappor	Maranhão	Língua de sinais Kappor	Godoy
2021	Comunidade de Caiçara e Jaicós - Várzea Queimada	Várzea Alegre – CE e Jaicós em Várzea Queimada – Piauí	Língua de Sinais de Caiçara e a Cena	Silva

2021	Macuxi	Uiramutã - RR	Língua de Sinais Macuxi	Araújo e Oliveira
2021	Comunidade do Vale do Juruá	Vale do Juruá – AC	LS-Cas	Cerqueira (2021)
2022	Povo Cinta Larga	Parque Aripuanã MT e RO	Sinais Cinta Larga	Coladine (no prelo)
2022	Povo Paiter Suruí	Aldeia Gaggir – Cacoal – RO	LSPS	Carvalho (no prelo)

Fonte: Adaptado de Silva (2021) e desenvolvido pela autora.

Assim, essas são as pesquisas realizadas das quais conseguimos ter conhecimento nas variadas regiões do mundo e no Brasil sobre as línguas de sinais não oficiais, ou compartilhadas, ou de grupos isolados.

CAPÍTULO III

O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo será abordado o desenho metodológico que nortearam a pesquisa. A produção de conhecimento foi delineada pela metodologia de pesquisa pós-crítica que nos permitiu traçar caminhos para as análises feitas. Tivemos como referência Meyer e Paraíso (2012) que nos embasou metodologicamente seguindo a fundamentos teóricos de Brentari (1998), Quadros (2019), Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira (2010) sobre a Libras para criar nossas análises sobre o *corpus* disponível.

3.1 Metodologia

A presente pesquisa se mostra de natureza aplicada buscando comparar sinais mapeados em outras pesquisas acerca dos indígenas surdos Paiter Suruí com sinais da Libras e da ASL. Trata-se de um estudo de caso de abordagem qualitativa, a partir das premissas de metodologias de pesquisas pós-críticas. A propósito, Meyer e Paraíso (2012) apresentam um jeito novo e livre de encaminhar suas observações, que não se prendem a um método previamente definido, não se desprezando o que já foi produzido em outros tempos, aproveitando esses pressupostos para traçar novos caminhos de prospecção analítica. “Construímos nossas interrogações, definimos nossos procedimentos, articulamos teorias e conceitos. Inventamos modos de pesquisar a partir de nosso objeto de estudo e dos problemas de pesquisa que formulamos.” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 33).

O estudo de caso está fundamentado em Gil (2008, p. 58), como quando procuramos pesquisar situações reais em que “[...] seus limites não estão claramente definidos ou descrever situações do contexto em que se está sendo feita determinada investigação.” Portanto, pesquisar os sinais produzidos por esse grupo de indígenas surdos pode ser caracterizada por um estudo de caso.

Como procedimento da produção de conhecimento, foi utilizado como material de análise dados produzidos nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017), e Eler (2017 e 2020). O material coletado se mostra valioso para dar continuidade a estudos já existentes, facilitando a produção de novos conhecimentos a partir dos presentes; no caso em foco, proporcionar o estudo do material de análise nas pesquisas realizadas por Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017 e 2020). Os sinais analisados foram sinalizados pelos indígenas

surdos entre os anos de 2015 e 2016 registrados pelas pesquisadoras acima citadas. Esses indígenas foram seis jovens e adolescentes e duas crianças. Eles estão em processo de aprendizado inicial da Libras, portanto não são fluentes em Libras. Eles utilizam na sua comunicação a LSPS e introduzem alguns sinais que estão aprendendo da Libras.

Em continuidade a essas indagações, faz-se a comparação da estrutura dos sinais Paiter Suruí com os da Libras e da ASL descritos por Brentari (1998). Os sinais foram escolhidos a partir das oito características que foram citadas por Brentari. A partir de cada característica que a autora descreveu foi procurado no corpus registrado se havia sinais que contemplasse os requisitos apontados. Logo após apontado um sinal da Libras com a mesma característica, sendo criado um quadro com os três sinais das línguas em foco, estes quadros estão na produção de dados desta tese. Cada imagem do sinal contém um link e um qr code para consulta do sinal em vídeo no You Tube, assim o leitor consegue verificar como o sinal é realizado

Ao trilhar os passos da metodologia pós-crítica, é importante salientar que não realizamos coleta de dados, mas iremos buscar a produção de conhecimentos a partir do *corpus* que foi produzido nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017). Costa (2017), registrou 42 sinais relacionados ao contexto familiar. Gregianini (2017) registrou 21 sinais do contexto da comunidade da aldeia e Eler (2017) 56 sinais referentes ao ambiente escolar, no total o registro foi de 119 sinais registrados nessas pesquisas. Desses sinais a maioria são substantivos que nomeiam objetos e seres, alguns verbos e advérbios.

Acerca desses sinais, pelo fato de a pesquisa ser desenvolvida envolvendo a comunidade surda indígena, foram levados em consideração a influência da cultura e identidade Paiter Suruí na sua criação. Corroborando o pensamento de Meyer e Paraíso (2012), Chacon (2014) tratou essa temática como “produzir conhecimento” em vez de “coleta de dados” e ampliou seu sentido:

[...] ou seja, são ações de pesquisa bibliográfica ou de campo, abrangentes ou pontuais, realizadas a partir de metodologias e técnicas variadas que objetivam compreender, explicar, identificar, caracterizar, descrever e diagnosticar um determinado objeto ou situação-problema. Deste modo, os objetos prioritários são a língua, a sua comunidade linguística e os contextos socioculturais relacionados. (CHACON, 2014, p. 29).

Ancorados na metodologia de pesquisas pós-críticas, reconhecemos uma forma de trilhar novos caminhos que nos possibilitam produzir os dados ou conhecimento nesta pesquisa, pois, na condição de produtores de conhecimento, não faremos uma mera amostragem, mas produziremos dados com um olhar pesquisador voltado para a estrutura linguística dos sinais

Paiter Suruí mapeados no contexto da comunidade indígena em questão. Segundo Meyer e Paraíso:

[...] que “metodologia” é um termo tomado em nossas pesquisas de modo bem mais livre do que o sentido moderno atribuído ao termo “método”. Entendemos a metodologia como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisas que é articulado a um conjunto de procedimentos de coletas de informação – que em congruência com a própria teorização preferimos chamar de “produção” de informação – de estratégias de descrição e análise. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16).

Conforme as pesquisas de Meyer e Paraíso (2012), a opção pela metodologia pós-crítica se justifica pelo objetivo maior da pesquisa. Não são teorias tradicionais, o mais importante é a contribuição para a melhoria da vida das pessoas envolvidas, nesse caso, contribuindo para o reconhecimento da língua de sinais Paiter Suruí. A metodologia pós-crítica nos permite construir nossas análises que dependem do *corpus* investigado, possibilitando um modo inovador de direcionar nossas pesquisas onde os caminhos escolhidos possam contemplar os objetivos traçados para responder aos nossos anseios e indagações sobre nosso objeto de pesquisa.

[...] construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras: para lá e para cá, de um lado para outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e aproximando-nos. Afastando-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16-17).

Dado o exposto, considera-se o modo como se deu a escolha em percorrer o caminho das análises comparativas entre os sinais Paiter Suruí, Libras e ASL, seguindo as premissas das pesquisas teóricas de Brentari (1998) sobre a ASL, Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira (2010) sobre a Libras, buscando pontos comuns entre essas línguas de sinais. Assim, “[..] concluimos nas análises a nossa participação na condução do processo metodológico, em que opções teóricas e metodológicas não ficam escondidas ou subentendidas e, sim, explicitadas e implicadas no processo de realização do estudo” (KLEIN; DAMICO, 2012, p. 66). A partir do corpus disponível, foi recortado sinais que cumpriam com os requisitos característicos citados por Brentari(1998).

As imagens utilizadas para análise foram obtidas das pesquisas de Eler (2017), Costa e Gregianini (2017), do Dicionário Capovilla, da internet e das obras de Brentari (1998). Para que houvesse harmonia quanto ao conjunto produzido nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017), as imagens das duas primeiras pesquisadoras que foram produzidas em fotos nas pesquisas em 2017 são reproduzidas em desenhos nesta tese; já os desenhos são de Suzana Frota, que já havia feito os desenhos dos sinais na pesquisa de Eler (2017). Suzana é surda e tem a habilidade de reproduzir sinais em formato de desenhos a partir de vídeos ou fotos. As imagens dos sinais originais de Costa e Gregianini (2017) encontram-se em anexo no fim do trabalho.

Essas estratégias foram permitidas porque na metodologia de pesquisa pós-crítica a busca dos materiais de análise é vista de forma livre, desde que contemple o objetivo que está sendo proposto. Segundo Paraíso (2012, p. 33), “[...] usamos tudo aquilo que nos serve, que serve aos nossos estudos, que serve para nos informar sobre nosso objeto, para encontrarmos um caminho e as condições para que algo de novo seja produzido”. Os pressupostos da pesquisa pós-crítica proporcionam a oportunidade de criar novos instrumentos de análise, possibilitando novos resultados de produção de conhecimento a partir do objeto em análise, não desprezando o conhecimento que já foi produzido em outras teorias, mas dando uma nova visão a esse conhecimento na busca de novos caminhos.

Não ficamos “de fora” e nem “por fora” do que já foi dito e escrito em todas as perspectivas teóricas sobre o nosso objeto de pesquisa. Participamos da tradição do nosso objeto porque necessitamos saber o que já foi produzido, para analisar, interrogar, problematizar e encontrar outros caminhos. (PARAÍSO, 2012, p. 35).

Utilizamos as análises comparativas a partir de um quadro desenvolvido pela autora sobre oito características básicas criadas por Brentari (1998), que são comuns a qualquer língua de sinais no mundo. No quadro elaborado é colocada cada característica apontada por Brentari (1998) com o sinal correspondente em ASL, em Libras e em LSPS.

Em cada característica é mostrado um exemplo em cada uma das línguas de sinais analisadas. Ao abordar cada característica, foram criados quadros comparativos mostrando cada uma das oito características com sinais da ASL, Libras e LSPS.

É importante esclarecer que as análises foram feitas com base nos traços que cada característica apresentou, e não uma comparação com o mesmo referente em cada língua. É por isso que nas comparações dos quadros, temos por exemplo, a comparação de movimentos síncronos em que analisamos o sinal de EGG (ovo) em ASL, RESUMO em Libras e URUCUM

em LSPS, o traço comum entre esses três sinais foram o movimento síncrono que aparecem em todos os três sinais.

Assim, utilizamos os estudos teóricos da estrutura da ASL e da Libras de Brentari (1998, 2010, 2012), Quadros (2019), Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira (2010) como aporte para as análises das estruturas dos sinais Paiter Suruí.

CAPÍTULO IV

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

As línguas de sinais, antes de a linguística reconhecer seu *status* linguístico, era considerada uma linguagem gestual primitiva. Segundo Ovídeo (2009), no século XIX, Bébían trouxe a discussão sobre algumas estruturas dos gestos, hoje reconhecidos como sinais das línguas de sinais.

[...] o sistema de notação de sinais proposto por Bébían, e o sistema de notação de William C. Stokoe, que surgiu em meados do século XX (Stokoe 1993 [1960]), que é considerado como o início da descrição científica das linguagens gestuais dos surdos. (OVÍDEO, 2009, p. 294).²⁶

Mas o reconhecimento linguístico das línguas de sinais é retomado a partir dos estudos de Willian Stokoe nos anos 1960, nos Estados Unidos, então, a língua de sinais passou a ter *status* de língua.

Neste capítulo será abordado o papel da linguística no reconhecimento das línguas de sinais.

4.1 Línguas de Sinais – o que são? E seu *status* linguístico de língua natural

A língua de sinais é uma língua natural que não tem diferenças com as outras línguas. As diferenças estão na modalidade das línguas de sinais, os surdos utilizam o canal espaço-visual, enquanto os ouvintes usam o canal oral auditivo. As línguas de sinais são marcadas por um processo de gestualidade e por uma gesticulação que são vistas como parte da linguagem humana. A gestualidade é em torno de um contínuo, passando pelos indivíduos da população surda ou até mesmo, do povo helênico, que não tinham comunicação oral e desenvolviam uma capacidade de comunicação muito superior que os outros.

Na década de 1960, o linguista americano Willian Stokoe, com suas pesquisas, conseguiu o reconhecimento da língua de sinais nos estudos linguísticos. Então, observou que os sinais dos sujeitos surdos apresentavam uma estrutura análoga às línguas orais e que apresentavam os aspectos fonológicos, morfológicos, sintático, semântico e pragmático

²⁶ Com o texto: [...] *el sistema de notación de las señas propuesto por Bébían, y el sistema de notación de William C. Stokoe, aparecido a mediados del Siglo XX (Stokoe 1993[1960]), y que es considerado como el inicio de la descripción científica de las lenguas de señas de los sordos.* (OVÍDEO, 2009, p. 294).

universais de todas as línguas do mundo. “Foi o primeiro linguista a trabalhar em linguística de Língua de sinais de qualquer tipo, e a dívida para com Stokoe é enorme por trazer à luz os parâmetros sub-lexicais dos signos.” (BRENTARI, 2012, p. 30)²⁷.

Assim, os estudos linguísticos passaram a reconhecer as línguas de sinais como línguas naturais de modalidade espaço visual enquanto as línguas orais são de modalidade oral auditiva.

4.2 A linguística das línguas de sinais

A linguística das línguas de sinais na atualidade tem o desafio de propagar seus estudos e manter o debate no meio científico, acadêmico e linguístico, pois cada vez mais esse campo tem se expandido nos estudos linguísticos por pesquisadores da área. Esses estudos comparativos das línguas de sinais com a língua oral com o passar do tempo e os avanços das análises têm se desvinculado, na atualidade os estudos das línguas de sinais apresentam autonomia em relação às línguas oralizadas.

Esses estudos nasceram ancorados nas características das línguas orais, pois, na verdade, como línguas que são as línguas de sinais partilham universais linguísticos com as línguas orais. A cada dia, novos estudos levam-nos à identificação de mais aspectos importantes e relevantes da estrutura específica das línguas de sinais, em especial, aqueles que diferem da estrutura das línguas orais, decorrente da diferença de modalidade linguística de cada uma das línguas em questão. (FARIA-NASCIMENTO, 2013, p. 79).

Segundo Quadros (2019), os estudos da fala das pessoas surdas por muitos anos foram abordados nos cursos de fonoaudiologia. Atualmente a ênfase tem sido dada à sinalização dos surdos usuários dessas línguas de sinais e seu aprofundamento que se estabeleceu nos estudos da linguística.

O foco da linguística das línguas de sinais têm sido os estudos comparativos entre elas e as línguas orais no mundo. A descrição e documentação dessas línguas têm contribuído para os estudos da comparação entre semelhanças e diferenças das línguas de sinais e as línguas orais. Esses pesquisadores da linguística da língua de sinais têm a responsabilidade de expandir as pesquisas nessa área para dar o reconhecimento devido para a área mostrando como a linguística da língua de sinais pode contribuir para questões fundamentais e universais da linguagem humana.

²⁷ Com o texto: *It was the first linguistic work on sign language linguistics of any type, and the debt owed to Stokoe is enormous for bringing the sub-lexical parameters of signs to light.* (BRENTARI, 2012, p. 30). Inglês (Estados Unidos).

[...] a linguística da língua de sinais fornece um meio único de explorar as questões mais fundamentais sobre a linguagem humana: o papel da modalidade na formação da língua, a natureza dos universais linguísticos abordada de forma intermodal, as funções de iconicidade e arbitrariedade na língua e a relação de língua e gesto. (PFAU, STEINBACH, WOLL, 2012, p. 1).²⁸

O reconhecimento enquanto língua das línguas de sinais se deu por comparação que ambas as línguas, orais ou de sinais, e tem como referente o signo linguístico e que estas nas línguas de sinais apresentam as mesmas características completas e complexas da linguagem humana em padrão de igualdade com o das línguas de modalidade oral auditiva. A iconicidade presente nas línguas espaço-visuais acontece pela característica do fator modalidade visual dessas línguas.

A iconicidade é considerada um dos fatores que faz com que as línguas de sinais pareçam tão semelhantes [...], o uso produtivo da iconicidade podem ser uma das razões pelas quais os sinalizantes de diferentes famílias de línguas podem se comunicar cada um com outro tão prontamente depois de tão pouco tempo, apesar das diferenças linguísticas cruzadas no léxico, e em muitos casos também na gramática. (BRENTARI, 2012, p. 39).²⁹

Na fonética da língua de sinais percebe-se que há muitas possibilidades de articulações desses signos que permitem inúmeras combinações que resultarão em um número maior de sequências fonológicas.

William Stokoe postulou que a língua de sinais da América do Norte usada convencionalmente pelos surdos era composta por um conjunto finito de elementos que se recombina de forma estruturada de maneira a criar um número ilimitado de palavras significativas. (FRISHBERG; HOITING; SLOBIN, 2012, p. 1048).³⁰

Quadros e Karnopp (2004) corroboram esse pensamento afirmando:

²⁸ Com o texto: “[...] *sign language linguistics provides a unique means of exploring the most fundamental questions about human language: the role of modality in shaping language, the nature of linguistic universals approached cross-modally, the functions of iconicity and arbitrariness in language, and the relationship of language and gesture.*” (PFAU, STEINBACH, WOLL, 2012, p. 01). Inglês (Estados Unidos).

²⁹ Com o texto: *Iconicity is thought to be one of the factors that makes sign languages look so similar [...] and sensitivity to and productive use of iconicity may be one of the reasons why signers from different language families can communicate with each other so readily after such little time, despite crosslinguistic differences in lexicon, and, in many instances, also in the grammar.* (BRENTARI, 2012, p. 39). Inglês (Estados Unidos).

³⁰ Com o texto: “William Stokoe posited that the sign language in North America used conventionally by deaf people is composed of a finite set of elements that recombine in structured ways to create an unlimited number of meaningful ‘words.’” (FRISHBERG; HOITING.; SLOBIN, 2012, p. 1048). Inglês (Estados Unidos).

[...] o conhecimento linguístico dos seres humanos caracteriza-se pela existência de uma gramática que apresenta um conjunto finito de princípios (regras que possibilitam a compreensão e produção de um número infinito de combinações em uma determinada língua). Tais princípios são comuns a todos os seres humanos captando, portanto, as regularidades linguísticas. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 21).

Segundo Frishberg; Hoiting; Slobin (2012), foi pelos estudos de Stokoe, nos anos 60 do século passado, que se verificou como todas as línguas do mundo que as línguas de sinais apresentavam produtividade, ou seja, com poucos gestos articulatórios ou sinais era possível produzir um grande número de sinais e com esses sinais produzir um infinito número de frases, mantendo a ideia estruturalista de segmentos menores finitos que se combinam para formar elementos maiores ainda finitos que por sua vez se recombina para formar elementos maiores com infinitas possibilidades. A diferença encontrada com os estudos da linguística da língua de sinais é que essas línguas diferem das línguas orais no quesito da modalidade, as línguas de sinais são espaço-visuais enquanto as línguas orais são orais auditivas.

A diferença mais marcante está entre as línguas de sinais e orais é chamada de ‘modalidade da diferença’. Refere-se a uma diferença no canal de comunicação que muitas vezes é considerada por ser causa final das diferenças estruturais entre as línguas orais e de sinais. (PFAU, STEINBACH, WOLL, 2012, p. 4).³¹

Enquanto a língua oral apresenta variadas características no ato da fala, ou seja, a presença de traços visuais e orais, esses recursos visuais são complementados entre os ouvintes pela audição. Uma marca forte nesse contexto são as emoções que se fazem visíveis na comunicação, bem como os gestos manuais que complementam os sentidos da fala nos enunciados falados da língua oral. A visualidade presente na língua falada pode ser percebida em um pequeno grupo de sons na articulação. Entre esses sons que podem ser percebidos visualmente temos as vogais, conforme Crasborn (2012, p. 5): “Apenas um pequeno subconjunto da articulação características dos sons da fala pode realmente ser vistos, (principalmente o arredondamento e abertura dos lábios, contato labiodental e altura da

³¹ Com o texto: “*The most striking difference between sign and spoken language is termed the ‘modality difference’. It refers a difference in communication channel that is often considered to be the ultimate cause for structural differences between spoken and sign languages.*” (PFAU, STEINBACH, WOLL, 2012, p. 4). Inglês (Estados Unidos).

mandíbula).”³². Outros são invisíveis como os sons emitidos na parte glotal ou no dorso da língua.

Assim, para o nível segmental ou silábico na fala, é justo dizer que a fala faz uso principalmente da modalidade acústica auditiva, embora haja alguma entrada visual também. Portanto, como ponto de partida, deve-se enfatizar que a ‘diferença de modalidade’ aparece não ser um contraste preto no branco no canal fonético. Embora as línguas de sinais sejam exclusivamente percebidas pelo visual por seus usuários, as pessoas surdas, as línguas faladas são percebidas auditivamente e visualmente. (CRASBORN, 2012, p. 5).³³

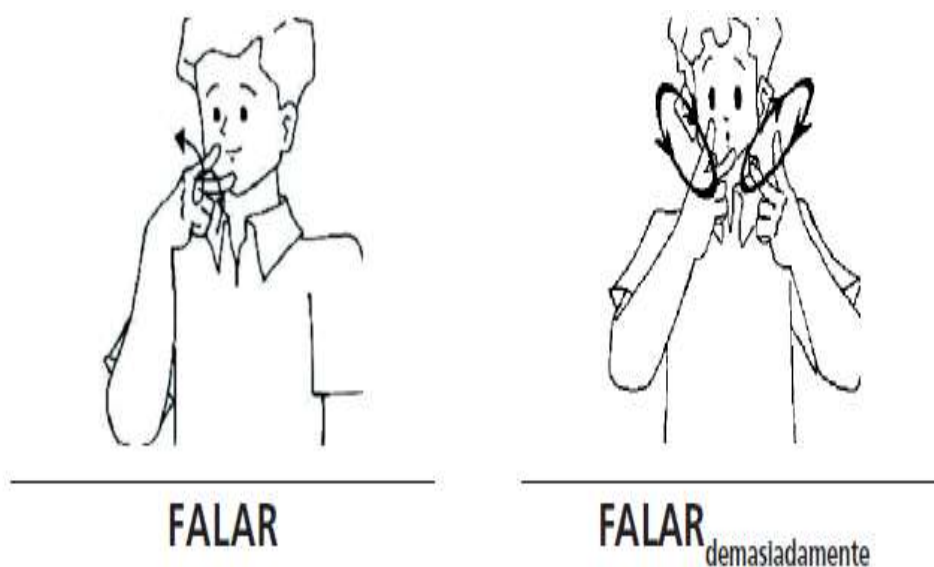
Outra comparação que é feita na sinalização para as línguas orais é a intensidade na fala que pode ter correspondência nas línguas de sinais na batida da mão numa forma de repetição que acontece no movimento no momento da realização dos sinais conforme o autor diz: “[...] a percepção de gestos de batida manual é interpretada como aumento da proeminência da palavra falada simultaneamente pronunciada.” (CRASBORN, 2012, p. 5)³⁴. Na Libras essa característica apresenta na intensificação dos sinais como nos sinais de FALAR-MUITO ou na repetição do movimento com rapidez mesmo que não toque a mão, como no exemplo de TRABALHAR-MUITO que acontece no espaço neutro.

³² Com o texto: “*Only a small subset of the articulatory features of speech sounds can actually be seen (mainly lip rounding and opening, labiodental contact, and jaw height).*” (CRASBORN, 2012, p. 5). Inglês (Estados Unidos).

³³ Com o texto: *Thus, for the segmental or syllabic level in speech, it remains fair to say that speech primarily makes use of the acousticauditory modality, while there is some visual input as well. So as a starting point, it should be emphasised that the ‘modality difference’ appears not to be a black-and-white contrast in phonetic channel. While sign languages are exclusively perceived visually by their core users, deaf people, spoken languages are perceived both auditorily and visually.* (CRASBORN, 2012, p. 5). Inglês (Estados Unidos).

³⁴ Com o texto: [...] *demonstrated that the perception of manual beat gestures are interpreted as increased prominence of the simultaneously uttered spoken word .* (CRASBORN, 2012, p. 5). Inglês (Estados Unidos).

Figura 10 – Sinal de FALAR e FALAR-MUITO (demasiadamente)



Fonte: Felipe e Monteiro (2006, p. 355).

Figura 11. Sinal de TRABALHAR e TRABALHAR-MUITO



Fonte: imagem retirada da internet.³⁵

³⁵ Imagens retirados da internet, para exemplificar o intensificador do sinal de TRABALHAR-MUITO, no endereço eletrônico:

https://www.google.com/search?q=sinal+de+trabalhar+com+intensificador+em+libras&tbm=isch&ved=2ahUK_EwjPkuSRjJDzAhUgpJUCHQSDDoQQ2cCegQIABAA&oq=sinal+de+trabalhar+com+intensificador+em+libras&gs_lcp=CgNpbWcQA1CFnwVYltsFYIjiBWgBcAB4AIABrwKIAacgkgEIMC4yNC4xLjGYAQCgAQGqAQtd3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&sclient=img&ei=rdNJYY-IOqDI1sQPhIa6oAg

Em nível segmental, a fala faz uso principal da modalidade acústica da língua, embora apresente alguns aspectos visuais. A diferença de modalidade entre as línguas de sinais e orais estão marcadas, na primeira, como exclusivamente visual, enquanto a segunda, pela parte principal auditiva e uma pequena parte visual.

As línguas de sinais apresentaram fenômenos interessantes não atestados nas línguas faladas. Considerando as especificidades da “modalidade”, isto é, seu canal de transmissão – os sinais através de imagens motoras visuais e a “modalidade” sonoro-auditiva das línguas faladas. (GODOY, 2020, p. 13).

Os estudos da percepção de como ocorre a comunicação são importantes porque as habilidades da percepção humana de modo geral dão seguimento à formação da estrutura em que a percepção linguística acontece.

4.3 Comparação de tipos de articulação de mão em ASL, Libras e LSPS

As línguas de sinais apresentam uma modalidade que difere das línguas orais: enquanto essas são oral-auditivas, as línguas de sinais são de modalidade espaço-visual. De acordo com Quadros (2019), esse fato abrange a composição de uma estrutura fonética e fonológica que envolve as articulações dos sinais incluindo nesse processo tronco, face, braços, mãos e dedos. A fonética é responsável pelos estudos que se referem a todas as unidades participantes da produção e percepção das produções manuais e não manuais dos sinais. Sobre a fonologia a autora diz que ela vai:

[...] analisar a representação mental dessas formas identificando quais desses elementos são contrativos, ou seja, quais deles apresentam propriedades distintivas (as unidades consideradas linguisticamente relevantes). Nesse sentido, parece haver muitas analogias a identificar entre as línguas faladas e as de sinais enquanto representações mentais. (QUADROS, 2019, p. 49).

Já Crasborn (2012), ao discorrer os tipos de articulações manuais, observa os vários aspectos envolvidos na sinalização, sendo estes as partes do corpo, as articulações, a grande quantidade de músculos é visível, mas diretamente envolvidos na articulação de cada signo. Os estudos desse nível de descrição tentam distinguir foneticamente as articulações mais fáceis das mais difíceis no momento da sinalização. As descrições mais recorrentes são as das mãos.

A descrição fonológica dos sinais normalmente se centra na mão: sua forma, rotação no espaço, localização e movimentos são representados no léxico. Tal

especificação não contém uma especificação articulatória concreta, independentemente do nível de descrição. (CRASBORN, 2012, p. 11).³⁶

Em 1979, Mandel em seus estudos, observou que os músculos dos dedos não flexionam totalmente numa configuração porque não são longos o suficiente quando os punhos estão flexionados ao máximo. Na figura a seguir podemos observar esse exemplo. Essa característica fisiológica tem influência sobre os movimentos que envolvem os dedos e os punhos. Para o autor:

Quando alguém então forma um punho rapidamente, o punho estende-se automaticamente. Da mesma forma, quando o punho flexiona rapidamente de um ponto neutro ou está estendido, os dedos se estendem automaticamente para acomodar a nova posição do punho. Quanto mais devagar esses movimentos são realizados, melhor eles podem ser controlados, embora, no final, a anatomia restrinja as possíveis amplitudes de movimentos e os estados resultantes em combinações das diferentes articulações. (CRASBORN, 2012, p. 12).³⁷

Pode ser observado no sinal Paiter Suruí de COCAR no quadro a seguir esse fenômeno abordado por Crasborn (2012) de articulações com flexões e extensões dos punhos e dedos numa configuração de mão como no exemplo da ASL. No sinal de COCAR em Paiter Suruí vemos esse fenômeno na primeira parte do sinal, em que a posição do punho está com extensão hiper estendida e os dedos, flexionados.

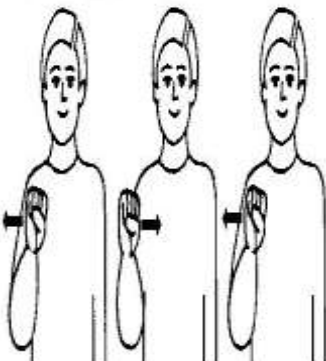
Vejamos o exemplo com a articulação a seguir dessas flexões e extensões dos punhos e dedos numa configuração de mão da ASL³⁸; em Libras; para tanto, utilizaremos o exemplo do sinal de SOGRA e em LSPS, na primeira parte do sinal de COCAR.

³⁶ Com o texto: “*The phonological description of signs typically centres on the hand: its shape, rotation in space, location, and movement are represented in the lexicon. Such a specification does not contain a concrete articulatory specification, irrespective of the level of description.* (CRASBORN, 2012, p. 11). Inglês (Estados Unidos).

³⁷ Com o texto: *When one then quickly forms a fist, the wrist automatically extends. Similarly, when the wrist quickly flexes from a neutral or extended state, the fingers automatically extend to accommodate the new position of the wrist. The slower these movements are performed, the better they can be controlled, although in the end the anatomy restricts the possible range of movement and the resulting states of the different joints in combination.* (CRASBORN, 2012, p. 12). Inglês (Estados Unidos).

³⁸ A primeira configuração corresponde a configuração 71 e a segunda a 14 no quadro de configuração de mãos da Língua Brasileira de Sinais produzido pelo INES citado a frente no texto.

Quadro 4 – Quadro de configuração de mão com flexões e extensões dos punhos e dedos da ASL, Libras e LSPS

ASL	Libras SOGRA	LSPS COCAR
 (a) Fingers flexed, wrist hyperextended (b) Fingers extended, wrist flexed Fig. 2.5: The relation between finger extension and hand position in two articulatory configurations Fonte: Crasborn (2012, p. 12) ³⁹	 Fonte: Capovilla (2019, p. 2612).	 Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/YVck_njUMf0 

Fonte: desenvolvida pela autora.

No quadro a seguir temos o sinal de PEIXE em LSPS, em que a posição do punho está levemente flexionada se alternando no movimento para dentro e para fora e os dedos estendidos. Em Libras temos o sinal de BOM mostrando esse fenômeno de articulações com flexões e extensões dos punhos e dedos numa configuração de mão abordada por Crasborn (2012).

³⁹ (a) punho com extensão hiperestendida, dedos flexionados (b) punho flexionado, dedos estendidos
Fig. 2.5: A relação entre a extensão do dedo e a posição da mão em duas configurações articulatórias.

Quadro 5 – Configuração de mãos com posição do punho levemente flexionado se alternando no movimento para dentro e para fora e os dedos estendidos em ASL, Libras e LSPS.

ASL	Libras BOM	LSPS PEIXE
 (a) Fingers flexed, wrist hyperextended (b) Fingers extended, wrist flexed Fig. 2.5: The relation between finger extension and hand position in two articulatory configurations. Fonte: Crasborn (2012, p. 12) ⁴⁰	 Fonte: Capovilla (2016, p 144).	 Fonte: Eler (2017, p. 97). https://youtu.be/JVwd40sFFio 

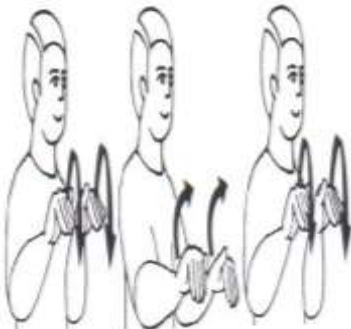
Fonte: desenvolvida pela autora.

No quadro a seguir temos as flexões de punho flexionado, dedos estendidos abordados por Crasborn (2012, p. 12): “A literatura sobre ASL contém vários estudos sobre forma de mão que fazem referência à articulação dos dedos, argumentando que algumas formas de mãos são mais fáceis de articular do que outras.”

⁴⁰ (a) punho com extensão hiperestendida, dedos flexionados

(b) punho flexionado, dedos estendidos Fig. 2.5: A relação entre a extensão do dedo e a posição da mão em duas configurações articulatorias. (CRASBORN, 2012, p. 13).

Quadro 6 – Quadro de configuração de mãos com flexões de punho flexionado e dedos estendidos na ASL, Libras e LSPS.

ASL	Libras CANGURU	LSPS RATO
 (a) Fingers flexed, wrist hyperextended (b) Fingers extended, wrist flexed Fig. 2.5: The relation between finger extension and hand position in two articulatory configurations Fonte: Crasborn (2012, p. 12).⁴¹	 Fonte: Capovilla (2019, p. 545).	 Fonte: Eler (2017, p. 98). https://youtu.be/a-n4ru6-48g 

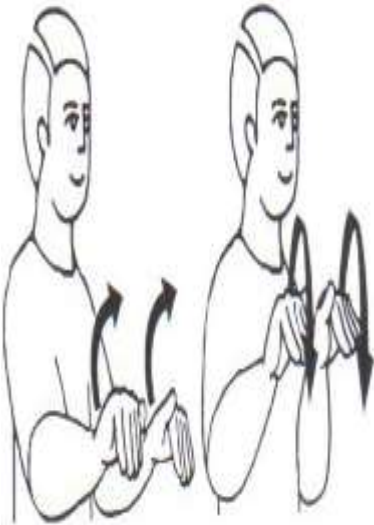
Fonte: desenvolvida pela autora.

O exemplo está na segunda parte do sinal de RATO em LSPS e no sinal de CANGURU em Libras temos as mesmas flexões de punho flexionado, dedos estendidos que autor classificou como sinais com distinção fonética das articulações mais fáceis comparadas às mais difíceis no momento da sinalização. Podemos verificar nos sinais de CANGURU em Libras e RATO em LSPS, embora os referentes sejam diferentes apresentam na segunda parte do sinal as mesmas configurações e movimentos, que seriam essas duas mãos juntas.

⁴¹ (a) punho com extensão hiperestendida, dedos flexionados

(b) punho flexionado, dedos estendidos Fig. 2.5: A relação entre a extensão do dedo e a posição da mão em duas configurações articulatorias.

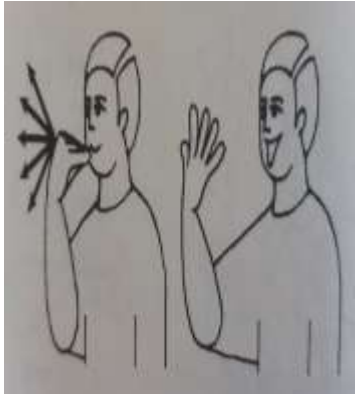
Quadro 7 – Segunda parte dos sinais de CANGURU e RATO

Segunda parte do sinal de CANGURU	Segunda parte do sinal de RATO
 Fonte: Capovilla (2019, p. 545).	 Fonte: Eler (2017, p. 98). https://youtu.be/a-n4ru6-48g 

Fonte: desenvolvida pela autora.

No sinal de BOM da Libras e na segunda parte do sinal de IGREJA registrado por Gregianini (2017), temos o punho flexionado, dedos estendidos que Crasborn (2012) descreveu das distinções fonéticas de articulações mais fáceis no momento da sinalização.

Quadro 8 – Configuração de mão com punhos flexionados, dedos estendidos na ASL, Libras e LSPS

ASL	Libras BOM	LSPS IGREJA
 (a) Fingers flexed, wrist hyperextended (b) Fingers extended, wrist flexed Fig. 2.5: The relation between finger extension and hand position in two articulatory configurations Fonte: Crasborn (2012, p. 12). ⁴²	 Fonte: Capovilla (2016, p 144).	 Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/v5pfrHz6YCK 

Fonte: desenvolvida pela autora.

Nos sinais Paiter Suruí, observamos tal fato articulatório de distinção fonética das articulações mais fáceis das articulações mais difíceis no momento da sinalização nos sinais de PEIXE, RATO e IGREJA.

As descrições mais recorrentes são as das mãos com punhos flexionados e dedos estendidos que se observam no sinal de PEIXE, bem como no de RATO na segunda parte do sinal de IGREJA. Nos quatro sinais analisados observou-se que as configurações com dedos flexionados e punhos hiper estendidos aparece uma única vez no sinal de COCAR enquanto a articulação entre dedos estendidos e punhos flexionados aparece no sinal de PEIXE, duas vezes no sinal de RATO e uma vez na segunda parte do sinal de IGREJA. As articulações de abertura de dedos normalmente são combinadas com movimentos na direção da superfície da palma da mão e são mais recorrentes porque estão caracterizadas como movimentos de articulação mais fáceis, isto é, apresentam um conforto maior na sinalização.

⁴² (a) punho com extensão hiper estendida, dedos flexionados (b) punho flexionado, dedos estendidos
Fig. 2.5: A relação entre a extensão do dedo e a posição da mão em duas configurações articulatórias.

As configurações de mão da figura citada (2.5 de Crasborn, 2012) estão no quadro a seguir, já a configuração correspondente descrita nos sinais está na configuração 06 e 69 do quadro.

Figura 12. Quadro de configuração de mãos



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de Libras do INES.

Outra observação que o autor faz sobre a posição das mãos nessa articulação são as de punhos hiper estendidos e punhos flexionados. Na configuração da figura 2.5 de Crasborn

(2012, p. 12), quando a articulação está no primeiro caso, a mão tem uma inclinação para trás e no segundo caso está levemente para frente, que o autor denominou de um efeito fonético que os relacionam.

Assim, enquanto fonologicamente, a direção do caminho do movimento e a mudança do formato da mão são independentes, há um efeito fonético que relaciona os dois. Isso é ilustrado na Figura 2.5: quando todos os dedos estão fechados (2.5a), o punho está hiper estendido; de consequência a mão parece mais ‘para trás’ do que quando todos os dedos estão abertos e o punho pode flexionar (2,5b). (CRASBORN, 2012, p. 12-13).⁴³

No *corpus* analisado dos sinais Paiter Suruí não é identificada essa inclinação; isso pode ser pelo fato de termos poucos sinais registrados. Na Língua Brasileira de Sinais esse fenômeno pode ser notado no sinal de ABENÇOAR.

Quadro 9 —. Configuração de mãos com punhos hiperestendidos e punhos flexionados em ASL e Libras

ASL	Libras ABENÇOAR	LSPS
 (a) Fingers flexed, wrist hyperextended (b) Fingers extended, wrist flexed Fig. 2.5: The relation between finger extension and hand position in two articulatory configurations Fonte: Crasborn (2012, p. 12).⁴⁴	 Fonte: Capovilla (2019, p 58).	Não foi identificado no corpus analisado.

Fonte: desenvolvida pela autora.

O formato da mão, segundo Crasborn (2012), pode ser considerado em alguns sinais uma categoria articulatória oculta, mas em outros casos não há distinção na sinalização do

⁴³ Com o texto: *Thus, while phonologically, path movement direction handshape change are the independent, there is phonetic affect that relates the two. This is illustrated by the two configuration in Figure 2.5: when all fingers are closed (2.5 a), the wrist is hyperextended; by consequence, the appears more ‘backwards’ than when all fingers are open and the wrist can flex (2,5 b) ”* (CRASBORN, 2012, p. 12-13). Inglês (Estados Unidos).

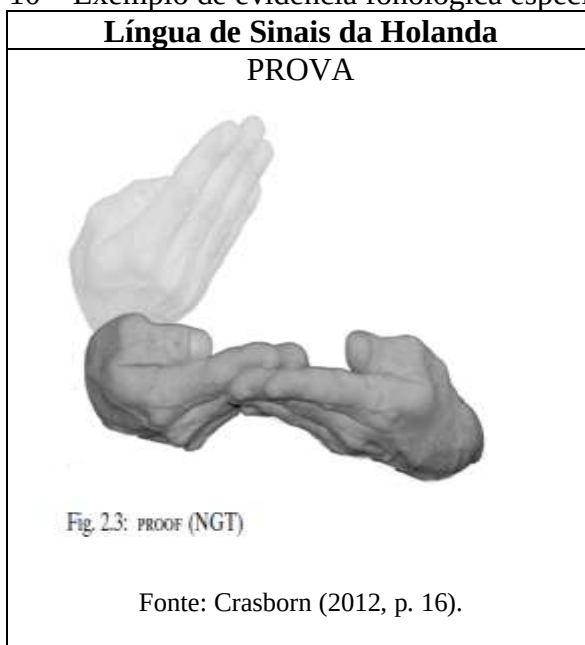
⁴⁴ (a) punho com extensão hiperestendida, dedos flexionados (b) punho flexionado, dedos estendidos
Fig. 2.5: A relação entre a extensão do dedo e a posição da mão em duas configurações articulatórias.

‘estado do dedo’ e do ‘formato da mão’, o mais comum é que o ‘estado dos dedos’ seria uma evidência fonológica específica, mas nesse caso há um entrelaçamento do movimento das mãos e dos dedos simultaneamente que não há como distinguir os movimentos de cada um. Conforme relaciona o autor:

Configuração de dedo, como ‘estendido’ ou ‘reto’, implicam não só que as duas articulações interfalangeanas de um dedo estejam estendidas, mas também a articulação metacarpo falangiana. Assim, a maioria das especificações fonológicas de ‘formato de mão’ são apenas: uma especificação da forma de toda a mão, embora em um certo nível de abstração, não objetivando incluir os ângulos exatos de todas as articulações no léxico. (CRASBORN, 2012, p. 16).⁴⁵

Abordarei um exemplo utilizado por Crasborn (2012) de análise fonológica da língua de sinais da Holanda para mostrar um caso de evidência fonológica específica, no qual há um mesmo movimento dos dedos ou das mãos e dos dedos simultaneamente, não havendo como distinguir os movimentos de cada um:

Quadro 10 – Exemplo de evidência fonológica específica



Fonte: desenvolvida pela autora.

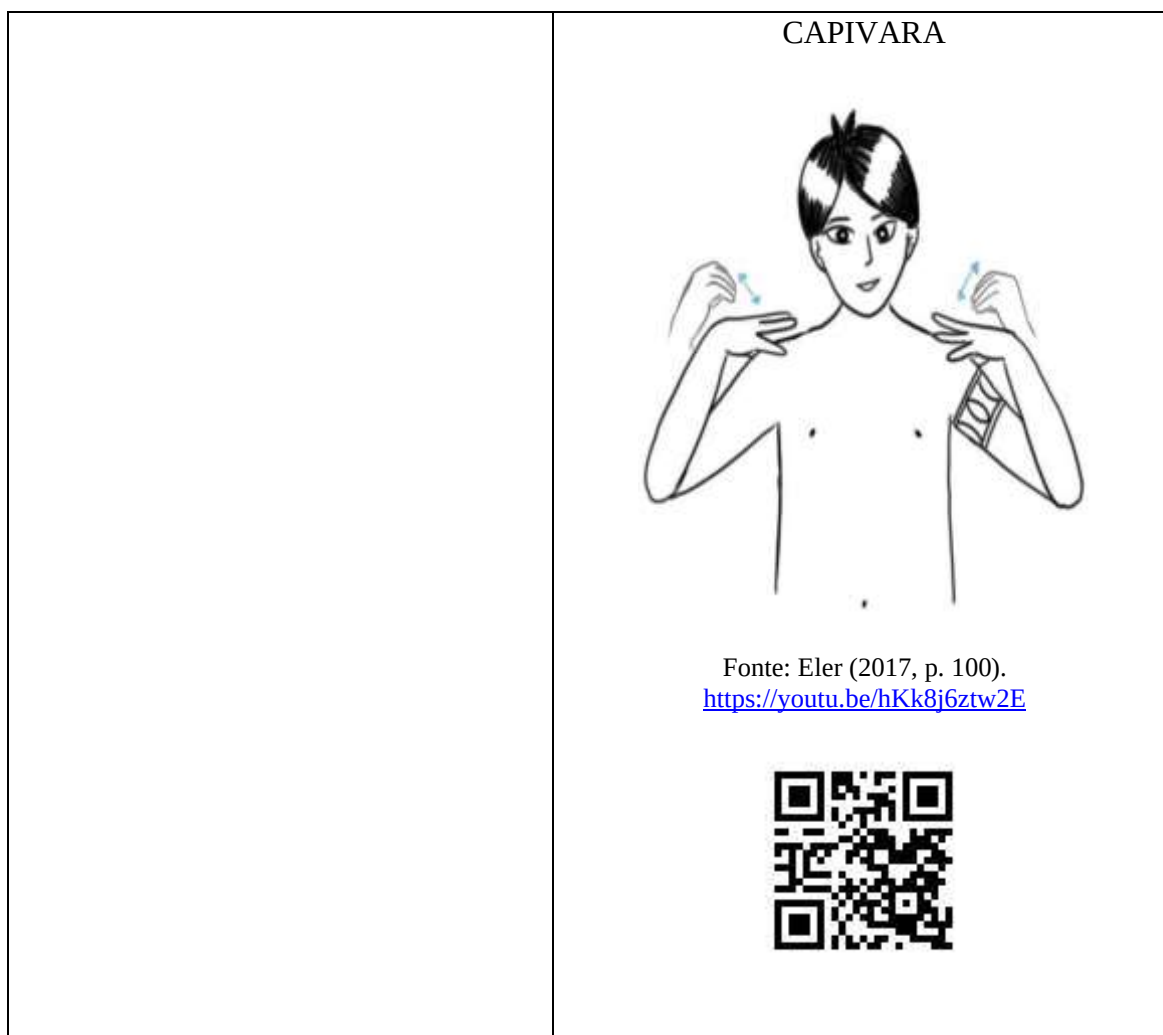
⁴⁵ Com o texto: *Finger configurations such as ‘extended’ or ‘straight’ imply not only that the two interphalangeal joints of a finger are extended, but also the metacarpophalangeal joint. Thus, most phonological ‘handshape’ specification are just that: a specification of the form of the whole hand, albeit at a certain level of abstraction, not aiming to include the exact angles of all joints in the lexicon* (CRASBORN, 2012, p. 16). Inglês (Estados Unidos).

Na figura apresentada da Língua de Sinais da Holanda temos um conjunto de movimentos realizados pela mão e os dedos que contribuem para uma mudança de localização na configuração de mãos. “Em vez de toda a mão se mover para baixo como uma unidade, o movimento de contato foi articulado por extensão simultânea no dedo, punho e cotovelo na instância da imagem.” (CRASBORN, 2012, p. 16)⁴⁶. Nos exemplos a seguir, observamos esse mesmo traço de evidência fonológica específica nos sinais da LSPS.

Quadro 11 – Exemplo de evidência fonológica específica na Libras e na LSPS

Libras	LSPS
ESTUDO  Fonte: Capovilla (2016, p 149).	PEIXE  Fonte: Eler (2017, p. 97). https://youtu.be/JVwd40sFFio
ABRIR  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).	

⁴⁶ Com o texto: “Rather than the whole hand moving downward as a unit, the movement to contact was articulated by simultaneous extension at finger, wrist, and elbow joints in the instance in the image” (CRASBORN, 2012, p. 16). Inglês (Estados Unidos).

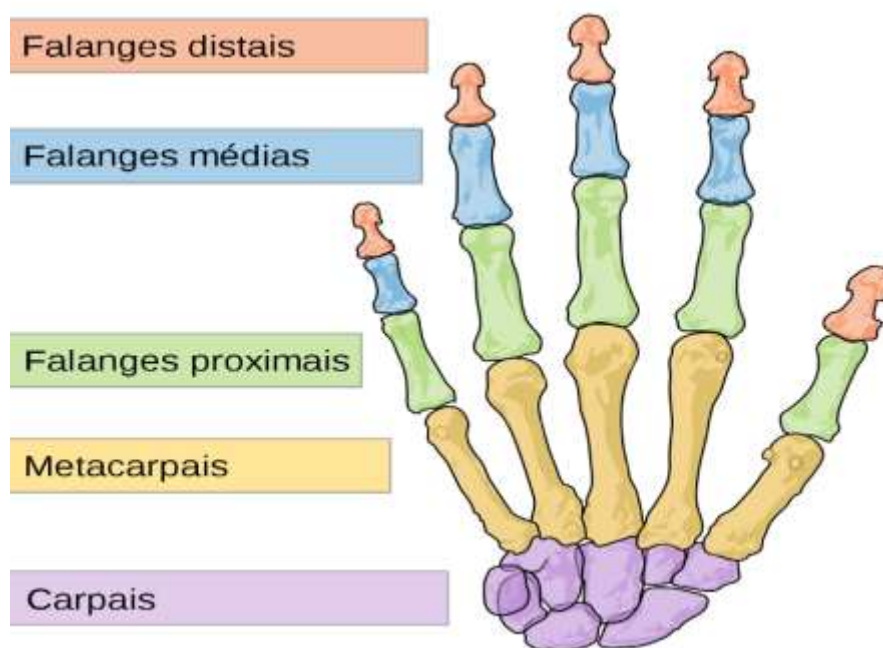


Fonte: desenvolvida pela autora.

Essa mesma característica de movimentos foi encontrada nos sinais Paiter Suruí de PEIXE e CAPIVARA e no sinal de ESTUDO e ABRIR em Libras apresentado no quadro .

Nos sinais Paiter Suruí de PEIXE e CAPIVARA, ao observar o movimento de articuladores possíveis citados por Brentari (1998), encontramos movimentos realizados por articulação dos dedos denominadas de articulação interfalangeanas em conjunto com a articulação da mão chamadas metacarpofalangiana.

Figura 13. Quadro de tipos de articulação da mão e dedos



Fonte: Wikipédia⁴⁷. Acesso em: 17/7/2021.

Essa característica de movimentos realizados por articulação dos dedos denominadas articulação interfalangeana, em conjunto com a articulação da mão chamadas metacarpofalangiana, conforme citado por Brentari (1998), encontramos em sinais da Língua de Sinais Brasileira e nos sinais Paiter Suruí.

Assim como Brentari (1998) descreveu os movimentos realizados por articulação dos dedos nomeando como articulação interfalangeana em conjunto com a articulação da mão chamadas metacarpofalangiana, Crasborn (2012) abordou esse assunto como movimentos realizados pela mão e dedos que contribuem para uma mudança na localização.

⁴⁷32 https://pt.wikipedia.org/wiki/Articula%C3%A7%C3%A3o_interfalangeana_da_m%C3%A3o

CAPÍTULO V: CARACTERÍSTICA BÁSICAS PARA FORMAÇÃO DE SINAIS EM QUALQUER LÍNGUA DE SINAIS

Brentari (1998), ao descrever a estrutura fonológica na formação dos sinais, dividiu-a em oito tipos de sinais formando um conjunto básico necessário para descrever a estrutura de qualquer modelo de conjunto fonológico completo para as línguas sinalizadas, tendo para isso como parâmetro a ASL. “Esses oito tipos formam uma espécie de conjunto canônico de estruturas as quais todo modelo de conjunto fonológico completo deve ser capaz de contemplar.”⁴⁸ (BRENTARI, 1998, p. 4).

Os oito tipos de sinais seriam: (i) sinais simples de uma mão, (ii) sinais de duas mãos, (iii) empréstimos digitalizados, (iv) nominais derivados, (v) afixação de acordo, (vi) compostos, (vii) palavras derivadas contendo afixos de aspecto gramatical e (viii) formas classificadoras (BRENTARI, 1998).

A seguir veremos cada uma dessas oito características de formação de sinais descritos por Brentari (1998).

5.1 Sinais com formas monomorfêmicas simples com uma mão

Diane Brentari (1998), partiu das formas monomorfêmicas que apresentam um único movimento, seja ele de caminho ou local. Os sinais monomorfêmicos foram classificados como sinais simples de uma mão, sinais de duas mãos e sinais com empréstimo digitalizados. Esses sinais com empréstimos digitalizados não foram encontrados nos sinais Paiter Suruí, e isso decorre do fato de não haver influência da língua escrita portuguesa ou da língua indígena oral nos sinalizantes indígenas, mas, em conjunto, neles encontramos sinais com empréstimo linguístico da Libras, descritos no decorrer do texto. Ela descreve o movimento de caminho e locais como:

Formalmente, um movimento de caminho pode ser especificado como um recurso de movimento, por exemplo, uma forma de caminho ou uma direção de movimento, ou mudança na configuração (ou seja, uma mudança na especificação do recurso, como ipsilateral/contralateral, superior/ inferior ou

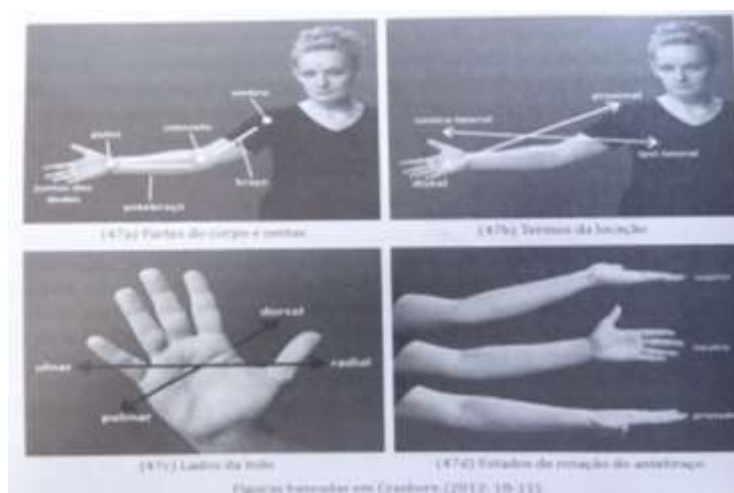
⁴⁸ Com o texto: These eight types form a kind of canonical set of structures for which any complete phonological model must be able to account (BRENTARI, 1998, p. 4). Inglês (Estados Unidos).

proximal/distal, dentro de uma grande região do corpo)⁴⁹. Os movimentos locais são aqueles feitos pelo punho, nós dos dedos ou articulações dos dedos. Formalmente, eles são expressões como uma mudança em uma ou mais características especificadas no ramo articulador da estrutura. (BRENTARI, 1998, p. 4).⁵⁰

Já Crasborn (2012), ao estudar o tema, baseia seus conceitos tendo em vista a diferença de modalidade entre as línguas de sinais e orais. Isso implica a utilização de categorias abstratas ao descrever as formas fonéticas que apresentam diferentes articuladores reconhecidos pelo cérebro no momento da sinalização em um alto de processamento.

Para exemplificar os recursos dos movimentos, as mudanças de configuração, a locação, as possibilidades de rotação do antebraço, dentre outras, vejamos a representação desses movimentos descritos por Quadros (2019), com base nos estudos de Crasborn (2012), sobre as partes do braço e mãos envolvidos na produção dos sinais:

Figura 16 – Diferentes tipos de articuladores segundo Quadros (2019)



Figuras retiradas em Crasborn (2012, 10-11).

Fonte: Quadros (2019, p. 68).

Quadros (2019) explica que Crasborn (2012, p. 68), elencou “[...] as partes do corpo e as juntas envolvidas na produção dos sinais, os termos de locação, os lados da mão e todas as possibilidades de rotação do antebraço para analisar todas as combinações fonéticas implicadas

⁴⁹ “A orientação (Or) é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal, que pode ser: para cima, para baixo, para o corpo (para dentro), para frente (para fora), para a direita (para o lado ipsilateral) ou para a esquerda (para o lado contralateral)” (PASSOS, 2014, p. 51).

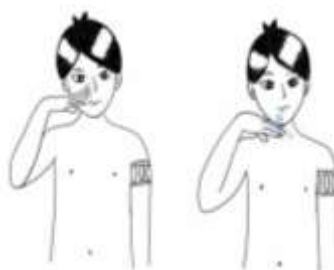
⁵⁰ Com o texto: *Formally, a path movement may be specified as either a movement feature (e.g., a path shape or a direction-of-movement feature) or a change in setting (i.e., a change in feature specification, such as ipsilateral/contralateral, top/bottom, or proximal/distal, within a major body region). Local movements are those made by the wrist, knuckles, or finger joints. Formally, they are expressed as a change in one or more features specified in the articulator branch of structure.* (BRENTARI, 1998, p. 4). Inglês (Estados Unidos).

na produção de um sinal.” Com efeito, Crasborn (2012) explica as diferentes maneiras de caracterizar as articulações com base na figura citada. É possível se observar as partes dos membros superiores e descrever a localização e orientação das mais variadas partes do corpo como dedos, mão inteira, antebraço, braço no espaço ou no que diz respeito à cabeça ou à parte superior do corpo.

Na literatura da língua de sinais, principalmente, encontramos descrições de toda a mão ou de um ou mais dos dedos com relação a uma localização do corpo ou no “espaço neutro” na frente do corpo. Tais descrições raramente descrevem em detalhes a localização e rotação da parte superior do braço, por exemplo. É a “extremidade distal” do articulador que realiza os valores de localização e movimento em quase todos os itens lexicais de especificação fonológica em línguas de sinais estudados até a presente data. Os termos anatômicos ‘distal’ e ‘proximal’ referem-se à localização relativa em relação ao tronco, seguindo a linha do braço e da mão (ver Figura 2.4b). O par adicional de termos exibidos na Figura 2.4b é “contralateral ipsilateral”. Esses são semelhantes a ‘esquerdo direito’, mas tomam o lado do articulador ativo como base: ipsilateral se refere ao lado do articulador em questão, enquanto contralateral se refere ao lado oposto (CRASBORN, 2012, p. 10).⁵¹

Brentari (1998), cita os exemplos de sinais de formas monomorfêmicas com movimento de caminho ou local na ASL, os de UNDERSTAND (compreendo), sendo esses sinais com movimento local e sinal com uma mão. Ainda temos os sinais em ASL de YELLOW (amarelo) E ORANGE (laranja), com movimento local na realização.

Quadro 12: Sinais de formas monomorfêmicas com movimento local.

ASL	Libras	LSPS
UNDERSTAND  Figure 1.1 UNDERSTAND contains a local movement. 52 Fonte: Brentari (1998, p. 05).	QUARTA-FEIRA 	GAMBÁ  Fonte: Eler (2017, p. 105).

⁵¹ Com o texto: *In the sign language literature, we mostly find descriptions of the whole hand or of one or more of the fingers with respect to a body location or in the “neutral space” in front of the body. Such descriptions rarely describe in detail the location and rotation of the upper arm, for example. It is the ‘distal end’ of the articulator that realises the phonologically specified values for location and movement in almost all lexical items in sign languages studied to date. The anatomical terms ‘distal’ and ‘proximal’ refer to the relative location with respect to the torso, following the line of the arm and hand (see Figure 2.4b). Na additional pair of terms displayed in Figure 2.4b is ‘ipsilateral – contralateral’. These are similar to ‘left – right’, yet take the side of the active articulator as a basis: ipsilateral refers to the side of the articulator in question, whereas contralateral refers to the opposite side.* (CRASBORN, 2012, p. 10). Inglês (Estados Unidos).

⁵² Com o texto: *Figura 1.1 UNDERSTAND (compreendo) contém um movimento local.* (BRENTARI, 1998, p. 05). Inglês (Estados Unidos).

YELLOW



YELLOW

Fonte: Meier (2012, p. 592).

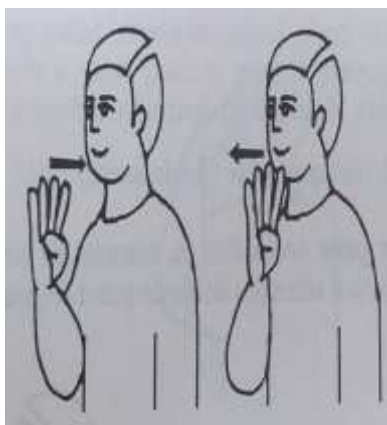
ORANGE



ORANGE

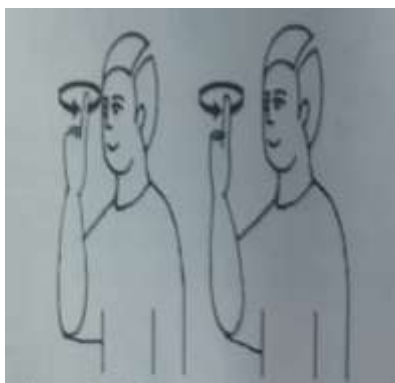
Fonte: Meier (2012, p. 592).

Fonte: imagem retirada da internet.⁵³
CONHECER



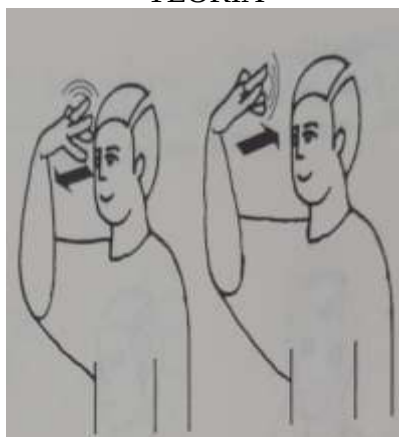
Fonte: Capovilla (2016, p. 133).

IMPORTANTE



Fonte: Capovilla (2016, p. 146).

TEORIA

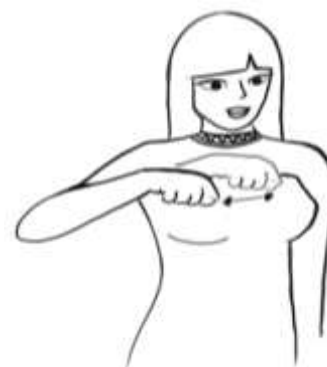


Fonte: Capovilla (2016, p. 132).

<https://youtu.be/JisrDYwTsKU>



LÁPIS



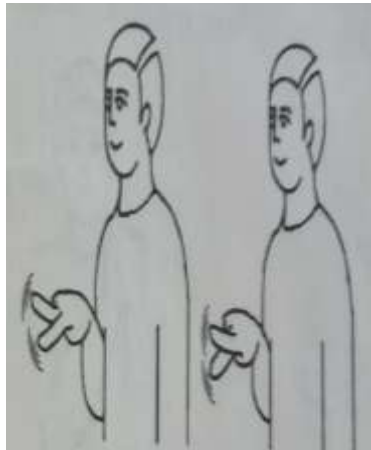
Fonte: Eler (2017, p. 91).

https://youtu.be/Xg4X84txw_k



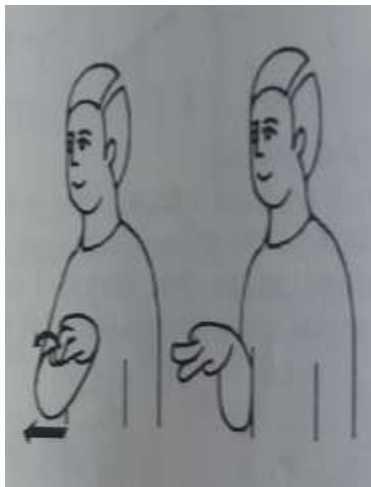
⁵³²⁸ Com o texto: Sinal de quarta-feira pesquisado na internet, disponível em : https://www.google.com/search?q=sinal+de+quarta+feira+em+libras&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiFj4rNv6AhXlppUCHZVHDk4Q_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=600&dpr=1#imgrc=8mtFdr0uXG1XXM

IGUAL



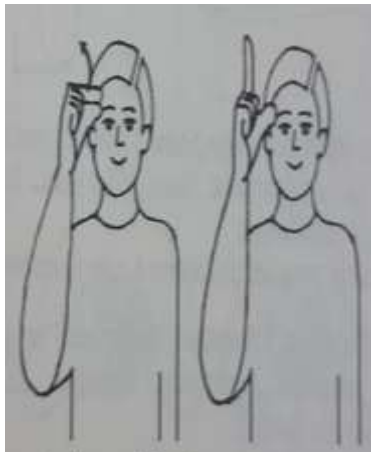
Fonte: Capovilla (2016, p. 141).

DIFERENTE



Fonte: Capovilla (2016, p. 140).

CULTURA



Fonte: Capovilla (2016, p. 133).

MUTUM



Fonte: Eler (2017, p. 104).
<https://youtu.be/dnf1GyTDGYI>

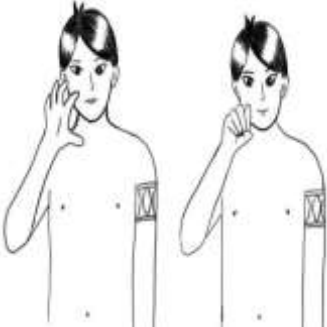


ANTA



Fonte: Eler (2017, p. 100).
<https://youtu.be/0gcoD9X5oLo>



		ARARA  Fonte: Eler (2017, p. 101). https://youtu.be/rOc7uvJ6WUQ  CACHORRO  Fonte: Eler (2017, p. 96). https://youtu.be/B0iyj2O6wjw 
--	--	--

Fonte: Desenvolvida pela autora.

Nos SPS com movimento local tivemos o sinal de GAMBÁ em que a mão está aberta e os quatro dedos se movimentam para cima e para baixo no ponto de articulação em frente ao nariz. No sinal de LÁPIS a mão está na configuração de mão fechada simulando a ação de pegar

no lápis e escrever. Em MUTUM, na primeira parte do sinal, há um movimento em cima da cabeça com os dedos simulando o topete do animal. No sinal de ANTA, há um movimento local em forma de círculo na altura do nariz simulando a tromba característica do animal. No sinal de CACHORRO observa-se o movimento local na abertura e fechamento dos dedos simulando a ação de mordida do cachorro. Em ARARA, o movimento local acontece no nariz simulando o bico do animal, com os dedos polegar e indicador em forma de pinça.

Na Libras temos inúmeros sinais com essa característica de movimento local presente nos sinais como de QUARTA-FEIRA, VACA, NAMORAR, CADEIRA, dentre outros. Nos sinais Paiter Suruí, temos os de GAMBÁ, LÁPIS, entre outros. Os sinais de QUARTA-FEIRA e VACA em Libras também estão na classificação de sinais simples de uma mão. O sinal de NAMORAR é classificado como sinal com as duas mãos.

Já os sinais de PEIXE e COBRA, apresentam os dois tipos de movimento, de caminho e o local no movimento dos dois dedos e seguindo o movimento de caminho indicado pela seta; no de PEIXE, no movimento dos dedos e seguindo no movimento de caminho. Em Libras tivemos o movimento de caminho no sinal de FÁCIL e de DIFÍCIL. Na ASL tivemos o movimento de caminho no sinal de PICTURE (imagem) e PENCIL (lápis).

Quadro 13 – Sinais de formas monomorfêmicas com movimento local e de caminho.

ASL	Libras	LSPS
PICTURE  PICTURE Fonte: Dye (2012, p. 692).	 Fonte: Capovilla (2016, p. 138).	 Fonte: Eler (2017, p. 97). https://youtu.be/JVwd40sFFio 

PENCIL	DIFÍCIL	COBRA
 PENCIL Fonte: Dye (2012, p. 692).	 Fonte: Capovilla (2016, p. 138).	 Fonte: Eler (2017, p. 98). https://youtu.be/qCL4QjQHbMY 

Fonte: Desenvolvida pela autora.

Nos SPS, classificados como sinais de uma mão encontramos, os de GAMBÁ, LÁPIS, MUTUM, ANTA, ARARA, PEIXE, CACHORRO e COBRA. Quanto ao movimento local e de caminho, podemos dizer que LÁPIS e BORRACHA apresentam movimento de caminho; na primeira parte do sinal de TAMANDUÁ também é apresentado esse movimento de caminho, pois há um movimento maior no punho. Os sinais de PEIXE e COBRA apresentam, ambos, movimento local e de caminho; no sinal de COBRA há um movimento maior com o braço e um movimento com os dois dedos simulando a forma com que a cobra se movimenta.

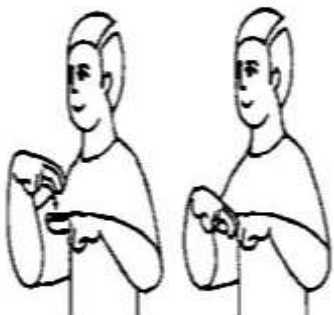
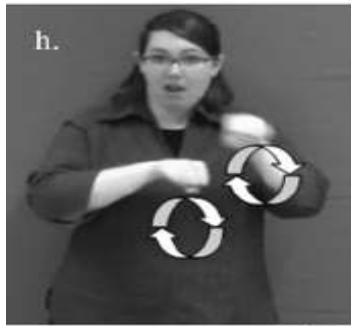
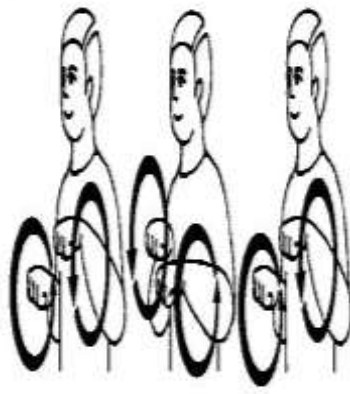
5.2 Sinais de formas monomorfêmicas com as duas mãos

Nesta sessão será abordado os sinais realizados com duas mãos, subdivididos em sinais de ambas as mãos ativas e mesma configuração com movimentos síncronos, alternados, sinais realizados com as duas mãos sendo uma mão ativa e outra passiva com a mesma forma e com formas diferentes.

Os sinais de formas monomorfêmicas com as duas mãos são sinais que utilizam as duas mãos para formar um único significado. Entre os sinais realizados com as duas mãos em LSPS, encontramos PAPAGAIO, MUSEU, CANETA, CADERNO, dentre outros. Em Libras temos os sinais de NAMORAR, BICICLETA, SENTAR, COPO, dentre outros, e em ASL tivemos os sinais de SIT e BICYCLE.

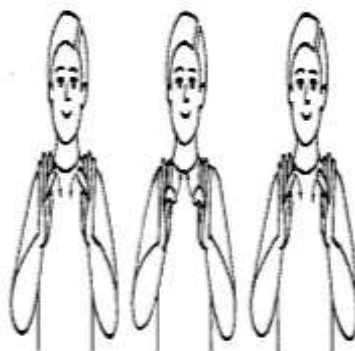
Em relação a sinais realizados com as duas mãos e com movimento de caminho, temos o mesmo sinal em Libras e em ASL de SENTAR mostrado no quadro a seguir; outro sinal da Libras com as mesmas características é o de COPO. Nos sinais Paiteir Suruí encontramos o movimento de caminho no sinal de PAPAGAIO e MUSEU.

Quadro 14 – Sinais de formas monomorfêmicas com as duas mãos.

ASL	Libras	LSPS
SIT  Figure 1.2 SIT contains a path movement. Fonte: Brentari (1998, p. 5).	SENTAR  Fonte: Capovilla (2019, p. 2564).	PAPAGAIO  Fonte: Eler (2017, p. 101). https://youtu.be/yhlAfOcGkQ
BICYCLE  repair: FAHRRAD[circ] FAHRRAD[circ] ‘bicycle’ (‘or’) Fonte: Hohenberger; Leuninger (2012, p. 723).	BICICLETA  Fonte: Capovilla (2019, p. 412).	

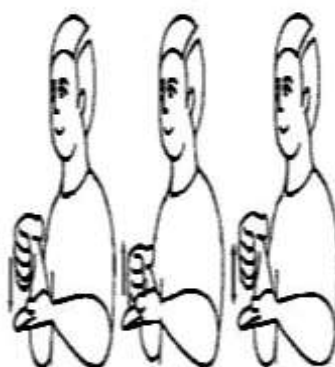
⁵⁴ Com o texto: SIT(sentar) contém um movimento de caminho. (BRENTARI, 1998, p. 5).

NAMORAR



Fonte: Capovilla (2019, p. 1923).

COPO



Fonte: Capovilla (2019, p. 784).

MUSEU



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/JZCTqxrEQOI>



CANETA



Fonte: Eler (2017, p. 92).

<https://youtu.be/AuOeuoQ23MU>



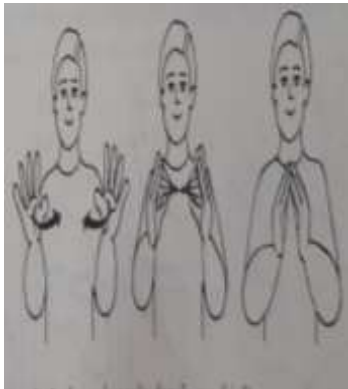
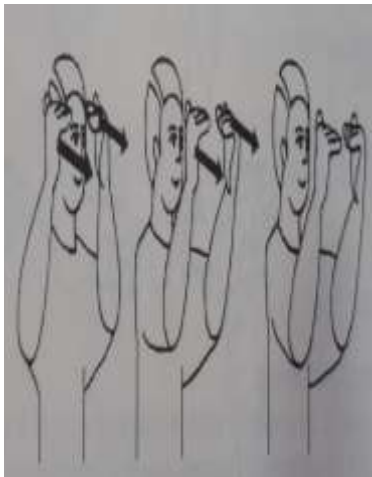
		CADERNO  Fonte: Eler (2017, p. 91). https://youtu.be/ddqOF0bsWlg 
--	--	--

Fonte: desenvolvida pela autora.

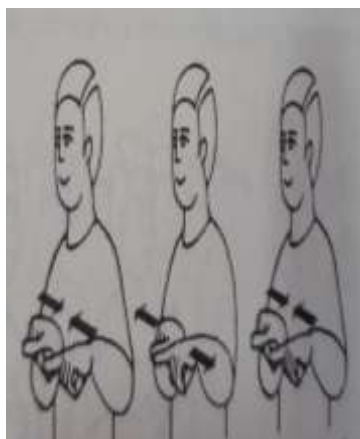
Nos sinais realizados com as duas mãos o autor trabalha com três tipos. O primeiro é o de sinais em que “[...] ambas as mãos estão ativas e realizam atos motores idênticos; [...] seu padrão de movimento pode ser síncrono ou alternado.” (BRENTARI, 1998, p. 7)⁵⁵. Nesse caso, temos o exemplo em Libras do sinal NAMORAR em que o dedo médio faz o mesmo movimento. Ainda no quadro a seguir, temos em ASL os sinais de EGG (ovo) e TAPE (fita) e em Libras os sinais de RESUMO, RACIOCÍNIO, RESPEITO, IGUALDADE, EDUCAÇÃO, DIDÁTICA, CLARO, COMPRIDO, CHATO, RESPEITO, MARCANTE, PRECISAR, dentre outros, em que as duas mãos fazem o mesmo movimento de forma síncrona. Nos SPS temos os sinais de URUCUM, COLAR, CORUJA, VEADO, GATO, GALINHA, PACA, CAPIVARA, CAVALO, BURRO e MACACO DA NOITE, com movimentos iguais, isto é, com movimentos síncronos nas duas mãos.

⁵⁵ Com o texto: [...] both hands are active and perform identical motor acts [...] and their pattern of movement may be either *synchronous* or *alternating* (BRENTARI, 1998, p. 7).

Quadro 15 – Sinais realizados com duas mãos e com movimentos síncronos.

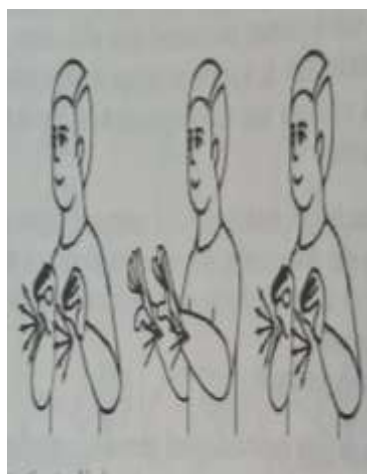
ASL	Libras	LSPS
EGG  EGG Fonte: Dye (2012, p. 691).	RESUMO  Fonte: Capovilla (2016, p. 136).	URUCUM  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/8OaS7CWccbM 
TAPE  TAPE Fonte: Dye (2012, p. 691).	RACIOCÍNIO  Fonte: Capovilla (2016, p. 135).	COLAR  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/SrCfeY2gYPA
	RESPEITO  Fonte: Capovilla (2016, p. 129).	

IGUALDADE



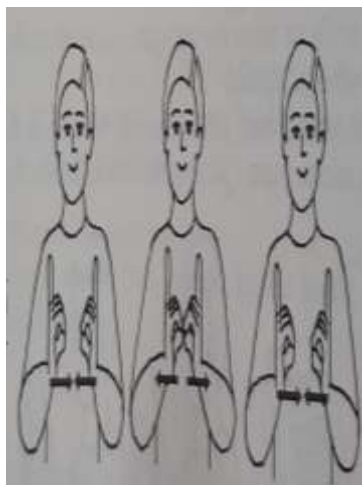
Fonte: Capovilla (2016, p. 127).

EDUCAÇÃO



Fonte: Capovilla (2016, p. 132).

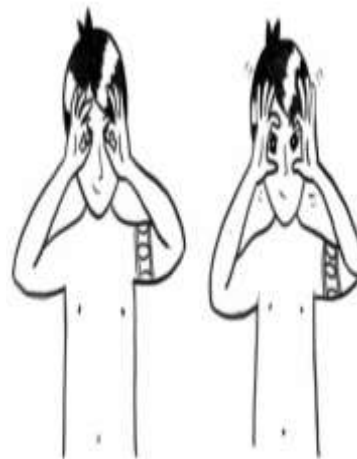
DIDÁTICA



Fonte: Capovilla (2016, p. 132).



CORUJA



Fonte: Eler (2017, p. 102).

<https://youtu.be/jnYNgR03CC8>



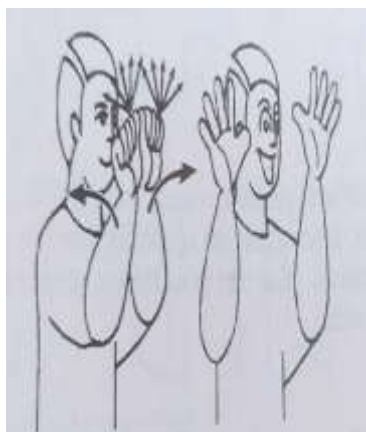
VEADO



Fonte: Eler (2017, p. 100).

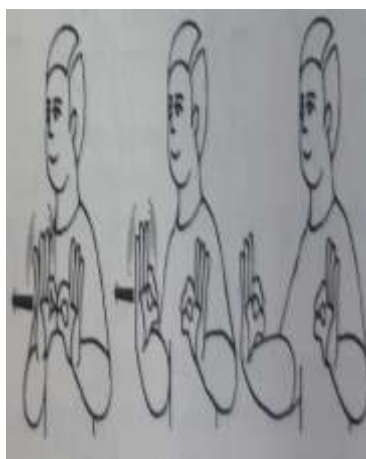
<https://youtu.be/VdJbbWgJiQ0>

CLARO



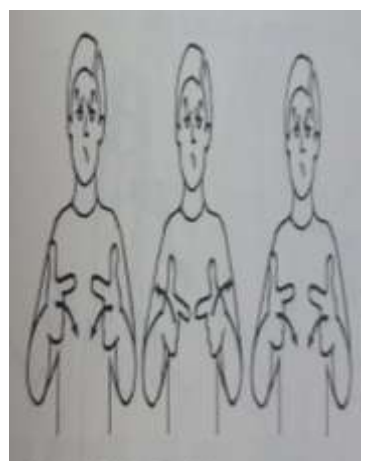
Fonte: Capovilla (2016, p. 139).

COMPRIDO



Fonte: Capovilla (2016, p. 142).

CHATO



Fonte: Capovilla (2016, p. 143).



GATO



Fonte: Eler (2017, p. 107).

<https://youtu.be/p8rU3rXt8Ng>



GALINHA



Fonte: Eler (2017, p. 88).

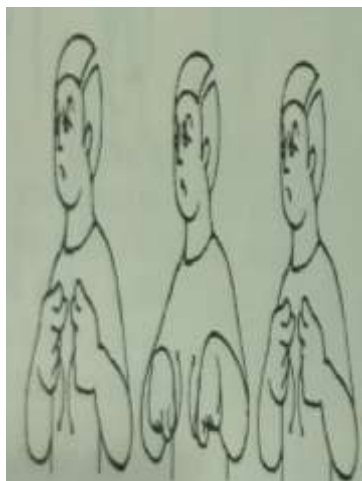
<https://youtu.be/Ua1IrNKLiCk>

MARCANTE



Fonte: Capovilla (2016, p. 145).

PRECISAR



Fonte: Capovilla (2016, p. 145).



PACA



Fonte: Eler (2017, p. 98).
<https://youtu.be/NuLyBjinqMg>



CAPIVARA



Fonte: Eler (2017, p. 100).
<https://youtu.be/hKk8j6ztw2E>



CAVALLO



Fonte: Eler (2017, p. 101).
<https://youtu.be/sqKMMTPyDl4>



BURRO



Fonte: Eler (2017, p. 101).
<https://youtu.be/n1LwP1VD4N4>

		 MACACO DA NOITE  Fonte: Eler (2017, p. 102). https://youtu.be/1L1U27Dxolw 
--	--	---

Fonte: desenvolvida pela autora.

Os sinais mostrados anteriormente são todos realizados com as duas mãos e com movimentos síncronos, isto é, com as configurações de mãos iguais, bem como os movimentos. Alguns autores os nomeiam como sinais espelhados, como se uma mão copiasse a outra.

[...] quando há duas mãos, assim como observado por Battison (1974, 1978) os sinais apresentam algumas restrições. Quando há sinais com as duas mãos, os sinais podem ter duas mãos iguais (espelhadas ou alternadas) ou configurações de mãos diferentes, sendo uma ativa e outra passiva, ou uma representando o morfema preso e a outra, o morfema raiz (segundo Farias-Nascimento, 2013). (QUADROS, 2019, p. 62).

Nessa mesma categoria de sinais com as duas mãos, temos o movimento alternado como nos sinais de BATATA-DOCE, BICICLETA, MACACO BARRIGUDO, BICHO-PREGUIÇA, em LSPS. Entre os sinais com movimento alternado em ASL, temos SOCKS (meias) e BICYCLE (bicicleta), já em Libras, temos como exemplo JUSTIÇA, BICICLETA, COMPARAÇÃO e CRÍTICA.

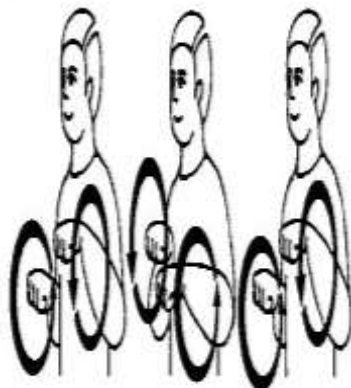
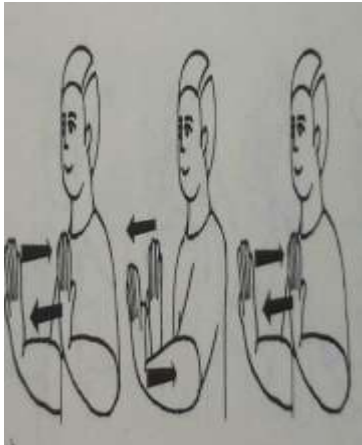
O sinal de BICICLETA é sinalizado igual em LSPS e em Libras e em ASL, o que pode ser explicado devido à iconicidade do sinal com o ato de pedalar. A propósito, Quadros (2019), em relação à iconicidade, afirma:

A iconicidade faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de seu estudo. Mesmo reconhecendo que ela se manifesta convencionalmente nas diferentes línguas de sinais, ainda assim percebemos tratar-se de um fenômeno bastante produtivo, que evoca os eventos de forma altamente motivada. (QUADROS, 2019, p. 121).

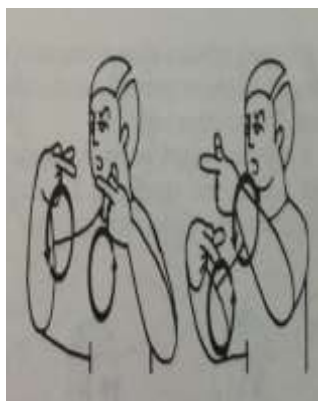
Brentari (2012, p. 39), ao discorrer sobre a manifestação da iconicidade nas línguas de sinais, diz: “A iconicidade não deve ser considerada um obstáculo ou oposição a uma gramática fonológica, mas sim outro mecanismo, para dar facilidade de produção ou facilidade de percepção, que contribui para a clareza do discurso.”⁵⁶ A presença da iconicidade, como nos sinais a seguir, de BICICLETA da Libras, da ASL e da LSPS, BATATA-DOCE, MACACO BARRIGUDO e BICHO-PREGUIÇA, da LSPS, são características comuns nas línguas de modalidade espaço-visual.

⁵⁶ Com o texto: Iconicity should not be thought of as either a hindrance or opposition to a phonological grammar, but rather another mechanism, on a par with ease of production or ease of perception, that contributes to inventories (BRENTARI, 2012, p. 39). Inglês (Estados Unidos).

Quadro 16 – Sinais realizados com duas mãos e com movimentos alternados com a mesma configuração.

ASL	Libras	LSPS
SOCKS  SOCKS Fonte: Dye (2012, p. 691). BICYCLE  h. repair: FAHRRAD[circ] FAHRRAD[circ] 'bicycle' ('or') Fonte: Hohenberger; Leuninger (2012, p. 723).	JUSTIÇA  Fonte: Capovilla (2016, p. 128). BICICLETA.  Fonte: Capovilla (2019, p. 412). COMPARAÇÃO  Fonte: Capovilla (2016, p. 155).	BATATA-DOCE  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/KmSTSlkxBZI  BICICLETA  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/49fJarbf8J8

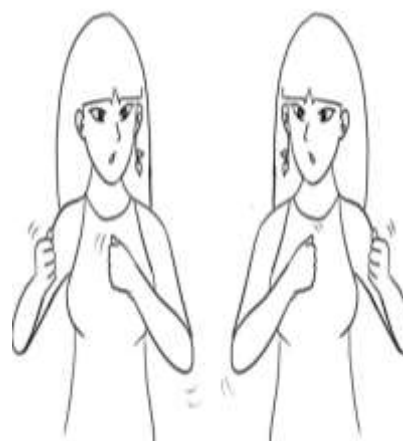
CRÍTICA



Fonte: Capovilla (2016, p. 159).



MACACO BARRIGUDO



Fonte: Eler (2017, p. 102).

<https://youtu.be/7wtBgOHf-MM>

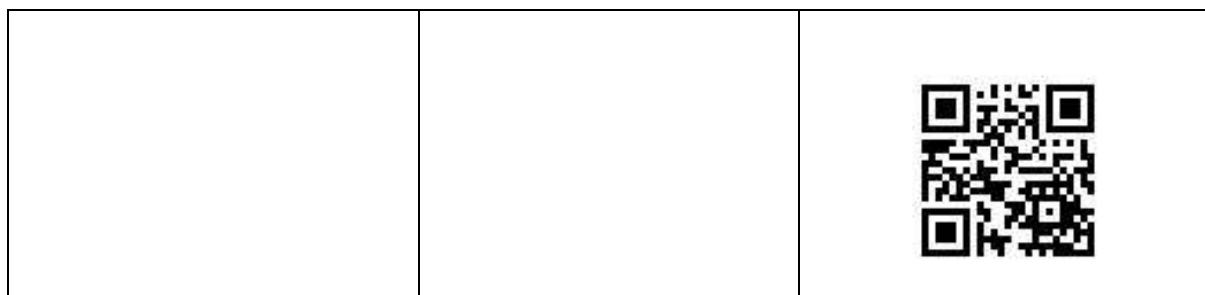


BICHO-PREGUIÇA



Fonte: Eler (2017, p. 103).

https://youtu.be/e_szyLbIgO0



Fonte: desenvolvida pela autora.

No segundo tipo de sinais com as duas mãos, temos uma mão ativa e outra passiva com o mesmo formato, como no exemplo de CADEIRA em Libras e em ASL em que a mão ativa faz o movimento e a mão passiva fica parada como apoio, e o sinal de NAME (nome) em ASL. Em SPS temos o sinal de PRATO, em que a mão passiva fica sem movimento e a ativa faz o movimento circular sobre a mão passiva. Na primeira parte do sinal de JACARÉ acontece essa mesma característica. No sinal de CALANGO, em sua segunda parte, temos essa característica de sinais com uma mão ativa e outra passiva com a mesma configuração na posição das mãos: uma aberta e dedos fechados. Na primeira parte do sinal de CADERNO, temos a mão ativa executando a ação de passar as folhas do caderno e a mão passiva parada, sendo o referente do caderno, ambas com a mesma configuração.

Quadro 17 – Sinais realizados com as duas mãos sendo uma mão ativa e outra passiva com a mesma forma.

ASL CHAIR	Libras SENTAR	LSPS PRATO
		
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 100).	Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).	Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/gv59zFh_JUA

NAME



NAME

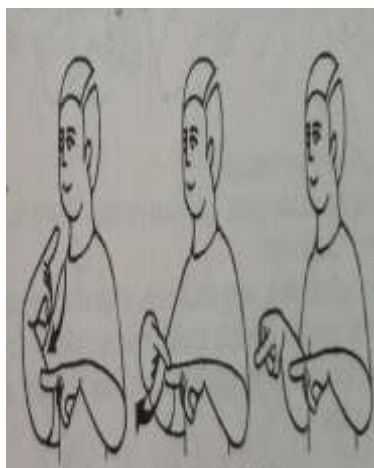
Fonte: Dye (2012, p. 691).

CADEIRA



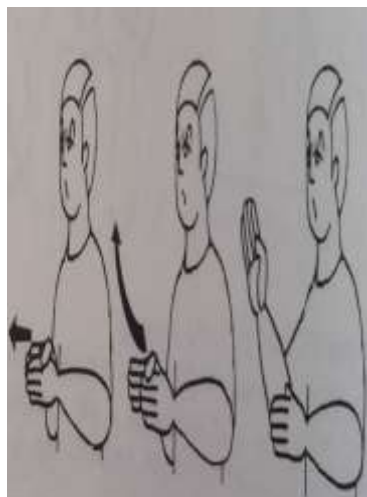
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

PROIBIÇÃO



Fonte: Capovilla (2016, p. 159).

ADVERTÊNCIA



Fonte: Capovilla (2016, p. 158).



JACARÉ



Fonte: Eler (2017, p. 96).

<https://youtu.be/VulB-NgMKZw>

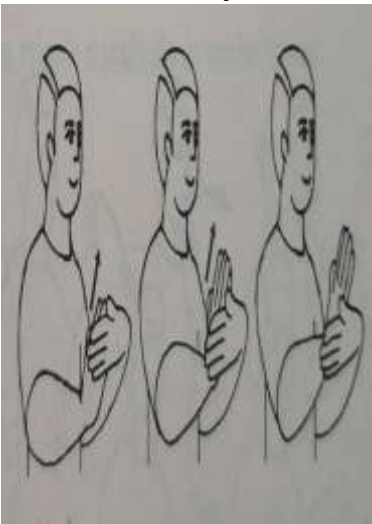


CALANGO



Fonte: Eler (2017, p. 100).

<https://youtu.be/54lFJiGx-Oc>

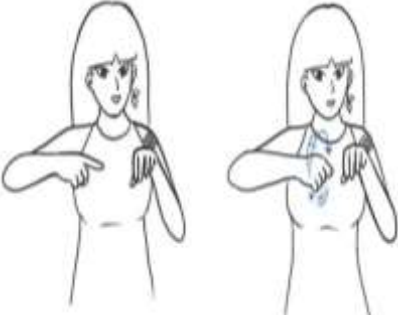
	APROVAÇÃO.  Fonte: Capovilla (2016, p. 161).	 CADERNO  Fonte: Eler (2017, p. 91). https://youtu.be/ddqOF0bsWlg 
--	--	--

Fonte: desenvolvida pela autora.

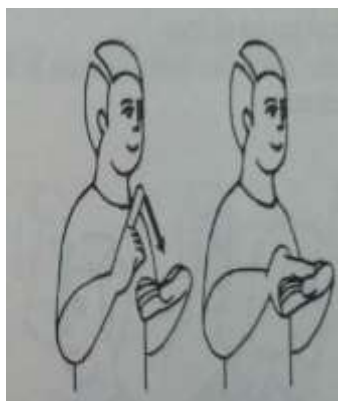
O terceiro são os sinais que apresentam: “[...] uma mão é a ativa e a outra é a passiva, e as duas mãos têm diferentes formatos.” (BRENTARI, 1998, p. 7)⁵⁷. Na ASL temos o sinal de MOVIE (filme) e BANANA. Nos SPS temos os sinais de VENTILADOR, APONTADOR e a primeira parte do sinal de BEIJA-FLOR, e na segunda parte dos sinais de ARRAIA e CADERNO, temos uma mão ativa e outra passiva com formatos diferentes. Em todos esses casos há uma mão ativa e outra passiva, mas com configurações diferentes.

⁵⁷ Com o texto: [...] *one hand is active and one hand is passive, and the two hands have different handshapes.* (BRENTARI, 1998, p. 7). Inglês (Estados Unidos).

Quadro 18 – Sinais realizados com uma mão ativa e outra passiva com formas diferentes

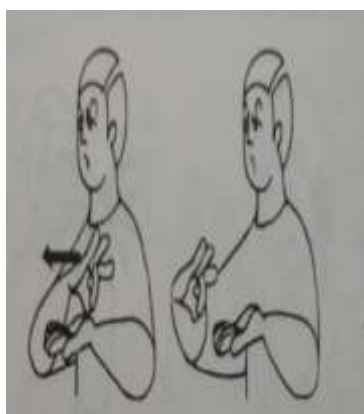
ASL	Libras	LSPS
MOVIE  MOVIE Fonte: Dye (2012, p. 691). BANANA  <i>Fig. 18.6j The ASL sign BANANA</i> Fonte: Taub (2012, p. 394).	VOTAR  Fonte: Capovilla (2016, p. 127). PERGUNTAR  Fonte: Capovilla (2019, p. 2157). LISTA  Fonte: Capovilla (2016, p. 154).	VENTILADOR  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/P3JYP0GNBdY  APONTADOR  Fonte: Eler (2017, p. 91). https://youtu.be/rKhP6B8VXFc 

CONFIRMAÇÃO



Fonte: Capovilla (2016, p. 155).

DETESTÁVEL



Fonte: Capovilla (2016, p. 143).

BEIJA-FLOR



Fonte: Eler (2017, p. 104).

<https://youtu.be/IceH23ZFiJc>



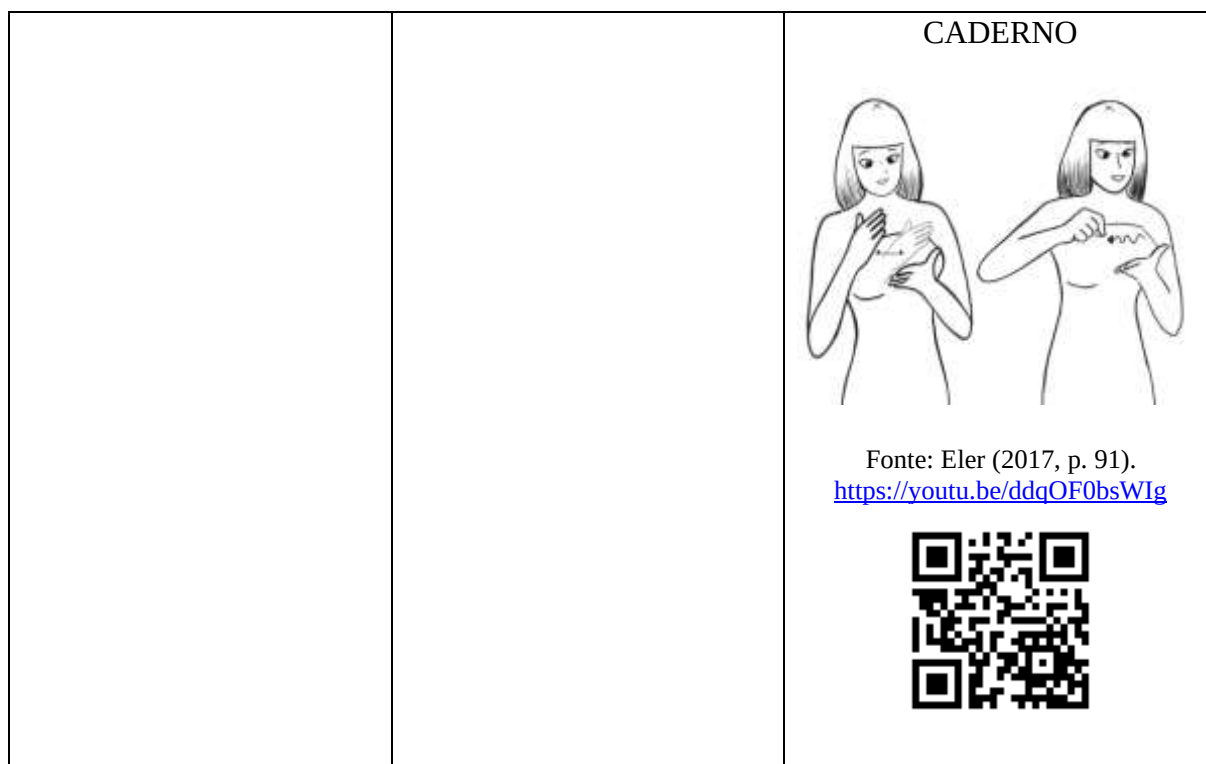
ARRAIA



Fonte: Eler (2017, p. 99).

<https://youtu.be/J5voRcSQBfo>





Fonte: desenvolvida pela autora.

No sinal de SENTAR, temos o movimento de caminho e no sinal de CADEIRA, o movimento de caminho e o local num mesmo sinal da Libras. Esses dois sinais entram também na classificação de sinais de nominais derivados que abordaremos mais adiante. Nesses pares por reduplicação de sinal, temos SENTAR e CADEIRA e, por movimento vibrante, temos os sinais de LER e LEITURA em ASL, (ver Figura 19 da página 128).

Os verbos desses pares apresentam movimentos de caminho e os substantivos derivados deles apresentam movimento de caminho e local ou como o autor colocou movimento vibrante ou de reduplicação.

Figura 17 – Sinal de SENTAR e CADEIRA em Libras.



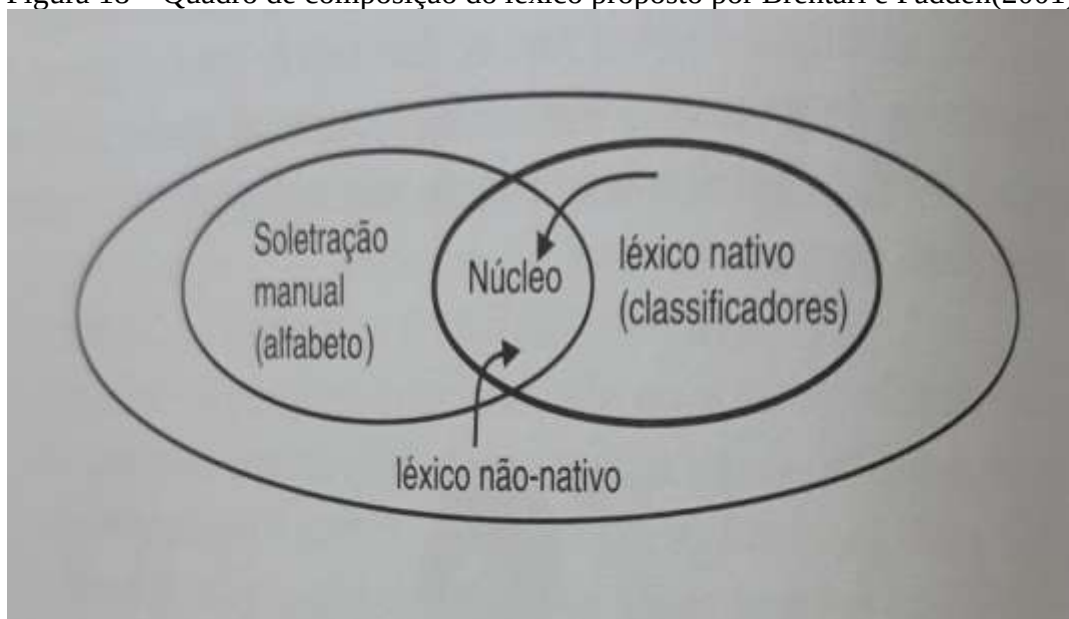
Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

5.3 Sinais com empréstimos digitalizados

Entre os oito tipos de sinais descritos por Brentari (1998), temos também os empréstimos digitalizados. Estes são configurações que correspondem às letras do alfabeto da língua oral. Na Libras são denominados sinais soletrados, que são sinais com empréstimos linguísticos da língua falada. Esses sinais soletrados podem ser considerados na figura a seguir como pertencentes à periferia do léxico, conforme figura (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Na composição do léxico das línguas de sinais, Brentari e Padden (2001), propuseram uma composição descrita por Quadros e Karnopp (2004) dos sinais:

Figura 18 – Quadro de composição do léxico proposto por Brentari e Padden(2001).



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

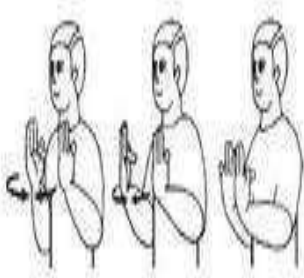
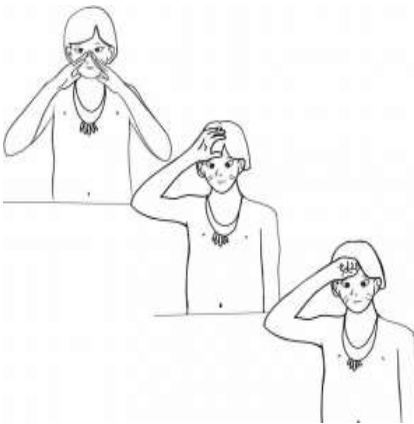
[...] o léxico não-nativo contém também palavras em português que são soletradas manualmente, e essas formas podem ser consideradas na periferia do léxico da língua de sinais brasileira. O alfabeto soletrado manualmente, seguindo a proposta de Padden (1998) para ASL, é um conjunto de configurações de mão que representam o alfabeto em português. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88).

O léxico não nativo apresenta o uso de sequências digitalizadas ou empréstimos digitalizados. Eles são utilizados quando não há um sinal para o conceito. Utiliza-se para indicar nomes próprios, locais, endereços principalmente para sinalizantes fora do seu contexto social, por exemplo, quando um surdo não conhece o sinal de uma cidade, ele digitaliza para outra pessoa no momento da sinalização. Segundo Fenlon; Cormier; Brentari (2017, p. 3), “As sequências digitalizadas representam uma forma de empréstimo em que diferentes

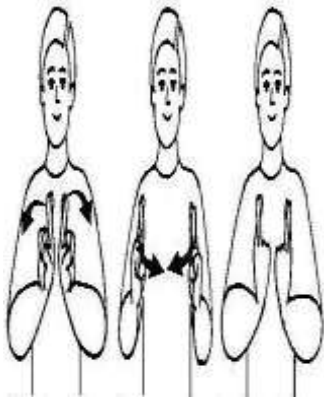
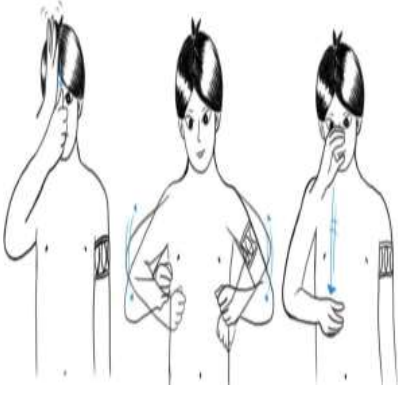
configurações e mão estão cada uma associada a uma letra do alfabeto correspondente da língua falada, a fim de soletrar a palavra.”⁵⁸

Os empréstimos linguísticos são comuns em todas as línguas, sejam elas orais ou de sinais. Eles acontecem quando se usa uma palavra estrangeira, e com o passar do tempo essa palavra passa a fazer parte do vocabulário da língua da localidade. No caso dos sinais Paiter Suruí, ainda é cedo para discutir esses empréstimos linguísticos, devido ao fato de haver a necessidade de mais aprofundamento no registro dos sinais utilizados por eles. Nos sinais já registrados encontramos o de ESCOLA que os surdos indígenas sinalizaram os sinais de CASA e APRENDER da Libras e de GALO em que na primeira parte do sinal usa o mesmo sinal da Libras. Em ASL com empréstimos digitalizados que são quando se utiliza uma letra do alfabeto datilológico na composição do sinal que é o caso de OPINION (opinião) e CAFETERIA. Em Libras temos o sinal de FAMÍLIA, REUNIÃO, dentre outros.

Quadro 19 – Sinais com empréstimos digitalizados e empréstimos linguísticos.

ASL	Libras	LSPS
OPINION  Fonte: Brentari e Eccarius (2010, p. 286).	FAMÍLIA  Fonte: Capovilla (2019, p. 1256).	ESCOLA  Fonte: Eler (2017, p. 90). https://youtu.be/rVlalC8YtqQ 

⁵⁸ Com o texto: “Fingerspelled sequences represent a form of borrowing where different configurations of the hand are each associated with a letter from the corresponding spoken language’s alphabet in order to spell out a word” (FENLON; CORMIER; BRENTARI, 2017, p. 3). Inglês (Estados Unidos).

CAFETERIA	REUNIÃO	GALO
 Fonte: Brentari e Eccarius (2010, p. 286).	 Fonte: Capovilla (2019, p. 2450).	 Fonte: Eler (2017, p. 95). https://youtu.be/WgiyOPTcX80 

Fonte: desenvolvida pela autora.

Quanto aos empréstimos digitalizados, não foram encontrados sinais devido a não haver um alfabeto datilológico que representasse a língua oral falada na aldeia ou da língua portuguesa. Encontramos os dois sinais citados com empréstimo linguístico da Libras, o sinal de ESCOLA e de GALO. O fato de termos encontrado somente dois sinais pode ser devido ao fato de o *corpus* analisado conter poucos sinais. Essa observação acontece com outros autores que pesquisaram outras línguas de sinais não oficiais, como é o caso da Cena de Jaicós no Piauí, na qual os pesquisadores observaram que não há influência de letras do alfabeto manual do português. “Não existe um alfabeto manual em Cena e, por isso, nenhum dos sinais coletados possui tem configurações de mão que espelhem as letras do alfabeto do português.” (ALMEIDA-SILVA; NEVINS, 2020, p. 1044).

Ainda pertencente ao léxico não nativo, temos alguns sinais que são formados com alguma configuração do alfabeto manual. Esses sinais apresentam alguma letra em datilologia do alfabeto manual da língua falada do país. Na Língua Brasileira de Sinais temos como exemplo o sinal de FAMÍLIA em que o sinal se inicia com a configuração de mão em ‘f’, REUNIÃO, configuração de mão principal em ‘R’. Já em ASL, tivemos os exemplos de OPINIÃO e CAFETERIA, descritos por Brentari e Eccarius (2010). A autora cita esse tipo de construção de sinais com formas estrangeiras:

As formas estrangeiras [...] são os formulários inicializados, que têm um formato de mão do alfabeto manual como um afixo e são construídos a partir de hastes no núcleo. Isso significa que, como o núcleo, os recursos de formato de mão não têm significado, mas que, ao contrário do núcleo, a forma de mão como um todo tem significado. Exemplos são OPINION, CAFETERIA (BRENTARI; ECCARIUS, 2010, p. 286).⁵⁹

Na estrutura proposta por Padden (1998), o núcleo é composto dos sinais nativos seguindo as regras da boa formação dos sinais; no léxico não nativo estão os sinais com empréstimos linguísticos. Esses sinais nem sempre obedecem às regras de boa formação dos sinais.

Ainda seguindo o quadro de composição do léxico desenvolvido por Brentari e Padden (2001), ao abordar os que utilizam classificadores e pertencem ao léxico nativo, esses sinais violam as restrições de um sinal bem formado em língua de sinais, em alguns casos os de duas mãos alteram a simetria e a dominância nesses sinais. “Os classificadores [...] são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93). Os classificadores, na maioria das vezes, são usados para representar um movimento, ação ou formas de objeto; temos classificadores para uma pessoa andando, duas pessoas andando lado a lado ou em direção oposta. Para cada exemplo há uma configuração de mão específica que funciona de forma icônica com a ação que quer representar.

No quadro a seguir temos os sinais de HOUSE (casa) e BICYCLE (bicicleta) em ASL, que apresentam a forma e a ação do referente que representam; em Libras, temos o sinal TRÂNSITO, em que se utilizam todos os dedos da mão para exemplificar a movimentação do trânsito e de PASSAR UM PELO OUTRO, que mostra o classificador para pessoa passando uma pela outra. Na LSP tivemos o classificador de 1 PESSOA OLHANDO PARA OUTRA. Esse sinal foi registrado numa conversa dos surdos em sala de aula, de forma natural, em que um aluno foi assinar a lista de presença e o outro fez esse sinal classificador para um colega.

⁵⁹ Com o texto: *The foreign forms that we will discuss in this chapter are the initialized forms, which have a handshape of the manual alphabet as an affix and are built from stems in the core. This means that, like the core, the handshape features have no meaning, but that, unlike the core, the handshape as a whole has meaning. Examples are OPINION, CAFETERIA.* (BRENTARI; ECCARIUS, 2010, p. 286). Inglês (Estados Unidos).

Quadro 20 – Classificadores nas línguas de sinais.

ASL	Libras	LSPS
HOUSE  HOUSE } HOUSE } Fonte: Zwitserlood (2012, p. 165). BICYCLE  BICYCLE Fonte: Zwitserlood (2012, p. 165).	TRÂNSITO  Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 93-94). PASSAR UM PELO OUTRO  Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 93-94).	CL 1 PESSOA OLHANDO PARA OUTRA  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/elUM4SnJgTs 

Fonte: desenvolvida pela autora.

Segundo Quadros (2019), os classificadores são estruturas semanticamente complexas. Assim, formam estruturas morfológicamente idênticas a estruturas de palavras com a marca da visualidade nessas construções.

Os sinais de formas polimorfêmicas seriam formados por nominais derivados, afixação de acordo, compostos, palavras derivadas com afixos de aspecto gramatical e classificadores ou verbos polimórficos.

5.4 Sinais com nominais derivados

Os nominais derivados são sinais que são formados a partir de radicais de verbos, há dois casos de nominais derivados, um por reduplicação do radical do verbo e outro por um recurso vibrante ao movimento do radical. Em ASL e em Libras, por reduplicação, temos os sinais de SIT (sentar) e CHAIR (cadeira) e, por movimento vibrante, os sinais de READ (ler) e READING (leitura). Nos SPS, não encontramos essas características por enquanto, porque o *corpus* registrado contém poucos sinais, todavia, no decorrer do mapeamento dessa língua, podemos encontrar.

Quadros e Karnopp (2004), afirmam que na Libras existe um padrão para distinguir verbos e nomes, que a diferença está nos tipos de movimento que Brentari classificou em movimento de caminho e o local num mesmo sinal, encontramos essa característica, por exemplo, nos substantivos derivados dos verbos em Libras de PENTEAR e PENTE, OUVIR e OUVINTE.

Figura 19 – Sinal de READ/READING (ler e leitura) em ASL



Figure 1.10

An example of trilled movement affixation forming a derived activity noun: READ/READING. In the verb READ (left), there is a single path movement. In the derived activity noun READING (right), a trilled movement feature is affixed to the stem.

Fonte: Brentari (1998, p. 14).

Quadro 21 – Sinais com nominais derivados.

ASL	Libras	LSPS
SIT e CHAIR  Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 100). READ/READING (ler e leitura) em ASL  Figure 1.10 An example of trailed movement affixation forming a derived activity noun: READ/READING. In the verb READ (left), there is a single path movement. In the derived activity noun READING (right), a trailed movement feature is affixed to the stem. Fonte: Brentari (1998, p. 14).	SENTAR e CADEIRA  Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88). PENTEAR e PENTE  Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88). OUVIR e OUVINTE  Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).	Não foram identificados no <i>corpus</i> analisado da LSPS.

Fonte: desenvolvida pela autora.

⁶⁰ Um exemplo de afixação de movimento vibrante formando um substantivo de atividade derivado: LER - LENDO. No verbo READ (esquerda), existe um movimento de caminho único. No substantivo de atividade derivado LEITURA (à direita), um recurso de movimento vibrante é fixado para o caule.

Nos SPS, não foram identificados no *corpus* analisado exemplos de nominais derivados. Na Libras, foi descrito nos pares dos sinais de SENTAR e CADEIRA, PENTEAR e PENTE, OUVIR e OUVINTE que são sinais com essa característica de nominais derivados, em que o substantivo é derivado do verbo.

5.5 Sinais com afixação de acordo

Outra característica descrita por Brentari (1998), foi a afixação de acordo. A afixação de acordo acontece quando um grupo de sinais complexos apresenta evidências linguísticas internas e externas, é uma forma de concordância entre sinais que se referem a objetos ou pessoas que permanecem de forma constante numa extensão do discurso. Há uma discordância entre os autores se esses casos podem ser chamados de formas de concordância ou de acordo.

Se essas formas devem ser chamadas de formas de concordância, ou se devem ser consideradas como estar fora totalmente do sistema linguístico, está atualmente em debate. Liddell (1995) argumenta contra a chamada referência espacial ‘concordância’ por causa da alomorfia aparentemente infinita dessas formas. Engberg-Pederson (1993) argumenta que essas referências aos objetos no espaço de sinalização devem ser chamadas de ‘acordo’, porque os locais não podem ser estabelecidos aleatoriamente no espaço de sinalização. (BRENTARI, 1998, p. 15).⁶¹

Brentari (1998), usa o exemplo mostrado no quadro a seguir, da frase DRIVE-TO (eu dirijo). Nos sinais Paiter Suruí, encontramos algumas frases com essas características em “Eu dou partida na moto” que foi sinalizado MOTO LIGAR. Quando os indígenas surdos sinalizaram, foi no sentido de “eu ligo a moto”, no espaço de sinalização esse ‘eu’ fica subentendido no sinal de MOTO LIGAR. Outros casos de frases com evidências linguísticas internas com a presença de alguns advérbios encontradas foram: LÁ DUAS BICICLETAS, a criança surda aponta para a casa dela explicando que lá em casa tem duas bicicletas; AQUELA GALINHA MINHA (aquela galinha é minha). LÁ ÁGUA [aponta para a garrafa] (lá na garrafa tem água). O contexto em que essas frases foram produzidas e coletadas aconteceu em um passeio pela comunidade com uma criança surda Paiter e várias outras ouvintes; nesse dia, a

⁶¹ Com o texto: *Whether these forms ought to be called agreement forms at all, or whether they should be considered to be outside the linguistic system altogether, is currently under debate. Liddell (1995) argues against calling spatial reference "agreement" because of the apparently infinite allomorphy of these forms. 43 Engberg-Pederson (1993) argues that these references to objects in the signing space ought to be called "agreement," because loci cannot be established randomly in the signing space. (BRENTARI, 1998, p. 15). Inglês (Estados Unidos).*

criança surda foi se comunicando conosco com essas frases. E essa última frase foi com um jovem surdo indígena que nos relatou: ESSA MOTO MINHA, (essa moto é minha).

Esses casos apresentam sinais complexos com evidências linguísticas internas, conforme citado por Brentari (1998).

Quadro 22 – Sinais com afixação de acordo.

ASL	Libras	LSPS
DRIVE-TO (EU DIRIJO) em ASL.  Figure 1.11 DRIVE-TO is considered a typical spatial agreement verb, in which the initial and final loci refer to a spatial map. Fonte: Brentari (1998, p. 16).⁶²	EU DIRIJO  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). EU ANDO DE BICICLETA  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).	MOTO LIGAR  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/PGyUN7c1_wo 

⁶² Com o texto: DRIVE-TO é considerado um local típico de verbo de concordância, em que a inicial e os locais finais referem-se a um mapa espacial.

LÁ DUAS BICICLETAS
[aponta para casa dele] (lá
em casa tem duas
bicicletas).



Fonte: (desenvolvida pela autora e
por Suzana Frota).

<https://youtu.be/649ekvEiqHk>



AQUELA GALINHA
MINHA (aquela galinha é
minha).



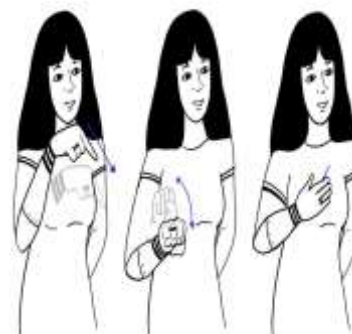
Fonte: (desenvolvida pela autora e
por Suzana Frota).

<https://youtu.be/LpETyS6dl>

Is



ESSA MOTO MINHA
(essa moto é minha).



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/QGcuiIVMyOs>

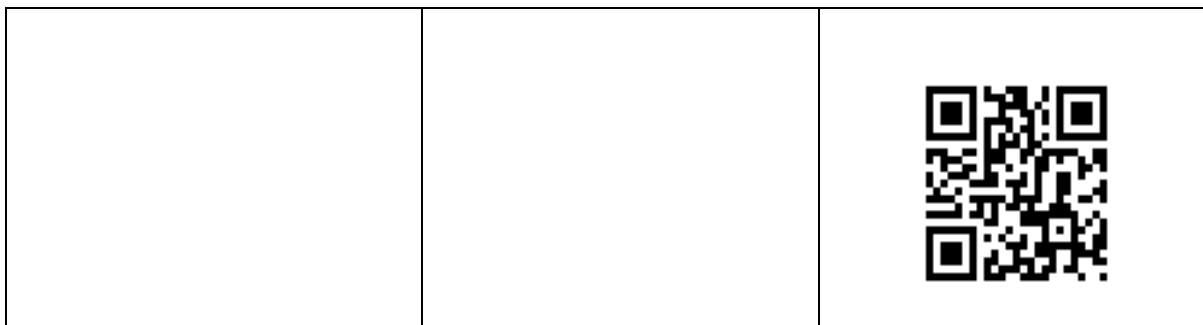


LÁ ÁGUA [aponta para a
garrafa] (lá na garrafa tem
água).



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/VBQOLEMXpM>



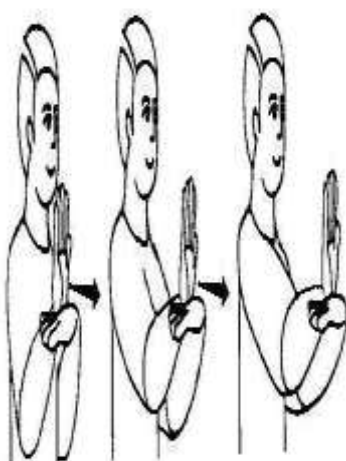
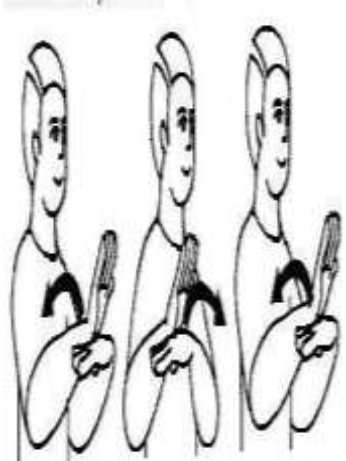
Fonte: desenvolvida pela autora.

A autora aborda na afixação de acordo também a direcionalidade de alguns verbos, como acontece na Libras no sinal dos verbos AJUDAR e PERGUNTAR mostrados no quadro a seguir.

Corroborando tal pensamento, Sandler; Lillo-Martin abordam essa temática da afixação de acordo com alguns verbos direcionais que são os verbos que apresentam movimentos de um ponto de articulação a outro, dependendo do contexto, como em ‘dar a bola ao menino’ e ‘dar a bola de João para Pedro’. Segundo Sandler; Lillo-Martin (2006, p. 123): “[...] a maioria dos verbos concordantes envolve movimentos de algum local específico para outro local específico, a fim de marcar acordo com seus referentes.”

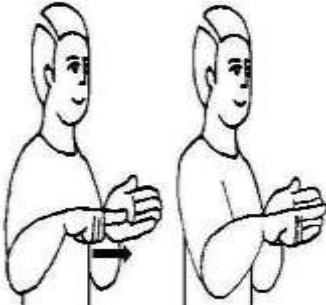
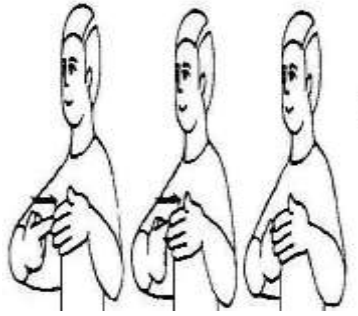
Na sinalização, alguns verbos se modificam tanto no ponto de articulação inicial quanto no final do sinal. “Os primeiros e últimos locais são discretamente referidos pela gramática indicando, de acordo com suposição padrão na investigação linguística, que cada local é um elemento gramatical da língua.” (SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006, p. 124). Os autores usaram como exemplo o sinal de DAR com sujeito em primeira pessoa e concordância com o objeto em terceira pessoa, e o mesmo sinal DAR com sujeito em terceira pessoa e acordo de objeto em terceira pessoa também.

Quadro 23 – Sinais com na afiação de acordo na direcionalidade de alguns verbos.

ASL	Libras	LSPS
EU DOU A ELA  1-GIVE-a 'I give her' (ASL) Fonte: Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 124).⁶³	EU AJUDO  Fonte: Capovilla (2019, p. 138).	Esse caso não foi identificado na LSPS.
ELA DÁ A ELE  a-GIVE-b 'she gives him' (ASL) Fonte: Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 124).⁶⁴	VOCÊ ME AJUDA  Fonte: Capovilla (2019, p. 139).	

⁶³ Com o texto: 1- DÊ – ‘Eu dou a ela’ (ASL) Figura 9.3 DAR com sujeito de primeira pessoa, concordância de objeto de terceira pessoa.

⁶⁴ Com o texto: a-DAR-b ‘ela dá a ele’ (ASL) Figura 9.4 DAR com sujeito de terceira pessoa, acordo de objeto de terceira pessoa.

	EU PERGUNTO VOCÊ  Fonte: Capovilla (2019, p. 2158). VOCÊ ME PERGUNTA  Fonte: Capovilla (2019, p. 2158).	
--	--	--

Fonte: desenvolvida pela autora.

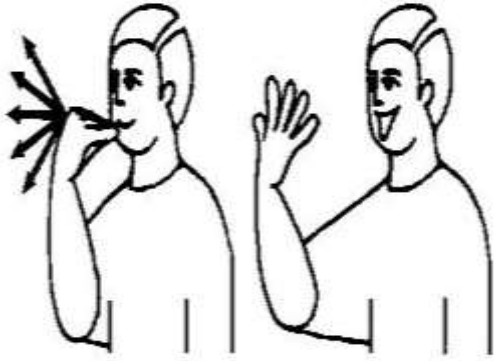
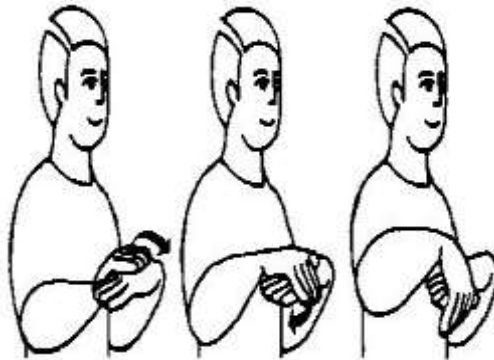
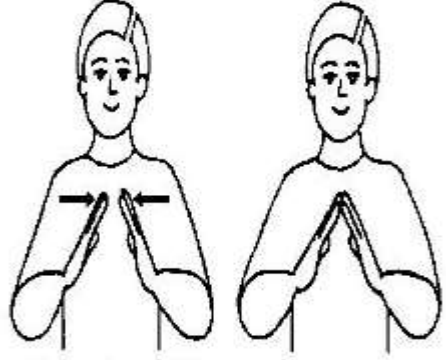
Assim, no que se refere à afixação de acordo, foram encontradas as frases MOTO LIGAR, LÁ DUAS BICICLETAS, AQUELA GALINHA MINHA, ESSA MOTO MINHA e LÁ ÁGUA do Quadro 24. Em outras pesquisas se poderá aprofundar mais quanto a essa categoria, para fazer uma análise mais profunda, sendo um campo a se pesquisar futuramente.

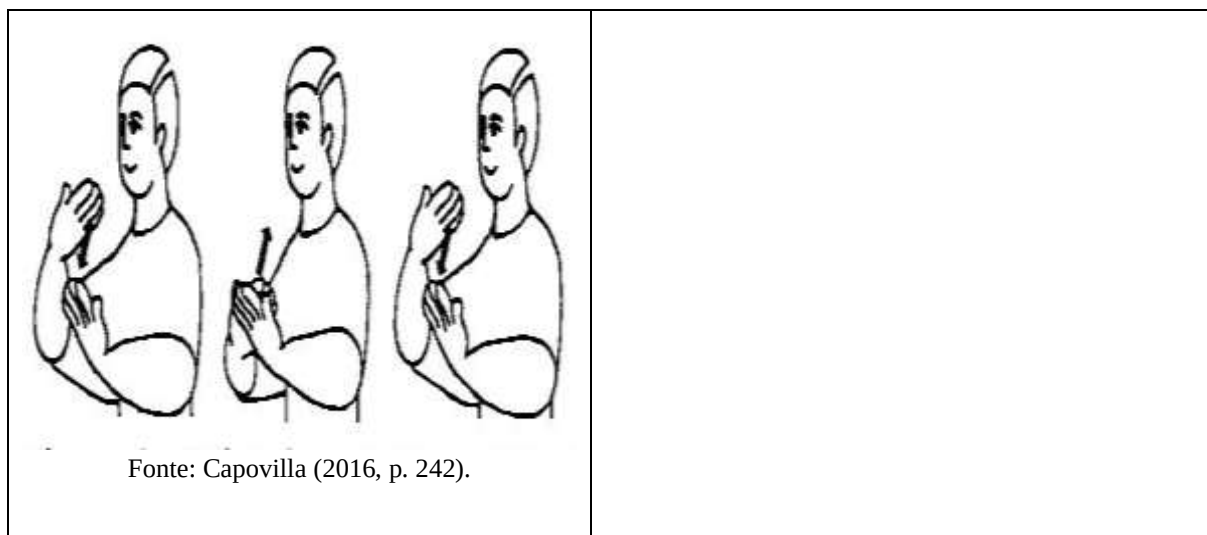
5.6 Sinais compostos

Na formação dos compostos segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 102): “[...] os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical.” Normalmente há um distanciamento de significado nos componentes das formas compostas; esse processo de composição de novas palavras é bem frequente e natural em todas as línguas do mundo, tanto nas orais quanto nas de sinais. Ao abordar a formação dos compostos em Libras, Felipe e Monteiro (2006, p. 24), diz: “Um sinal composto, formado por dois ou mais

sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa.”
Vejamos alguns sinais na formação dos compostos citados por Quadros e Karnopp (2004):

Quadro 24 – Sinais simples e composto em Libras.

Libras	
Sinais simples	Sinais composto
BOM  Fonte: Capovilla (2016, p 144). NOITE  Fonte: Capovilla (2019, p. 1951).	 BOA-NOITE Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 103).
CASA  Fonte: Capovilla (2019, p. 590). ESTUDAR	ESCOLA  ESCOLA Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 105).



Fonte: desenvolvida pela autora.

Na ASL Brentari (1998) trouxe como exemplo de palavras compostas formadas a partir de: verbo+nome em VESTIDO+DORMIR=CAMISOLA; nome+verbo em MENINA+CASAR=ESPOSA; nome+adjetivo em PONTO+AZUL=HEMATOMA, CABELO+AMARELO=LOIRO; essa composição do sinal de LOIRO é usada na Libras também; nome+nome para CASAMENTO+MENINA=NOIVA.

Sobre os sinais compostos nos sinais Paiter Suruí, tivemos os sinais de ONÇA, PEIXE-ELÉTRICO, PEIXE-PINTADO, CADERNO, IGREJA, ESCOLA; já para o sinal de ONÇA foi sinalizado em dois sinais: o de GATO+PINTAS, para PEIXE-PINTADO foi utilizado o sinal de BIGODES+PEIXE para caracterizar o sinal, o de PEIXE-ELÉTRICO o sinal de PEIXE e outro sinal simulando o choque elétrico, para o sinal de CADERNO foi utilizada a ação de passar as folhas do caderno e o sinal de LÁPIS. Para formar o sinal de BARRACÃO, foram utilizados o sinal de TELHADO ou de CASA e um sinal que os indígenas surdos utilizam no sentido de abrigar, conforme mostrado na segunda parte da imagem, e um classificador de muito simulando PESSOAS; na segunda parte do sinal de IGREJA, foi utilizado esse mesmo referente de ABRIGAR-PESSOAS (consulte o sinal no anexo). Para o sinal de ESCOLA, utilizaram o sinal de CASA ou TELHADO e o sinal de APRENDER da Libras.

Quadro 25 – Sinais simples e composto em LSPS.

LSPS	
Sinais simples	Sinais composto
GATO  Fonte: Eler (2020, p. 130). https://youtu.be/p8rU3rXt8Ng 	ONÇA  Fonte: Eler (2017, p. 107). https://youtu.be/USBmChOnQls 
PEIXE  Fonte: Eler (2020, p. 119). https://youtu.be/JVwd40sFFio	PEIXE-ELÉTRICO  Fonte: Eler (2017, p. 97). https://youtu.be/IqoaMBhayZE



PEIXE-PINTADO



Fonte: Eler (2017, p. 105).

<https://youtu.be/ZMSFwxvYq2s>



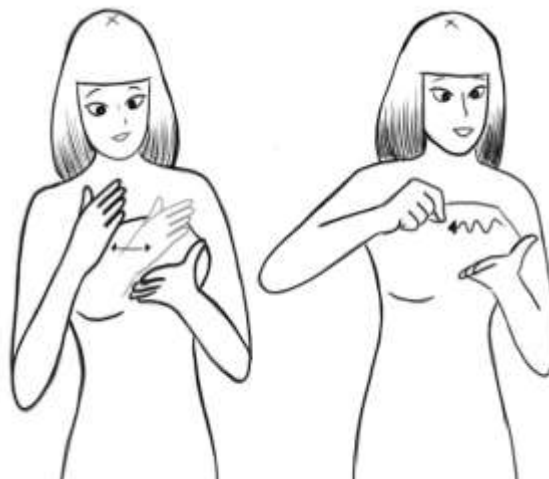
LÁPIS



Fonte: Eler (2020, p. 110).

https://youtu.be/Xg4X84txw_k

CADERNO



Fonte: Eler (2017, p. 91).

<https://youtu.be/ddqOF0bsWIg>



CASA



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/xzincy3g1gk>



APRENDER (empréstimo linguístico da Libras)

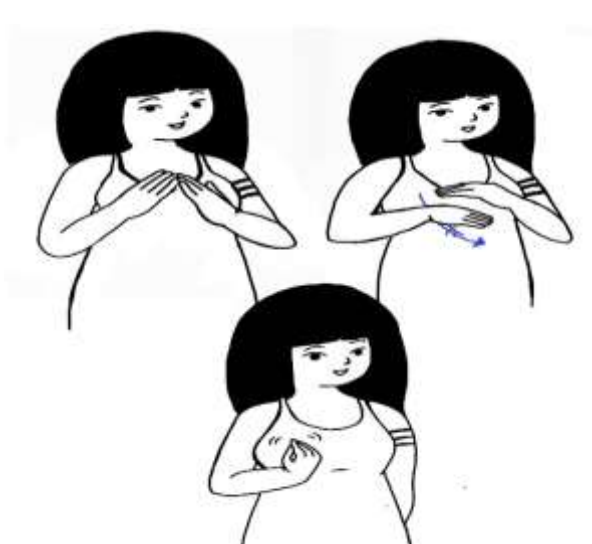


Fonte: desenvolvida pela autora.

<https://youtu.be/wBRR4NRR168>



BARRACÃO

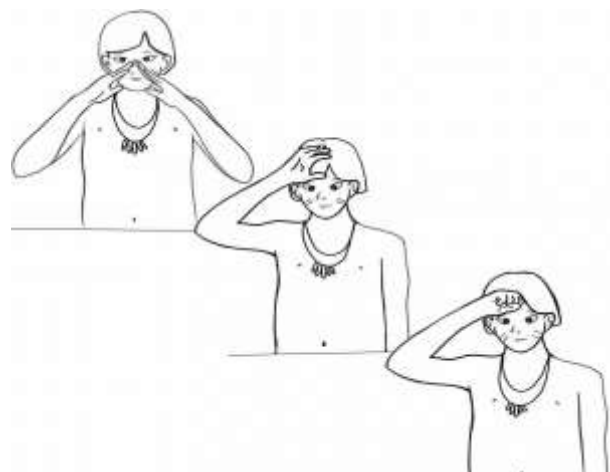


Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/HJ5N5FrunM8>



ESCOLA



Fonte: Eler (2017, p. 90).

<https://youtu.be/rVlalC8YtqQ>



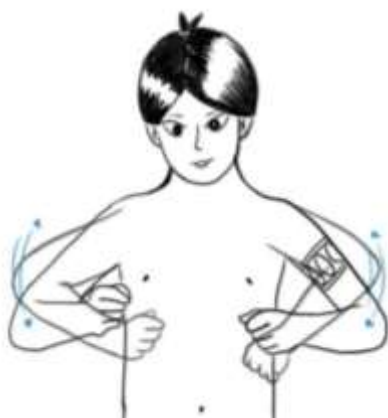
GALINHA(empréstimo linguístico da Libras)



Fonte: Eler (2017, p. 88).
<https://youtu.be/Ua1IrNKLiCk>



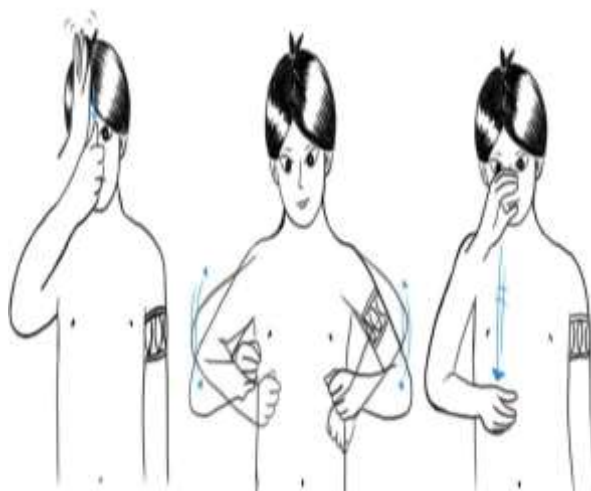
SINAL DE VOAR/ASAS



Fonte: Eler (2017, p. 95).
<https://youtu.be/aI29AcfpzjI>



GALO



Fonte: Eler (2017, p. 95).
<https://youtu.be/WgiyQPTcX80>





SINAL DO BICO DE AVES

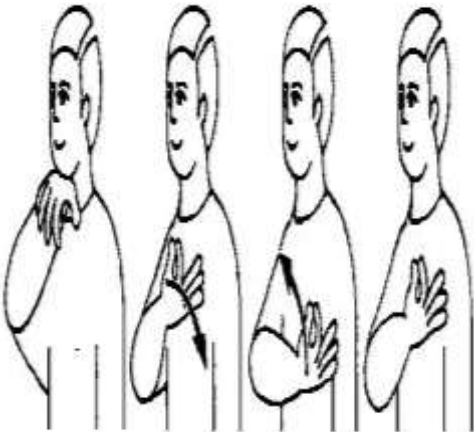


Fonte: Eler (2017, p. 95).
<https://youtu.be/m0ae7Yl7Nqc>

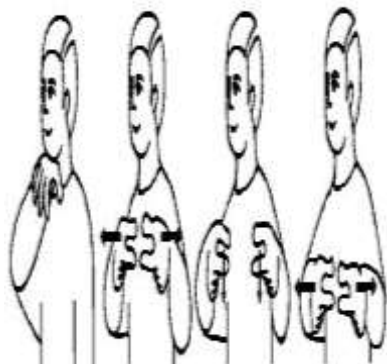


Fonte: desenvolvida pela autora.

Quadro 26 – Sinais compostos em relação a Libras e LSPS.

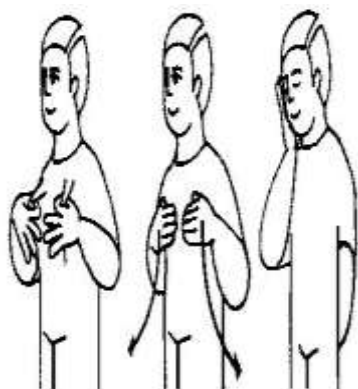
Libras	LSPS
ONÇA  Fonte: Capovilla (2019, p. 2010).	ONÇA  Fonte: Eler (2017, p. 107). https://youtu.be/USBmChOnQls

TIGRE



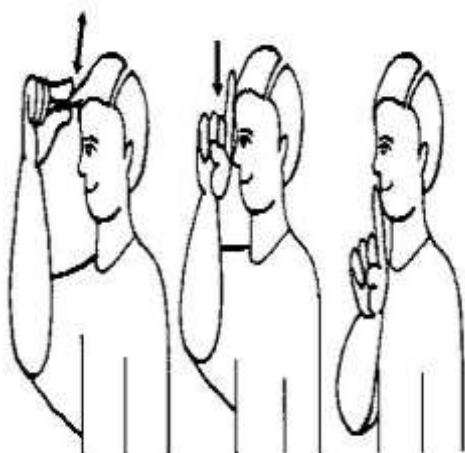
Fonte: Capovilla (2019, p. 2706).

CAMISOLA



Fonte: Capovilla (2019, p. 530).

LOIRO



Fonte: Capovilla (2019, p. 1704).



PEIXE-ELÉTRICO



Fonte: Eler (2017, p. 97).

<https://youtu.be/IqoaMBhayZE>



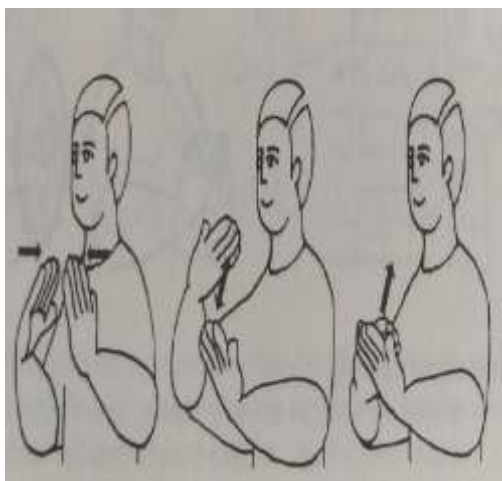
PEIXE-PINTADO



Fonte: Eler (2017, p. 105).

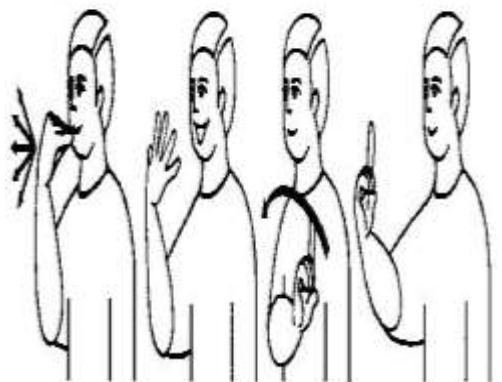
<https://youtu.be/ZMSFwxvYq2s>

ESCOLA

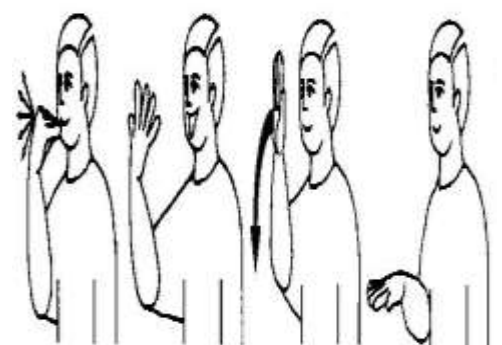


Fonte: Capovilla (2016, p. 11).

BOM-DIA



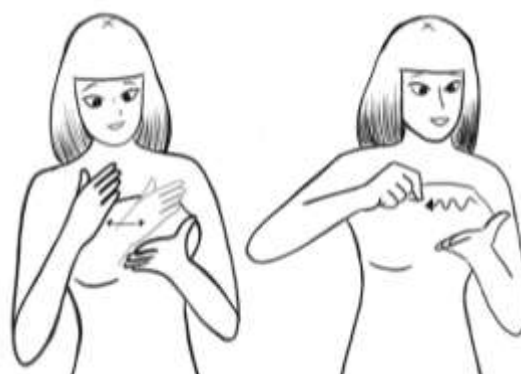
Fonte: Capovilla (2019, p. 443).
BOA-TARDE



Fonte: Capovilla (2019, p. 428).



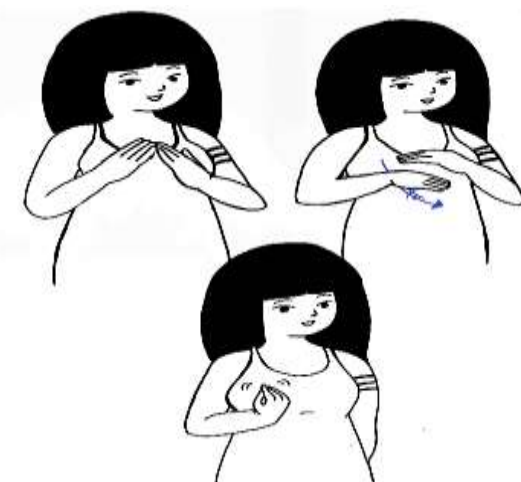
CADERNO



Fonte: Eler (2017, p. 91).
<https://youtu.be/ddqOF0bsWlg>



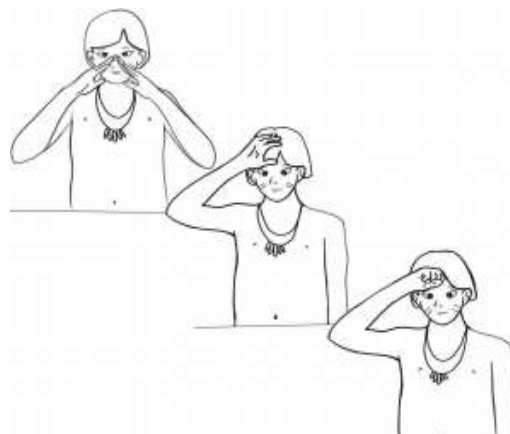
BARRACÃO



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).
<https://youtu.be/kLQCuCI7LQA>



ESCOLA

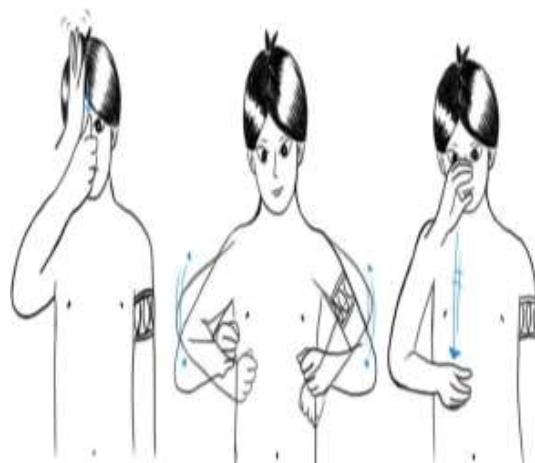


Fonte: Eler (2017, p. 90).

<https://youtu.be/rVlalC8YtqQ>

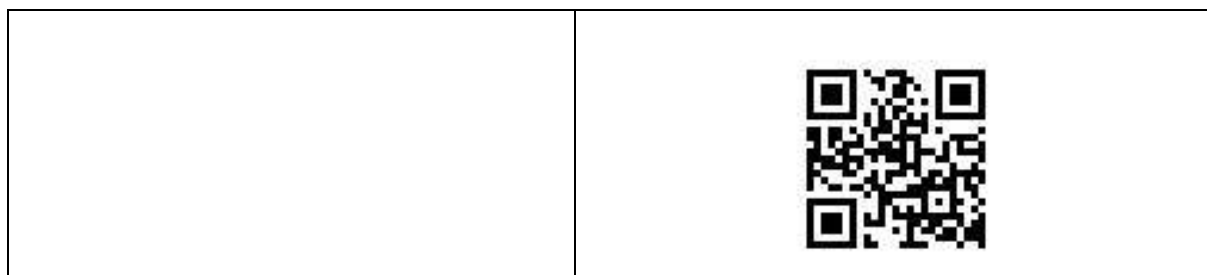


GALO



Fonte: Eler (2017, p. 95).

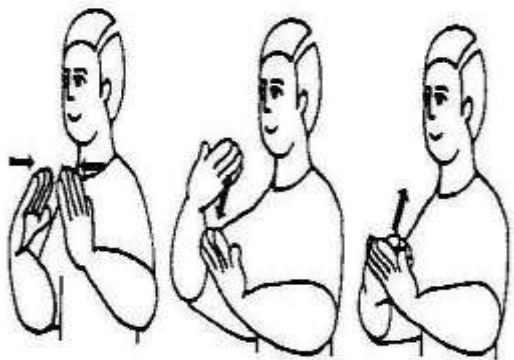
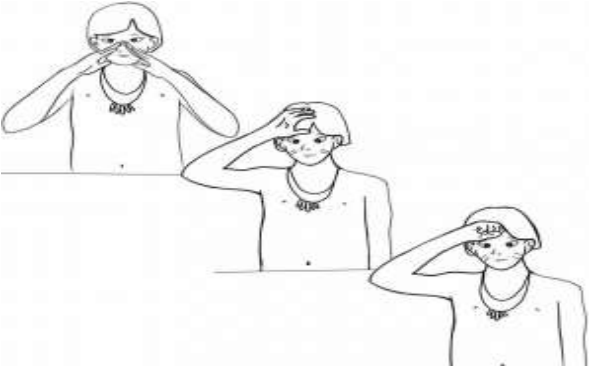
<https://youtu.be/WgiyOPTcX80>



Fonte: desenvolvida pela autora.

Na formação do sinal de ESCOLA em Língua de Sinais Paiter Suruí, tivemos um fenômeno de empréstimo linguístico da Libras. Os indígenas sinalizaram CASA ou TELHADO que é um sinal icônico que em Libras é sinalizado da mesma forma e o sinal de APRENDER da Libras fazendo uma nova construção com um significado semântico da palavra muito bem elaborado, pois a escola é uma casa na qual se aprende. A seguir, o sinal de ESCOLA em Libras para fazer a comparação com o sinal em Paiter Suruí.

Quadro 27 – Comparação de sinais em Libras e em LSPS.

Libras	LSPS
ESCOLA  Fonte: Capovilla (2016, p. 11).	ESCOLA  Fonte: Eler (2017, p. 90). https://youtu.be/rVlalC8YtqQ 

Fonte: desenvolvida pela autora.

O sinal de ESCOLA em Libras é a junção do sinal de CASA e ESTUDAR, assim, nos sinais Paiter, foi feito sob uma semântica bem lógica: ESCOLA igual uma CASA e o sinal de APRENDER. Os exemplos de sinais compostos em Libras foram os de ONÇA em que é

sinalizado um sinal que caracteriza felino e o sinal das pintas, para TIGRE, também é feito o sinal que caracteriza e as listras do tigre. Para CAMISOLA, usa-se o sinal de ROUPA+VESTIDO, e para os sinais de BOM-DIA e BOA-TARDE, utiliza-se o sinal de BOM acrescido do sinal de DIA ou TARDE; o mesmo caso acontece para o sinal de BOA-NOITE em Libras.

5.7 Sinais com palavras derivadas

O sétimo tipo de formação de sinais citado por Brentari (1998), são as palavras polimorfêmicas derivadas contendo afixos de aspecto gramatical que o autor assim conceitua: “O sistema de aspectos gramaticais em ASL codifica descrições de ambos os desdobramentos temporais de um evento e as propriedades de distribuição dos objetos e pessoas envolvidos no evento.” (p. 19).⁶⁵ O autor usou como exemplo dois sinais simples da ASL: THINK, PENSAR, SELF e AUTO que se juntam e têm o significado da expressão ‘pensar em si mesmo’. Vejamos o exemplo:

Figura 20 – Sinal de PENSAR e AUTO e ‘pensar em si mesmo’ em ASL.



Figure 1.14
THINK (top left) and SELF (top right)
are shown as single words and in the
compound THINK SELF (bottom).

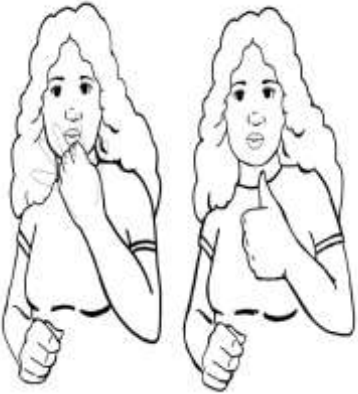
Fonte: Brentari (1998, p. 20).⁶⁶

⁶⁵ Com o texto: “The system of grammatical aspect in ASL encodes descriptions of both the temporal unfolding of an event and the distributional properties of the objects and persons involved in the event” (BRENTARI, 1998, p. 19). Inglês (Estados Unidos).

⁶⁶ The THINK (canto superior esquerdo) e SELF (canto superior direito) são mostrados como palavras simples e no composto THINK SELF (parte inferior).

Em Libras, há inúmeros casos de derivação com afixo de aspecto gramatical. Vamos mostrar o exemplo dos sinais de TUDO-BEM e JANTAR que são formados a partir de derivados. No primeiro exemplo, temos os sinais de BOM e POSITIVO; na junção dos dois sinais, tem-se a expressão TUDO-BEM e no segundo exemplo temos os sinais de COMER e NOITE que formam o sinal de JANTAR.

Quadro 28 – Sinal de TUDO-BEM e JANTAR em Libras.

Libras	
BOM  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). POSITIVO  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).	TUDO BEM  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

Fonte: desenvolvida pela autora.

A seguir, o quadro comparativo dos sinais com palavras derivadas com afixos de aspecto gramatical da ASL e da Libras.

Quadro 29 – Sinais com palavras derivadas em ASL e Libras.

ASL	Libras	LSPS
THINK, (pensar), SELF e (auto) Figure 1.14 THINK (top left) and SELF (top right) are shown as single words and in the compound THINK SELF (bottom). Fonte: Brentari (1998, p. 20).⁶⁷	TUDO-BEM Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). JANTAR Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).	Não identificado no <i>corpus</i> pesquisado.

Fonte: desenvolvida pela autora.

No *corpus* pesquisado não foi identificada essa característica nos sinais Paiter Suruí, pois, afinal, conforme dito anteriormente, há poucos sinais registrados, sendo necessário haver uma produção de dados no campo para essa especificidade.

⁶⁷ Com o texto: “The THINK(canto superior esquerdo) e SELF (canto superior direito) são mostrados como palavras simples e no composto THINK SELF (parte inferior).” (BRENTARI, 1998, p. 20). Inglês (Estados Unidos).

5.8 Sinais com formas classificadoras

A última característica do modelo comum a todas as línguas de sinais pesquisadas foram as formas polimorfêmicas de formas classificadoras que Brentari (1998), em que se abordou verbos de movimento e localização; o exemplo utilizado pela autora foi o descrito na figura do quadro 16, logo a seguir. Brentari descreveu a ação feita nesse sinal dizendo: “Isso significa dois seres encurvados, eretos que, voltados para frente, avançam cuidadosamente lado a lado, do ponto ‘a’ ao ponto ‘b’.” (p. 21)⁶⁸. Essas formas classificadoras na Libras foram descritas por Ferreira (2010), ela ressalta que essas formas são comuns tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais. O uso é mais frequente nas línguas de sinais por serem línguas de modalidade espaço-visual, “[...] explorando também morfológicamente os espaços multidimensionais em que se realizam os sinais.” (FERREIRA, 2010, p. 102).

Os classificadores funcionam nas línguas de sinais como nome, adjetivo, advérbio de modo ou locativo; eles são incorporados ao verbo ou ao adjetivo. Os classificadores atuam como partes do verbo nas frases nomeando esses, como nos casos de movimento ou de localização. Eles podem variar devido a algumas características referentes à ação dos objetos no evento de sinalização.

Em Libras, assim como em ASL, os Cls funcionam como partes dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados verbos de movimento ou de localização. [...] os verbos de movimento e localização em Navajo consistem em um tema e um radical que variam de acordo com certas características discerníveis dos objetos ou objetos concebidos como participantes de um evento, seja como autor ou objeto (FERREIRA, 2010, p. 103).

Quadros e Karnopp (2004), descrevem o uso dos classificadores como:

Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma dos objetos. Por exemplo, para descrever uma pessoa caminhando em um labirinto, o sinalizador deve usar um classificador em que a configuração de mão (referindo-se à pessoa) move-se em ziguezague; para descrever um carro andando, o sinalizador produz uma configuração de mão em “B”, que refere a veículos. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 93).

⁶⁸Com o texto: “It means ‘two, hunched, upright-beings, facing forward, go forward, carefully, side-by-side, from point ‘a’ to point ‘b’ (BRENTARI, 1998, p. 21). Inglês (Estados Unidos).

Segundo Quadros (2019, p. 74): “Os classificadores envolvem uma categoria polimorfêmica específica das línguas de sinais.” Essas produções envolvem combinações de sinais altamente complexos com articulações simultâneas, apresentando uma motivação icônica da ação do objeto motivadas pela modalidade espaço-visual e por estruturas de conceitos gerais da língua. Nos SPS, com essas características, encontramos os sinais de COZINHAR, CRIANÇA-PAITER, MANDIOCA, ANEL, PULSEIRA, CESTO, PANELA-BARRO e ESTILINGUE.

No sinal de ANEL em LSPS, o contexto em que foi produzido, referiu-se ao artesanato com que as mulheres indígenas confeccionam o anel de um tipo de coco. Foi utilizada a iconicidade na produção do sinal: para sinalizar o coqueiro que produz o coco, elas usaram o referente ANEL. Essa é uma marca cultural do povo indígena. “A relação cultural está associada ao fato de os grupos sociais elegerem aspectos específicos que possam lembrar o sentido dos sinais.” (QUADROS, 2019, p. 122). Esses sinais apresentam uma forma que lembra algo sobre o referente “incluindo informações de ordem mais conceitual e cultural.”

Foi observado um sinal de classificador de entidade de 1 – PESSOAS/OLHANDO-OUTRA nos sinais Paiter Suruí mostrados a seguir, no quadro. Sobre esse tipo de sinal, Quadros (2019) mostra a diferença entre gestos e classificadores afirmando:

[...] os sinais icônicos denotam conceitos, enquanto os gestos estão diretamente ligados aos eventos. Um exemplo disso são os classificadores que ‘mostram’ uma representação imagética de algo com cunho gestual essencialmente icônico, mas apresentam componentes linguísticos convencionais, que não variam. (QUADROS, 2019, p. 122).

Quadros (2019), descreve três tipos de classificadores: o de entidade, que seriam os de 1 – PESSOA/PASSANDO-UMA-PELA-OUTRA, 2 – PESSOAS/SE-CRUZANDO, entre outros; o de tamanho e forma, que exemplifica com CL para FIO-DENTAL-FINO, FAIXA-TESTA, entre outros; e de manipulação usando o exemplo de COZINHAR, PEGAR-CELULAR, dentre outros. Nessas três categorias de classificadores citados pela autora encontramos sinais da LSPS correspondentes. No classificador de entidade tivemos o 1-PESSOAS/OLHANDO-OUTRA, no classificador de tamanho e forma em LSPS encontramos MANDIOCA, que exemplifica o formato da mandioca na configuração do sinal, ANEL, mostra a forma de colocar o anel no dedo, PULSEIRA, é indicado o local que é inserido a pulseira, CESTO, foi feito o sinal do formato do cesto, PANELA DE BARRO, também é relacionado o sinal com a forma da panela; no classificador de manipulação tivemos o de COZINHAR e ESTILINGUE que mostra uma ação do ato de cozinhar e a forma que manipulamos o objeto.

No quadro a seguir estão os classificadores descritos por Brentari (1998), na ASL e alguns classificadores utilizados em Libras mostrados por Quadros (2019); já outros exemplos de classificadores, encontramos na Libras, conforme citado por Ferreira (2010), e os classificadores encontrados na LSPS:

Quadro 30 – Sinais classificadores.

ASL	Libras	LSPS
CL DE ENTIDADE		
TWO BENT, UPRIGHT BEINGS, FACING FORWARD  Figure 1.15 A polymorphic form in ASL, which means two, hunched, upright-beings, facing forward, go forward carefully, side-by-side, from point "a," to point "b" Fonte: Brentari (1998, p. 21).⁶⁹	UMA PESSOA  Fonte: Quadros (2019, p. 76). DUAS PESSOAS  Fonte: Quadros (2019, p. 76).	1-PESSOAS/OLHANDO-OUTRA  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/elUM4SnJgTs 

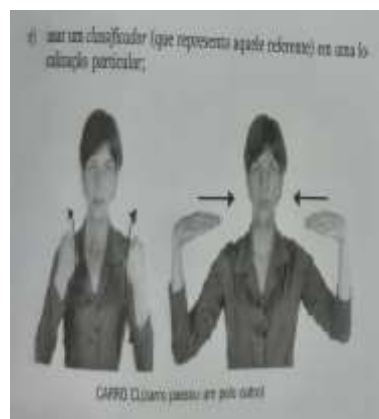
⁶⁹ Com o texto: “ Uma forma polimorfêmica em ASL, o que significa ‘dois seres em pé e curvos, virados para a frente, indo em frente, com cuidado, lado a lado, do ponto “a para ponto b”’.” (BRENTARI, 1998, p. 21). Inglês (Estados Unidos).

VÁRIAS PESSOAS



Fonte: Quadros (2019, p. 76).

CL CARRO



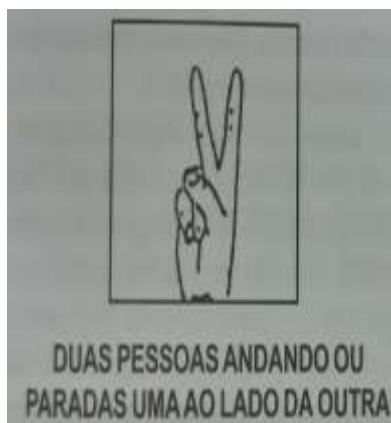
Fonte: Quadros; Karnopp (2004, p. 129).

UMA PESSOA ANDANDO



Fonte: Ferreira (2010, p. 106).

DUAS PESSOAS
ANDANDO OU PARADAS
UMA AO LADO DA
OUTRA.



Fonte: Ferreira (2010, p. 107).

CL ANDAR (pessoa).

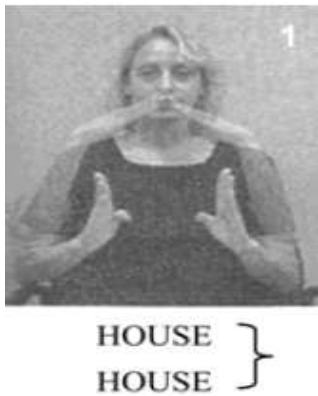


Fonte: Ferreira (2010, p. 105).

CL ANDAR (animal)



Fonte: Ferreira (2010, p. 105).

	DIRIGIR  Fonte: Ferreira (2010, p. 105).	
CL TAMANHO E FORMA		
HOUSE  Fonte: Zwitterlood (2012, p. 165). OBJETO VOLUMOSO  Fonte: Zwitterlood (2012, p. 165).	FIO-DENTAL-FINO  Fonte: Quadros (2019, p. 75). FAIXA-TESTA  Fonte: Quadros (2019, p. 75).	MANDIOCA  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota). https://youtu.be/g_KqSZbm9C0 

MESA-PLANA



Fonte: Quadros (2019, p. 75).

CABO-VASSOURA



Fonte: Quadros (2019, p. 75).

PORTA-RETRATO



Fonte: Quadros (2019, p. 75).

ANEL



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/ulM5yECpPCQ>



PULSEIRA



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/sX4t9J9qQQs>



BAIXINHO



Fonte: Quadros (2019, p. 75).

CESTO



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/wieoEkdKrRU>



PANELA DE BARRO



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).

<https://youtu.be/95°78X8XwuW>



CL DE MANIPULAÇÃO		
BICYCLE  BICYCLE Fonte: Zwitterlood (2012, p. 165).	COZINHAR  (72) COZINHAR Fonte: Quadros (2019, p. 77). PEGAR-CELULAR  (73) PEGAR-CELULAR Fonte: Quadros (2019, p. 77).	COZINHAR  Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).  ESTILINGUE  Fonte: Eler (2017, p. 92). https://youtu.be/SfiGBQZ6W2E 

Fonte: desenvolvida pela autora.

Nos sinais Paiter Suruí registrados, encontramos os sinais classificadores já descritos. Foram poucas as formas classificadoras encontradas, e isso pode se dar pelo fato de termos

poucos sinais registrados. A pandemia impediu visitas na aldeia e o andamento de um projeto de pesquisa com esse grupo de indígenas surdos. Se estivéssemos presentes na pesquisa em campo, talvez já tivéssemos resposta para uma questão como esta, da presença de um número maior de classificadores nos discursos desses indígenas. A seguir segue uma tabela síntese com as oito características citadas por Brentari (1998).

Quadro 31 - Tabela com os oito tipos de formação de sinais descritos por Brentari (1998) e seus correspondentes na Língua de Sinais Brasileira, ASL e nos SPS.

		TIPOS DE SINAIS	LIBRAS E ASL	LSPS
01		Sinais simples de uma mão com movimento local ou de caminho	Movimento local: <u>ASL</u> : UNDERSTAND, YELLOW, ORANGE. <u>Libras</u> : QUARTA-FEIRA, CONHECER, IMPORTANTE, TEORIA, IGUAL, DIFERENTE, CULTURA. Movimento de caminho: FÁCIL e DIFÍCIL	Movimento local: Sinal de GAMBÁ, LÁPIS, MUTUM, ANTA, ARARA e CACHORRO. Movimento de caminho: PEIXE e COBRA.
	Sinais monomorfêmicos	Sinais de duas mãos,	Libras: SENTAR, BICICLETA, NAMORAR e COPO. <u>ASL</u> : Sinal de SIT, BICYCLE, PICTURE, PENCIL. -Sinais com movimentos idênticos: - Sincrônicos: <u>ASL</u> : EGG, TAPE, <u>Libras</u> : RESUMO, RACIOCÍNIO, RESPEITO, IGUALDADE, EDUCAÇÃO, DIDÁTICA, CLARO, COMPRIDO, CHATO, MARCANTE, PRECISAR. - Alternados: <u>ASL</u> : SOCKS, BICYCLE <u>Libras</u> : JUSTIÇA BICICLETA COMPARAÇÃO. CRÍTICA	PAPAGAIO, MUSEU, CANETA e CADERNEO. - Sinais com movimentos idênticos: - Sincrônicos: Sinal de URUCUM, COLAR, CORUJA, VEADO, GATO, GALINHA, PACA, VEADO, CAPIVARA, CAVALO, BURRO, MACACO DA NOITE - Alternados: BATATA-DOCE, BICICLETA, MACACO BARRIGUDO, BICHO-PREGUIÇA.
			- Sinais com uma mão ativa e outra passiva com a mesma forma: <u>ASL</u> : SIT, CHAIR e NAME <u>Libras</u> : SENTAR, CADEIRA, PROIBIÇÃO, ADVERTÊNCIA e APROVAÇÃO.	- Sinais com uma mão ativa e outra passiva com a mesma forma: PRATO, JACARÉ, CALANGO, (segunda parte do sinal), CADERNO (primeira parte do sinal).
			- Sinais com uma mão ativa e outra passiva com formas diferentes: <u>ASL</u> : MOVIE, BANANA. <u>Libras</u> : VOTAR, PERGUNTAR, LISTA, CONFIRMAÇÃO, DETESTÁVEL	- Sinais com uma mão ativa e outra passiva com formas diferentes: VENTILADOR, APONTADOR, BEIJA- FLOR, ARRAIA e CADERNO (segunda parte dos sinais),

03		Empréstimos digitalizados	<u>ASL</u> : OPINION e CAFETERIA <u>Libras</u> : FAMÍLIA, REUNIÃO.	Empréstimo Linguístico nos sinal de ESCOLA e GALO em Paiter Suruí.
04	Sinais polimórficos	Nominais derivados	<u>ASL</u> - (reduplicação) SIT/CHAIR (movimento vibrante): READ/READING <u>Libras</u> : (reduplicação) SENTAR e CADEIRA. (movimento vibrante): LER e LEITURA <u>Libras</u> : (substantivos derivados dos verbos) PENTEAR/ PENTE OUVIR/ OUVINTE.	Não foram identificados no <i>corpus</i> analisado da LSPS.
05		Afixação de acordo,	<u>ASL</u> : DRIVE TO (eu dirijo). <u>Libras</u> : DIRIJO. (eu dirijo) EU BICICLETA. (eu ando de bicicleta) Direcionalidade de alguns verbos. <u>ASL</u> : I GIVE HER. (eu dou a ela) SHE GIVES HIM. (Ela dá a ele). <u>Libras</u> : EU AJUDO. VOCÊ ME AJUDA. EU PERGUNTO VOCÊ. VOCE ME PERGUNTA.	-MOTO LIGAR (eu ligo a moto). - LÁ DUAS BICICLETAS [aponta para casa dele] (lá em casa tem duas bicicletas). - AQUEL@ GALINHA MINHA (aquela galinha é minha). - ESSA MOTO MINHA (essa moto é minha). - LÁ ÁGUA [aponta para a garrafa] (lá na garrafa tem água). Foram pesquisadas pouquíssimas frases com os SPS entre as pesquisadas encontramos estes casos.
06		Formação de compostos	<u>Libras</u> : BOA NOITE, ESCOLA, ONÇA, TIGRE, CAMISOLA, LOIRO, BOM-DIA, BOA-TARDE	ONÇA, PEIXE-ELÉTRICO, PEIXE-PINTADO, GALO, ESCOLA, CADERNO e BARRACÃO.
07		Palavras derivadas contendo	<u>ASL</u> : THINK (pensar) e SELF (auto). ‘pensar em si mesmo’.	Não foi identificado no <i>corpus</i> analisado.

			<u>Libras:</u> - PRÓPRIO-MEU (minha propriedade). - TUDO BEM. (sinal de BOM e POSITIVO); - JANTAR (sinal de COMER e NOITE).	
08		Formas classificadoras	<u>ASL:</u> CL DE ENTIDADE TWO BENT, UPRIGHT BEINGS, FACING FORWARD (dois seres em pé e curvos, virados para a frente). <u>Libras:</u> CL DE ENTIDADE UMA PESSOA. DUAS PESSOAS. VÁRIAS PESSOAS CL CARRO. UMA PESSOA ANDANDO. DUAS PESSOAS ANDANDO OU PARADAS UMA AO LADO DA OUTRA. CL ANDAR (pessoa). CL ANDAR (animal). DIRIGIR. CL TAMANHO E FORMA FIO-DENTAL-FINO. FAIXA-TESTA. MESA-PLANA CABO-VASSOURA PORTA-RETRATO BAIXINHO. CL DE MANIPULAÇÃO COZINHAR PEGAR-CELULAR	CL DE ENTIDADE 1-PESSOAS/OLHANDO-OUTRA CL TAMANHO E FORMA MANDIOCA ANEL PULSEIRA CESTO PANELA DE BARRO CL DE MANIPULAÇÃO COZINHAR ESTILINGUE

Fonte: desenvolvida pela autora.

Essas foram as oito características que Brentari (1998), abordou e que são consideradas um grupo canônico comum às línguas de sinais já pesquisadas. Nos sinais da Língua de Sinais Paiter Suruí, encontramos seis dessas características, que foram: os sinais realizados com uma mão; a segunda, os sinais realizados com as duas mãos, subdivididos em sinais com movimentos idênticos que podem ser de forma sincrônica ou alternada; sinais com uma mão ativa e outra passiva com a mesma configuração; sinais com uma mão ativa e outra passiva com configurações diferentes. A terceira, sinais com afixação de acordo, e a quarta, na característica de empréstimos digitalizados, tivemos o empréstimo linguístico; a quinta característica é a da formação dos sinais compostos e a última abordada pela autora foi a de sinais com formas classificadoras. Em termos de formas classificadoras, encontramos nos sinais da LSPS os três tipos citados por Quadros (2019): o de tamanho e forma, o de entidade e o de manipulação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises feitas nesta pesquisa demonstram a contribuição e importância dos estudos linguísticos das línguas sinalizadas para essas línguas aqui denominadas línguas locais. De acordo com Leite e Quadros (2014), o registro dessas línguas faz parte da preservação do patrimônio histórico, cultural e linguístico dessas comunidades para que tais línguas não desapareçam.

Portanto, para esclarecer as considerações finais desta pesquisa, relembramos que o direcionamento inicial do estudo está nesta questão: Os sinais Paiter Suruí apresentam a mesma estrutura dos sinais da ASL e da Libras, considerando os oito critérios que passam a ser descritos por Brentari (1998), acerca de qualquer língua de sinais? Ou seja, a grande questão levantada foi verificar se o uso dos sinais na LSPS obedecia aos cânones universais descritos por Brentari (1998), sobre a formação dos sinais em qualquer língua de sinais no mundo.

Diante dessa questão, foi feito a comparação entre a ASL, a Libras e a LSPS, a conclusão a que chegamos é que as LSPS passam pelos critérios descritos por Brentari (1998), pois trata-se uma língua, enquanto língua, manifesta todas as características proposta pelos universais propostos para as línguas de sinais. Durante a pesquisa, passamos pela pandemia de Covid-19, o que impossibilitou a retomada da produção de dados na comunidade indígena. Assim, utilizamos para análise o material produzido nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017 e 2020).

O objetivo da pesquisa de fazer uma análise comparativa dos sinais Paiter Suruí registrados nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017 e 2020), com sinais de outras línguas se sinais nacionais entre elas a ASL e a Libras, foi alcançado com base nas oito características apontadas por Brentari (1998).

Nas análises dos sinais da LSPS, das oito características descritas por Brentari (1998), encontramos seis na LSPS. A hipótese é que as outras duas características também estejam presentes nessa língua, não foi possível captar nos dados devido à pandemia que impossibilitou a visita em campo, talvez se tivéssemos conseguido ir a campo teríamos encontrado as outras duas características que não foram identificadas no *corpus* analisado.

Desse modo, as seis características encontradas foram: a primeira, sinais realizados com uma mão; a segunda, sinais realizados com as duas mãos; a terceira, sinais com afixação de acordo; na quarta, característica de empréstimos digitalizados, tivemos o empréstimo

linguístico; a quinta característica foi formação dos sinais compostos; e a última encontrada foi a de sinais com formas classificadoras.

Assim, as duas características não identificadas no *corpus* analisado foram as de sinais com nominais derivados, que são sinais formados a partir de radicais de verbos – como exemplo disso, tivemos o sinal em ASL e em Libras, de SENTAR e CADEIRA. E a segunda, a de palavras derivadas de afixos de aspecto gramatical, que são desdobramentos de ordem temporal e gramatical que acontecem no discurso envolvendo objetos e pessoas no momento da sinalização – como exemplo disso, na ASL, foi utilizada a expressão ‘pensar em si mesmo’, em que são sinalizados dois sinais que ao se juntarem a formam.

Em vista disso, as hipóteses levantadas foram confirmadas, pois os sinais registrados por Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017 e 2020), contribuíram significativamente para as análises feitas nesta pesquisa. As análises comparativas entre ASL, Libras e LSPS contribuem para o reconhecimento dessa língua local como língua natural da comunidade e afirmação linguística dos seus sinalizantes. Assim, os objetivos da pesquisa foram alcançados.

Então, do ponto de vista histórico, os indígenas Paiter Suruí, tiveram seu contato como o não indígena em 1969, sua terra foi demarcada em 1976, sendo homologada em 1983, pelo presidente João Figueiredo, através do Decreto Federal nº 88.867/83. Sua língua materna é a Paiter Suruí, de origem do tronco tupi, da família linguística mondé. Tem sua organização social em clãs, sendo eles: Gapgir, Makor, Gamep e Kaban.

Nos anos 80, suas atividades de organização econômica descritas por Mindlin (1985) eram responsabilidade dos homens, o suprimento de alimentos (de caça e pesca e pela organização e cultivo da terra para o plantio de alimentos) e as mulheres, por cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e na produção de cestos, cerâmicas. Com o passar do tempo, houve mudança nesses costumes, pois os indígenas atuam em profissões na comunidade como enfermagem, agente de saúde, na educação como professores. Essas atividades auxiliam no sustento das famílias, além da caça e pesca, da agricultura e criação de animais. Entre os produtos agrícolas que cultivam estão frutas como abacaxi, laranja, melancia para consumo próprio e, como alternativa econômica, arroz, feijão e café.

No ano de 2020 foi fundada a Cooperativa Paiter Suruí (Coopsur). Essa cooperativa está localizada na aldeia Gapgir, sendo sua atividade principal a coleta da castanha-do-pará nas florestas nativas.

Na Terra Indígena Sete de Setembro, a aldeia Gapgir está localizada a 45 km da cidade de Cacoal. Nessa aldeia vive um grupo de indígenas surdos com idade entre 10 e 25 anos. Esse grupo é composto por oito indígenas surdos que se comunicam entre si e com seus familiares e

comunidade através de sinais próprios criados por eles, de alguns sinais da Libras, apontamentos quando não são compreendidos. Esses indígenas surdos são nossos consultores nativos.

Dessa maneira, o aporte metodológico foi significativo no trilhar da pesquisa. A metodologia de pesquisa pós-crítica nos permitiu a produção do conhecimento por meio de análises comparativas, seguindo premissas teóricas de Brentari (1998) sobre a ASL, Quadros (2019), Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira (2010), sobre a Libras. As análises foram feitas a partir do *corpus* produzido nas pesquisas de Costa (2017), Gregianini (2017) e Eler (2017 e 2020). O percurso metodológico nos permitiu elaborar nossas análises a partir do *corpus* disponibilizado, possibilitando um modo inovador de direcionar o olhar para onde os caminhos escolhidos contemplam os objetivos traçados, de modo a responder aos nossos anseios e indagações sobre nosso objeto de pesquisa.

Com base nas análises realizadas a partir das oito características apontadas por Brentari (1998), que são consideradas um grupo canônico comum às línguas de sinais já pesquisadas, encontramos nos sinais Paiter Suruí seis delas: a primeira foram os sinais realizados com uma mão – como exemplo, na LSPS, temos os sinais de PEIXE, COBRA, LÁPIS, MUTUM, ANTA, ARARA, dentre outros. Na segunda, de sinais realizados com as duas mãos, tivemos os sinais de PAPAGAIO, MUSEU, ESTILINGUE, URUCUM, CORUJA, VEADO, dentre outros. Na terceira classificação, a dos tipos de sinais com empréstimos digitalizados, tivemos o empréstimo linguístico nos sinais de ESCOLA e GALO. Na quarta característica, os nominais derivados não foram identificados no *corpus* analisado. Na quinta característica, sinais com afixação de acordo, tivemos as frases MOTO LIGAR; LÁ DUAS BICICLETAS [aponta para a casa dele] (lá em casa tem duas bicicletas); AQUELA GALINHA MINHA (aquela galinha é minha); ESSA MOTO MINHA (essa moto é minha); LÁ ÁGUA [aponta para a garrafa] (lá na garrafa tem água). Na sexta característica, a da formação dos sinais compostos, tivemos os sinais de ONÇA, PEIXE-PINTADO, PEIXE-ELÉTRICO, CADERNO, BARRACÃO, IGREJA, ESCOLA. A sétima, de palavras derivadas contendo afixos de aspecto gramatical, não foi identificada no *corpus* pesquisado, e isso pode ter ocorrido pelo fato de haver poucos sinais registrados, havendo necessidade de uma produção de dados no campo para essa especificidade. E a última, a de sinais com formas classificadoras, LSPS, encontramos, com essas características, o sinal de 1 - PESSOAS/OLHANDO-OUTRA, COZINHAR, CRIANÇA-PAITER, MANDIOCA, ANEL, PULSEIRA, CESTO, PANELA-BARRO e ESTILINGUE.

As duas características não encontradas ficam em aberto para futuros pesquisadores se desdobrarem no caminho da pesquisa para estudos futuros.

Diante do exposto, verifica-se a importância da realização de pesquisas com grupos de sinalizantes de línguas locais que venham a contribuir para o reconhecimento delas enquanto línguas naturais.

Nas palavras de Leite e Quadros (2014), o registro e pesquisas com línguas de sinais locais contribuem para a preservação do patrimônio histórico-cultural de grupos linguísticos com número reduzido de falantes, entre estes, os indígenas surdos consultores nesta pesquisa. Dessa maneira, contribuimos para a valorização da diversidade linguística dos indivíduos surdos no território nacional e mundial.

Portanto, esta pesquisa contribui para estudos acerca da estrutura linguística da LSPS (Língua de Sinais Paiter Suruí) utilizada para a comunicação entre os surdos indígenas da comunidade. Esses indígenas surdos estão distantes da comunidade surda mais próxima. Assim, o estudo fortalece o reconhecimento da LSPS ao tratar comparativamente dela com a ASL e a Libras, e mostra a importância que as línguas locais ou não oficiais necessitam ser pesquisadas e reconhecidas como legítimas, pois cumprem a necessidade linguística de um grupo de pessoas para o ato comunicativo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-SILVA, A.; NEVINS, A. I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). **Linguagem & Ensino** (UCPel), v. 23, p. 1029-1053, 2020.
- ANDREIS-WITKOSKI, S. **Introdução à Libras: língua, história e cultura**. – ISBN: 978-85-7014-143-9, Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.
- ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A. F. de. Línguas de Sinais Emergentes no Brasil: o caso da Língua de Sinais Macuxi. **Norte@mentos**, v. 14, n. 37, p. 224-240, 2021.
- AZEVEDO, M. J. S. de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Letras Artes da UEA, Manaus/AM: 2015.
- BARRETOS, E A. **A situação de comunicação dos Akwê-Xerente Surdos**. Dissertação (Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BRAGA, A. L. S. **Educação e formação profissional de surdos: o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1907-1930)**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. 2018.
- BRASIL. **Decreto no. 88.867**, de 17 de outubro de 1983. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/0ND00028.pdf>> Acesso em: outubro/2021.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.ht> Acesso em: setembro / 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em: outubro/2020.
- BRENTARI, D. **A Prosodic Model of Sign Language Phonology**. Speech, and Communication, Cambridge, MA, MIT Press. Ebook isbn13: 9780585078465, 1998.
- BRENTARI, D.; PADDEN, C. A. Native and foreign vocabulary in American Sign Language: A lexicon with multiple origins. In BRENTARI, D. (ed.). **Foreign Vocabulary in Sign Languages**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. 87-119, 2001.
- BRENTARI, D.; ECCARIUS, P. Handshape contrasts in sign language phonology. In. BRENTARI, D (eds.). **SIGN LANGUAGES. Published in the United States of America by Cambridge University Press, New York**. ISBN-13 978-0-511-71301-9 eBook (NetLibrary); ISBN-13 978-0-521-88370-2 Hardback, p. 284-311, 2010.

BRENTARI, D. *Phonology*. In : PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language. Handbooks of linguistics and Communication Science**. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090, p. 21-54, 2012.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação dos surdos**. Tese de Doutorado. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91182>>. Acesso em: dezembro/2020.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopedia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras**. 1º ed. 3ª reimpressão. São Paulo: CNPq/[Fundação] Vitae/Fapesp/Capes/Inep/Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; TEMÓTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos**. 1º ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CARVALHO, R. J. A língua de sinais e um breve histórico da educação surda. **Revista Arara Azul**, 7ª edição, 2011. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/edicao/61>>. Acesso em: setembro/2021.

CERQUEIRA, I. de F. **Vendo vozes e ouvindo mãos: o que os sinais caseiros nos dizem sobre aquisição de linguagem ou da linguagem**. Tese de Doutorado no Programa de Pós Graduação de Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

CERQUEIRA, I. F.; TEIXEIRA, E. R. Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do Município de Cruzeiro do Sul/AC. **ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Ocidental**, ano 05, nº 08. 2016.

CHACON, T. C. et al. Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística e pesquisa. **Iphan**, Brasília, Distrito Federal, v. 1. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/indl/pagina/detalhes/1243>. Acesso em: novembro/2021.

COELHO, L. L. **A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola**. – Dissertação de mestrado. Programa Pós-Graduação – em Educação, da Faculdade de Educação da UFGD. Dourados/MS: 2011.

COELHO, O. C. Formação de Surdos: ao encontro da legitimidade perdida. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 22, p. 153-181, 2004.

COSTA, B. S. L. **“Milagre do efatá”**: discursos e práticas do catolicismo na educação de surdos no Brasil (1950-1980). Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

COSTA, M. G. L. **Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar**. Dissertação do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - Porto Velho/RO: 2017.

CRASBORN, O. Phonetics In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language**. *Handbooks of linguistics and Communication Science*. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090, p. 04-20, 2012.

DAY, Matthew W. G. *Processing*. In PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language**. *Handbooks of linguistics and Communication Science*. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090, p. 687-710, 2012.

ELER, R. R. S. **Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí**. Dissertação do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - Porto Velho/RO: 2017.

ELER, R. R. S. **Língua de sinais Paiter Suruí: sinais do ambiente escolar**. 1ª ed. Ji-Paraná-RO: Clube dos Autores, ISBN 978.65.00.01316-0, 2020.

FARIA-DO-NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. (orgs.) **Série Estudos de Língua de Sinais**. Florianópolis: Insular. v. I, p. 79-113, 2013.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto**. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <https://www.faseh.edu.br/biblioteca/arquivos/acervo_digital/Libras_em_contexto_Livro_do_Professor.pdf>. Acesso em: março/2021.

FENLON, J., CORMIER, K.; BRENTARI, D. (in press). The phonology of sign languages. In: HANNAHS, S. J.; BOSCH, A. (Eds.), **The Routledge Handbook of Phonological Theory**: Routledge. 2017.

FERREIRA, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FRISHBERG, N.; HOITING, N.; SLOBIN, D. I. *Transcription*. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language**. *Handbooks of linguistics and Communication Science*. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090, p. 1045-1074, 2012.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse de langues des signes: études des langues de signes émergentes (LS ÉMG) pratiquées par de sourds brésiliens**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade de Paris, Paris, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6ª edição – São Paulo: Atlas, 2008.

GIROLETTI, M. F. P. **Cultura surda e educação escolar Kaingang**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Inclusivos da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC: 2008.

GODOY, G. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. 2020, 385f. Tese (Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GREGIANINI, L. C. B. **Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade**. Dissertação do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - Porto Velho/RO: 2017.

HOHENBERGER, A.; LEUNINGER, H. *Production*. In PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language. Handbooks of linguistics and Communication Science**. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090, p. 711-738, 2012.

KLEIN, C.; DAMICO, J. O uso da etnografia pós-moderna para investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, D. E. PARAÍSO, M. A. (orgs.). **Metodologia de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 63-86, 2012.

LEITE, K. G. **Nós mesmos e os Outros: etnomatemática e interculturalidade na escola indígena paiter**. Tese de doutorado da Universidade Federal do Mato Grosso no programa da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Cuiabá, 2014.

LEITE, T. de A.; QUADROS, R. M.; Língua de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. (orgs.) **Série Estudos de Língua de Sinais**. Florianópolis: Insular. v. II, p. 15-28, 2014.

LIMA, J. M. S. **A criança indígena surda na cultura Guarani-Kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola**. Dissertação. (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS: 2013.

LODI, A. C. B. Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.

MARSAJA, G. *Desa Kolok and its Deaf people. Learning Communities | Special Issue: Indigenous Sign Languages | Number 16 – September 2015*. Disponível em: <<https://www.cdu.edu.au/sites/default/files/the-northern-institute/10.18793/lcj2015.16.05.pdf>> Acesso em: maio/2021.

MEIER, R. P. *Language and modality*. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language. Handbooks of linguistics and Communication Science**. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090. p. 574-600, 2012.

MENDES, M. **Educação escolar indígena Paiter Suruí e sua relação com os etnoconhecimentos**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Cáceres/MT. 2017.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. e A. (orgs.). **Metodologia de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MINDLIN, B. **NÓS PAITER**: Os Suruí de Rondônia. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1985.

MINEIRO, A.; CARMO, P. Língua Gestual de São Tomé e Príncipe. **Revista de Estudos Linguísticos** da Universidade do Porto - Vol. 11 - 2016 - 161-182.

MOTA, O. M. **Análise da aplicação normativa para implementação da língua brasileira de sinais no município de Ji-Paraná**. Dissertação do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - Porto Velho/RO: 2020.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter/Fapesp, ISBN: 8573093889, 2000.

NASCIMENTO, L. C. R. Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.255-265, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/807/822>>. Acesso em: Agosto/2021.

NYST, V. *Shared sign languages*. In : PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language. Handbooks of linguistics and Communication Science**. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090. p. 552-573, 2012.

OVÍDEO, A. Vuelta a un hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: la mimographie de Bébien en el sistema de transcripción de Stokoe. **Revista de la Escuela de Ciencias del Lenguaje de la Universidad del Valle**, 2009, 37 (2). p. 293-313. Disponível em: < <https://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php/lenguaje/article/view/4898>>. Acesso em: setembro/2022.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. (Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 23-46, 2012.

PAULA, D. C.; PRADO, R. A História da educação de surdos e as principais filosofias pedagógicas. (orgs) LIMA, N. R. W; DELOU, C. M. C; PERDIGÃO, L. T. **Pontos de vista em diversidade e inclusão**, vol. 3. Niterói- RJ Associação Brasileira de Diversidade e Inclusão (ABDIn), 2017.

PEREIRA, É. L. **“Fazendo cena na cidade dos mudos”**: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí; Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis/SC: 2013.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. *Sign Language. Handbooks of linguistics and Communication Science*. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090, 2012.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. *Libras- Linguística para o Ensino Superior*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.

REILY, L. *Escola Inclusiva: Linguagem e mediação*. São Paulo: Papirus, 2004.

ROCHA, S. *O INES e a Educação de Surdos no Brasil*. V. 1, 2ª edição (dez. 2008). Rio de Janeiro: INES/2008.

SACKS, O. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Trad. Laura T. Motta. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. *Sign language and linguistic universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SILVA, Diná Souza da. **Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil**: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE). Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2021.

SILVA, A. A. SILVA, C. A. SANTOS, S. C. MEDEIROS, A. F. SURUÍ, N. A. O ritual mainaí no processo de construção da territorialidade paiter suruí. **Revista Franco-brasileira de Geografia**, vol. 24, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/confins.10218>>. Acesso em: novembro/2021.

SOARES, P. A. S. *Língua Terena de sinais> análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos os terena na Terra Indígena Cachoeirinha*. Tese de doutorado em Linguística de língua Portuguesa - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara/SP: 2018.

SPICACCI, A. A. C. Traduzindo o dialeto do personagem chico bento do português para Libras por meio da ELIS. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 40-56, jan. / jun., ISSN: 2448-0797, 2018.

STOIANOV, D.; NEVINS, A. *The phonology of handshape distribution in Maxakalí sign. Sonic signatures: studies dedicated to John Harris*. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, p. 231-62, 2017.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Licenciatura em Letras Libras na modalidade à distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

SUMAIO, P. A. **Sinalizando com os terena**: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos. 2014. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista

Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara/SP: 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115690>>. Acesso em: maio/2022.

SURUI, C. **Reflorestamento da Terra Indígena Sete de Setembro: uma mudança da percepção e da conduta do povo Paiter Suruí de Rondônia**. Brasília, 2013. Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissional) - Programa de Mestrado Profissional de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília.

SURUI, J. **A escrita da língua materna nas escolas indígenas Paiter Surui ãh sodig nã goe tig esade paiter ey emã sodihg ah ey ka ewe**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Escolar) – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – UNIR, Porto Velho, 2018. 141 fls.

TAUB, S. F. *Iconicity and metaphors*. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language. Handbooks of linguistics and Communication Science**. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090. p. 388-411, 2012.

VILHALVA, S. **Índios surdos: mapeamento das Línguas de sinais do Mato Grosso do Sul**. Petrópolis - RJ: Arara Azul, 2012.

ZWITSERLOOD, I. *Classifiers*. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (eds.) **Sign Language. Handbooks of linguistics and Communication Science**. Berlin, Germany: Mouton de Gruyter. ISBN 978-3-11-020421-6, ISBN 978-3-11-026132-5, ISSN 1861-5090. p. 158-185, 2012.

ANEXOS

COCAR



Fonte: Costa (2017, p. 150).

IGREJA



Fonte: Gregianini (2017, p. 143).

MUSEU



Fonte: Gregianini (2017, p. 148).

URUCUM



Fonte: Gregianini (2017, p. 114).

COLAR



Fonte: Gregianini (2017, p. 123).

BATATA-DOCE



Fonte: Costa (2017, p. 160).

BICICLETA



Fonte: Costa (2017, p. 110).

PRATO



Fonte: Costa (2017, p. 136).

VENTILADOR



Fonte: Costa (2017, p. 133).

LIGAR MOTO (sinal de 'ligar moto' em Paiter Suruí).

1) **LIGAR MOTO** (Dar a partida na moto)



Fonte: Costa (2017, p. 110).

BARRACÃO



Fonte: Costa (2017, p. 123).

CASA



Fonte: Costa (2017, p. 121).

MANDIOCA



Fonte: Costa (2017, p. 156).

ANEL



Fonte: Costa (2017, p. 152).

PULSEIRA



Fonte: Costa (2017, p. 154).

PANELA DE BARRO



Fonte: Gregianini (2017, p. 133).

COZINHAR



Fonte: Costa (2017, p. 134).

ESSA MOTO MINHA (essa moto é minha)



Fonte: Costa (2017, p. 111).

LÁ ÁGUA [aponta para a garrafa] (lá na garrafa tem água).

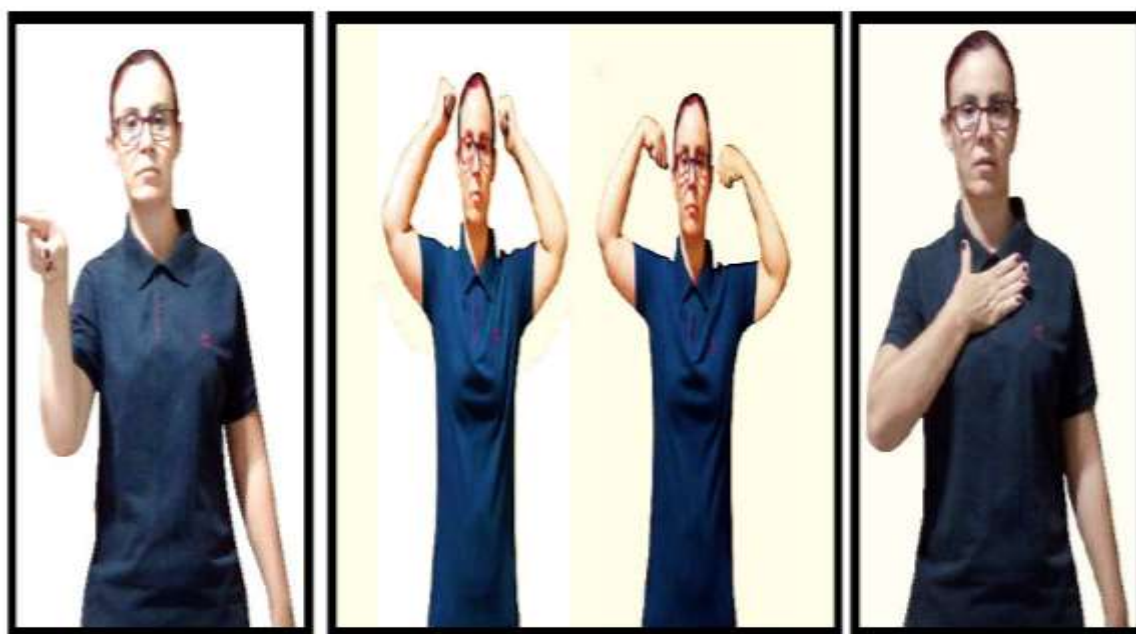
4) LÁ ÁGUA [aponta para a garrafa] (Lá na garrafa tem água)



Fonte: Costa (2017, p. 111).

AQUELA GALINHA MINHA (aquela galinha é minha).

3) AQUEL@ GALINHA MINHA (Aquele galinha é minha)



Fonte: Costa (2017, p. 111).

LÁ DUAS BICICLETAS [aponta para casa dele] (lá em casa tem duas bicicletas).



Fonte: Costa (2017, p. 112).

GALINHA



Fonte: Costa (2017, p. 111).

MEU/MINHA



Fonte: Costa (2017, p. 111).

AQUELA



Fonte: Costa (2017, p. 112).

MOTO



Fonte: Costa (2017, p. 111).